Assédio Textual Contra as Turbas Ignaras

Maike Cabral

Tempo dos gaudérios

Há sentimentos inatuais que sobrepõem ventos modernos

rasgando as entranhas da mixórdia

alinhando ignaros na concórdia

sem lúridos tortuosos dos infernos.

Surgem em tempos de morte

qual sorte que domina o petulante

infesto em seu horror tão exultante,

melindroso no estorvo de tal corte.

Eu sinto seu cheiro...

na ponta do austero isqueiro,

nas cinzas de um zângano zelote.

Entre a brisa que anuncia o malsonante

este infeliz, tão exultante!

exala triste brado enojadiço,

pois, profanador movediço

rompe altares em jactantes vãos

onde loucos, finalmente sãos,

são gaudérios entre poucos quistos.

Morte aos asnos das esquinas férteis!

É preferível que um só morra

Suas palavras são de um ácido fel mortífero

embebidas em horror tão seco, ilícito,

calculadas pela cínica e espúria malícia.

Porém, por mais que o mal tenha tal poder enegrecido

de ocultar uma intenção sub-reptícia

- em mortalha de boa vontade -

na aparência política mais vetusta e sóbria,

é preciso ressaltar:

Mesmo o que cai faz do bem elevadiço.

Folhas que caem do madeiro

Quando chega o vento que lava cadáveres
e a brisa se esconde em seus nódoos cabelos,
removidas são as imagens em quaisquer espelhos
sem reflexos das vidas multitudinares.

Porque nascemos da dor
com amor,
no desespero.

O culto de cada invisível sopro do além
que desprende o cordão do umbigo mais possessor
qual leve urdidura, em mais trépido horror,
nos arranca um próspero remido - amém!

Porque vivemos do desespero
com dor,
no amor.

E a prisão foi a própria liberdade de espírito
aquela que foge ao sátiro esmero
das vadias lôbregas, no mais nudo desterro,
vitórias de um asno: seu fático arbítrio.

Porque morremos do amor
com desespero,
na dor.

Quanto mais queremos o bem mais excitamos o mal sempiterno.

Ventos do além

Nos trazem a voz que se cala, mas sempre nos diz:

que por detrás da melancolia sensível

travestida de pós nostalgia,

qual fábulas ardentes em meios bocejos,

há o que há sem haver existido.

Como um que é o valor de se ter por esmola

de pobres rizonhos à falsários idólatras,

na cadente escória em reduto infecto de andor revolvido jaz obscuro,

na tundra do exílio,

o amor das milhões de ovas do paraíso.

Respiro em silêncio…

pois sei que não sei a ignorância do passo seguinte

embebido em mais robusto e fausto requinte

que irá me ferir de ruídos incêndios.

A morte.

é este furor de um ponto final,

antes de tudo um *aquém*, depois de nada um *sinal,*

que nos move ao redor pelos ventos do além.

Antropofagia psíquica

Não é por acaso que muitas almas se perdem pelo encontro casual consigo mesmas, embora a brusca imprecação mortífera provenha do contato raso com os transeuntes psíquicos do dia a dia.

Esta é a pior parte da decomposição ideal dos espíritos, que se dá nas entranhas de uma relação pestífera com o amigo imaginário não presente.

O homem médio está cansado de olhar para a vasta alcova de sua memória etérea e busca, energumenamente, a cura momentânea da paixão avassaladora pelo *intersticial* em seus gostos e desgostos grulhentos. Aí reside uma tara genética, portanto, antiga.

Talvez o sucesso dos ensabonetados de tez macia e luz no olhar se alicerce nesta ávida rapina por gente morta. Sim, morta pelo veneno acético de estelionatários bruxuleantes que mal resistem seriamente ao olhar de um janota bem confesso.

Esta é a edaz mania dos vampiros num espelho mágico de prazeres miquelinos que rondam a desonra plangente.

Na sombra deste incauto arbusto que esconde o rosto de um demônio insosso, eles buscam as crianças que se buscam no vidro pequeno banhado à lustre - tomando a cela das carteiras do apedeuta contemporâneo! - enquanto aspiram que você queira comer outras almas… sim, como um antropófago psíquico e vegetariano se descobrindo *repolho* junguiano!

Ladinos entrópicos, eis o que são; lambaios anímicos, eis o que querem.

O cuspe

Nossa mãe já dizia: meninos!, guardem as gotas de suas perfídias sob suas línguas empapussadas de víboras.

Isto porque, de nós, só sairão tais entes renitentes de profunda escória, resumidos em úmidas salvas ao chão - tão nobre chão! - destino cego do ar solícito.

Mas Deus, em sua infinita misericórdia, até mesmo do mais ínfimo ato da pouca educação fadada à polidez sovina retira seu vinho vital e víndimo - especialmente de tal geba tragédia! - descendo o linho do céu ao farrapo barro da terra.

Então, diante de tal milagre e mistério formoso, o clamor de nossas ninfas sôpegas se transforma em um tipo especial de vergonha que supera a timidez vacilante com um grito de esperança e vitória:

"Cuspa, meu Deus, não só no tablado quente, mas igualmente em nossas faces cegas!"

Uma cusparada divina: eis o que nos curará das falências sublunares, da mais tola vanglória.

Amarga culpa, amarga

Os amargos sentem culpa quando não cumprem uma espectativa imaginada. Os culpados não se amarguram quando imaginam espectar uma saída ante o reclame da consciência.

Infeliz indulgência: a daqueles que não distinguem bem os limites entre essas duas concubinas…

Não é fácil relacionar a autoria sã de um movimento acabado com sua respectiva condolência em figura de fel, mais ainda saudar o paladar com o coração contrito que preparou tal manjar.

Como as folhas no outono que são destinadas ao tablado seco da morte, toda a sorte se traduz em seios secos sem mel. É por isso que o conciencioso se remorde em angústias tolas dentro do palácio fácil de seus favores e, entre mil cores, escolhe as cinzas de sua fogueira extinta por lágrimas.

Portanto, saber o que fazer; quando fazer; e como fazer é tarefa táctil do sábio da vida que, remoído entre fartas feridas, reluzido meio a trevas solares, reduzido à falsos delírios - aporta o futuro remido nos torvelinhos de instantes em dúvida.

A boa atitude é aquela que nunca a sequela deixa levar.

O encosto quadrilátero

As vezes a fantasia desmonta o castelo de realidade onde habitamos, e é nesta ambígua hora, onde o tombo dói e reclama salvas, que a realidade mostra a fantasia - em seu desvelo de noiva - na argamassa tórrida que mantinha em matrimônio cada tijolo. Esta é uma constatação, não uma imprecação esperançosa.

Isto podemos notar em cada deslize diário; em nossas redomas mais noturnas; no fustigar de alegria que exorta um caminhão de vanidades; na explosão do coração de uma alma tartamudeando junto à serpente que pragueja aos anjos ceifadores de misérias.

Para tal, temos um encosto quadrilátero - um tanto quanto rodilho - entre as calças e cutículas ainda por remover, guardando no peito sua alcova falaz que manda no mal a aquiescer, enquanto as tafus sedutoras rebolam puro ar de geba (nisto as bruxuleantes tentativas de se expor ao rico anseio acabam por se tornar um paraíso de lágrimas).

O referido encosto, antes apenas um espírito zombeteiro, agora, fiel mensageiro, nos boleia na viajem astral à procura do nada; onde o exprobador do agora se torna o hebetado do futuro, retido entre meias, botas e estolas fúnebres; caído em teias, solas e devotas janotas: uma perfeita concussão mental!

Eis o embusteiro do século, atraindo sabujos ao limiar dos infernos!

O lugar do contraste

Se observarmos bem, toda a natureza é um extensivo jogo de contrastes. Nada existiria se não houvesse a contraposição radical entre elementos, que longe de serem absolutamente opostos, são necessariamente complementares.

Todo o simbolismo - natural, espiritual, estético - se baseia neste fato: para se existir como uma coisa é preciso não existir como outras - embora seja necessário ter de todas algum elemento de semelhança, de conjunção. E este elemento é justamente a essência fundamental do simbolismo, cuja possibilidade está assentada na realidade do contraste.

Transposta essa percepção para o plano da convivência humana, encontraremos infindáveis exemplos de contraste operando como força de manutenção da variedade existencial. Praticamente todas as instituições (reflexos de nossa natureza associativa por objetividade) guardam em si a dinâmica simbólica de seu jogo de luz e sombras - mas a mais significativa delas é, sem dúvida, o hospital.

O hospital é tanto o local do nascimento quanto da morte; da mazela quanto da cura; das lágrimas de dor quanto de alegria; da despedida do ar quanto do seu encontro. Este recinto é o anfiteatro onde se passa o espetáculo mais contrastante da terra, recolhendo em suas salas a passagem para a ação contínua no tempo e a discreta paragem descontínua na eternidade. Ali, numa simples tarde, encontraremos o paramento fúnebre da morte se esbarrar com os enxovais delicados de uma nova infância; o cheiro do éter moribundo se encontrar impunemente com o mais puerpério olor; o obituário temido ser impresso com as mesmas tintas do bem amado certificado de nascido.

Uma alma nunca mais será a mesma após ser arrebatada pela percepção cabal desse contraste, por incrível que pareça, tão banal. Pois, quantas foram as ocasiões que o destino nos propôs tê-la sem que nós, nem ao menos de soslaio, desejamos concebê-la? No entanto, este reduto de contraste continua a remetê-la pelo simples fato de sua existência ser o símbolo da história do homem, que é: nascer para ser tratado e, quem sabe, curado para o além morte.

Contudo, o lugar do contraste é bem mais que este símbolo sanatório de nossa circunstância. Ele é a existência humana enquanto tal; em seus mais ínfimos detalhes insuspeitos; como um grau superior de verdade onde tudo na história pode colidir (e coincidir) nessa estalagem providencial.

No homem, vida e morte habitam em andares tão próximos que denunciam sua condição de inquilinas de um mesmo Senhor.

Reminiscências de outono

Existem épocas que nunca participam do tempo

por não passarem de fantasmas sobressalentes que,

ao invés de encontrarem luzes latentes,

Induzem a alma à dissolução no vento.

Sorrio *em passado…*

Onde as mais cálidas sensações se transmutam em parcos alimentos

dos pulhas amantes, insólitos rebentos!

antípodas de um mistério jamais relembrado.

As artimanhas da nau dos loucos ainda encontram navegantes

de pasmo belo sorriso,

de salto breve no instante.

E todo verão passa a ventre deste inferno moroso,

reduzindo ao intento as sôfregas almas

do antro mortificio, nas lôbregas salvas,

como o sexo dos anjos feridos por gozo!

Não quero mais temer a alegria do abismo, pois ela é o

despertar do andar de sonâmbulo.

Entre o leão e a balança

Estás, ó mulher, sempre no meio,
sublime, luzida, ditosa
como uma plácida ventura formosa

que transporta a todos – abrolhos – no seio.

A justiça a ti escuta como um feliz saltério,
pergunta como deves ser com estes seus frêmitos,
maculados insólitos – em trêmulos –
tua interrupta vida é mistério.

O rugido que lhe antecipa, ó virgem! aponta a medida adiante,
não há quem escape ao fremer ante tal eterno império,
somente o réprobo célere jamais mendicante.

No céu ou na terra – no crepúsculo ou na aurora;
no corpo padecente ou no corpo militante,
nada se impõe ao olor glorioso desta revenida Senhora.

Os homens gritam, mas o Senhor é um leão devorador de pecados;
enquanto palpitam frenéticos em seduções desancoradas,
fendidos meio à deriva, em palpitas sombras caladas,
o penhor da justiça não contrabalança meados;
antes impõe o teor de seu pleno
gozo salutar, vívido – mudo remito –
enquanto com jarro aquoso banha-nos a mãe do meio!

A fábrica do Porco-sujo

Existem inúmeras formas de se errar um cálculo,
mas a resposta correta sempre será unívoca;
por mais que se rebole e torça – numa assíntota –
sempre será o tentar por demais inóculo.

Encontramos, como num enxame,
os erros esgarçarem-se ao milhéis,
com caldos côncavos, em quadrados tonéis,
sem que nada exija exame.

Infames pilhéricos, barcos sôfregos, múmias paralíticas do além
sorvendo o sangue relutante dos mamíferos elétricos
nas águas mornas cuspidas ao acaso – amém!

Ventres corrediços e histéricos
por gambitos diabólicos são assaltados,
revirados nas telas, avessos etéreos.

Donde toda a imundície escoa
da fábrica de sonhos apichelados
onde seus languidos tensos prelados
agilizam a limpa da proa.

Ó, homens de glúteos mimados!
Sentados, mofados, ridículos em estofados,
gorgolejam por azeites lépidos da vida boa.

A cova dos verdes

Num inútil espaço, te encontrei
perdida entre milhares de asnos rocambolescos, perguntei:
Onde foi mesmo que vim parar?

O mundo jaz num colorido tão atroz que minhas vistas ardem geladas
num esquife mortuário de beneplácitos zombeteiros
onde o homem sentado à sombra das frias lavas vulcânicas pestaneja.

Nesta cova nada há que não seja pecado;
rodeado de luzes estão as sombras salpicadas dos mortos
a luzir, serpenteados e tortos
nos que calculam o mal pelas excrecências dum celerado.

É verde e assaz robusto
o olho por detrás do arbusto que me candeia,
verde como um limão em chamas
e ardente como a solidão das cadeias.

É neste buraco veríssimo que eu e você nos encontramos,
salmodiando aluviais hostes cálidas
bebericando cedros vasos negros.

Mictórios não binários

Vede estes vasos de branca ternura
pendurados ao léu, assentes tonsuras,
acima do chão, abaixo dos céus,
feitos – por capricho – distantes dos véus.

Mulheres em peso procuram achacar

um meio, um destino, um ponto a encaixar

seu sentido matreiro da flor bem petiz

neste encontro anatômico – algo me diz...

São tão broncos aqueles que não confiaram
o modo fortuito, a nós secundado,
esperamos, então, natureza em cordato
mover, refazer, o que não nos tornaram.

(A muitos urros em rincões)

– *Bradem por nós, Ó mictórios não binários!*

– Aqueles que salvam micróbios escusados,
Meninas sensíveis a vós, perturbados.

Falésias sublunares

Ventos e escarpas denotam o caráter austral
da nubla luz do inverno que lima o peito arredio

defronte um olho em chamas, cortante semblante vazio,

que erosa esperanças de vida sepulcral.

Estático, em íngreme esguia – aos pés, macilentas águas litorâneas –
elas, que evocam o distúrbio e caducidade do mundo
sublunar, de olhar profundo,
mente tumultuosa pelas crias faces cizânias.

Lhes digo: meu medo não é vento ou água,
sequer o calor da infâmia ardida;
é ser paredão silencioso – disruptivo no nada.

Morri muitas vezes, teimando de pé
fitando sem olhos a balaustrada limítrofe,
sondando nosso divino artífice,
contrário de mim, aquele que é.

Nuvens passageiras caem como pedras
sobre gaivotas mortas e peixes voadores que se perdem pelo caminho

como arribas fósseis altas – abruptas – marcas de costeiras quedas.

É pela fricção dos pecados que a erosão principia,
esculpindo na firme face passiva uma imagem de eterna alegria.

Crianças ratazanas

Alvos de berdamerdas e onagros flácidos do ensino laico;
manjares de lépidos bruxuleantes sevandijas;
bonifrates da nova ordem que se impõe em lombos, por cravijas;
corolários plásticos de um torpe candor prosaico.

Eis nossas crianças, leves esperanças, bálsamos temidos.

Nossas pequenas arvores benditas
serradas pelas armas linguiformes de histriões dendroclastas,
intrujões, falsos ícones, liliputianos em almas pratas
...soez sortilégio da irmã – *caritas.*

Quereis nossas crianças, leves esperanças, bálsamos temidos.

Valdevinos da cura febril rastejam aos límpidos pés para acariciá-los
com suas veias de cobre, fios de sangue,
no lodo perverso dum furbesco mangue,
escatófilos mestres funerários culminam em abraçá-los.

Perdeis nossas crianças, leves esperanças, bálsamos temidos.

Cumbas sórdidas da perdição a temer!
Abjetos cálices díscolos!
Edazes papa versículos!
A parte da anatomia usada para descomer.

Bargados são os que criam pela língua – esparros – crianças ratazanas.

Vendilhões do tempo

As coisas mudam porque são coisas;
movem-se porque são pesos;
crescem, pois são medidas;
e morrem, pois vivem tempos.

Há quem diga que são eternamente fendidas no caos, mas fadadas ao céu;
outros, proclamam ser inanes que roncam abismais em panegíricas lástimas finais
onde trancafiam! as celestes portas sob eflúvios ao léu.

Minerais premidos, eis as imanências sensuais,
entreunidas – nisto – em demências óbices
que deslizam ferrolhos aos pródigos nóxios e
embebidos animais.

O tempo passou – e com ele o passo do vento –
atento a distúrbios cronométricos que o mau decurso escorreu
ante os toques versados de pródromos tácitos do breve lamento.

São eles – tais vendilhões – os *númenos* descompassados,
que ditam o rolar circumambulante das lanças temíveis
onde alminhas reviradas tremelicam irremíveis
ante o contar estático dos mestres *dodekaoros*.

Orações peripatéticas

Caminho, e pelo caminho falo com o autor de tudo;
dou passos, e sobre traços desenho súplicas a favor do mundo;
percorro, e enquanto corro (da nódoa esparsa) verso plácidas em unidade.

Esta é a noção do dia: uma vida que caminha até a Vida,
um andar que penetra em meio a vinha
em júbilos máximos a favor da Verdade.

Andejar enquanto rezo, marchar sobre meu credo,
morrer em peregrino.

Os pés são feitos para mover e sorver a auréola dos afortunados,
ricos filhos de um Pai solícito, membros ativos da sútil jornada,
o Espírito corre junto ao réprobo arrependido.

Perdido entre lusco fuscos, aviso:
que falar ao céu é tão simples quanto olhar algo sem perturbar;
é como ditar pronúncias sóbrias antes do tempo amortalhar.

Andejar enquanto rezo, marchar sobre meu credo,
morrer em peregrino.

Calcorrear, eis nossa sina! com farpas alegres na sola fina!
pois falecer é parar de andar
e encontrar o ouvido das mais núbeis ladainhas.

Morrer em peregrino é orar enquanto não cessa a tua hora.

Más caras

Não temos faces – mas falaces

Não tememos chaces – mas enlaces.

Eutérios de adultérios, somos vindimos festivos

róseos maus silícios, préstimos mercados.

Andamos atoa frente à proa, mórbidos, num vento em polpa

acanhados feito cânhamos dentre fenos amealhados

qual sórdidos comprimidos, escapados aos bilontras.

Na penumbra da noite morta, a rota foi-se ao combalido

sofreada na foice aguda dum destemido

que esconde feições da porta amorfa.

Seu medo é o caos passageiro de letras frívolas num papel picado

onde notas tocam plenos ouvidos no surgir de emedos avitualhados,

pois ventos áspides cortam navalhas cegas em meio a pragas do servil assalto.

Supedâneo, subi aos píncaros do horror ao ver meias-caras desfilarem no abismo das sarjetas!

Rachadas ao meio, as más felícias não sorriem ou despejam formas labiais, nasais, nem ao menos melenas em seus buços ancestrais.

Neste bambaré das delícias, escorrem suas vísceras na dipsomania das palmas (eis que um renuído escapa sobre meus ombros), tão abnóxias são as animálias...
Então surto; Ó, más caras mangradas! Por que ginges frente os bramidos de mestres tão cavouqueiros?

Ante tal desespero, só me restou um suspiro mouco:

– É no caudilho bostífero que as catraias traem seu esposo desvalido.

Mer Caspienne

Ao Sul, profundezas habitam meu corpo;
no centro, uma certa proporção exorta felizes navegantes;

pelo Norte, os pés tocam sedimentos antigos
retidos entre nações e costas elementares de furtivas áspides.

Pesado e lento, redobro atenção aos pequenos tugúrios
que se alimentam de algo valoroso entregue sem volver.

A impressão de um infinito recobre minha superfície,
mas o que está no fundo denota o turvo caráter longínquo
que das margens explode sobre sais solvidos,
estáticos, retendo a luz na negrura transparente.

Em nervuras aparentes,
recebo o logro dos envolvidos,
resumido, à porção oceânica onde não movo

mais que o proibido, menos que o necessário.

Aqui existem limites inquebrantáveis
nordas tênues definidas,
brisas fugidias ao acaso.

Jamais confunda um lago análogo com o mar absoluto.

Laudes perdidas

Abrindo os olhos não te vemos, pois nem a nós veremos
tamanha a manha que assombra o remendo de clarificada foz embusteira,

pulando do sonho, rechaçando as cobertas, de íris meio incertas
onde até outra vida diária nos movemos.

A luz já desperta, banhando pássaros estribilhos,
vislumbra dentes escarnecidos cultuando plátanos escapados.

Murmúrios e sons vidrentos rasgam o silêncio que te consola;
sento-me para ti, ó impalpável, revirando os olhos à tua orla
capaz de milagres irremissíveis, desejos que nos arvoram.

É santo e estranho este momento, mas a tibieza enoja tal creio que o adora!
Não quero sair deste leito de amor, sem pés e encosto;
vazio, pleno, sutil,
fora do tempo, feito de aurora.

Descobri e morri neste exato momento!
Quando canto louvas a tua glória
em meu deserto sombrio,
retido num vento que te implora.

Quanto perdi ao rebulir anseios que não se demoram...
Em sonolentas discórdias frias
entre paredes de madrugadas mortas.

Clepsidas de sangue

Medir o tempo é nossa soez virtude...
Ao gravitar como ampulhetas em vasto nível cadente
embriagados, ao sorver calado do sumo solvente,

sangue que escorre por linear solicitude.

Ocultar – *roubar* – não há água onde exista o escorrer rubro;
não podemos medi-lo, senão pela própria *Torre dos Ventos*
entre vasos comunicantes de superiores drenos
(Isto é sempre incerto e assaz obscuro).

Auridos são ubíquos apanágios propelidos ao horizonte,
refrigério das mais duras penas...
Como pródomo deste prazer importuno.

Estes marcadores de movimentos, que somos nós,
são mudanças vivas e arremetidas
de desesperos alucinados que porfiam feridas
enquanto, parados, construímos abismos sem voz.

Não queira conter o que está contido...
Num move e sacode dum pretenso mito!
Em ritmo azedo, às malsinares vias:

Seguem claudicantes as clepsidras de sangue, contando o tempo que não se tem conta.

Uma voz no silêncio

É no silêncio que todas as almas cantam alegria.

Alegria sútil e perene, fina como a flor da noite que guarda suas cores para o sol doador.

Nenhum ruído é capaz de calar a voz que surge nestas almas pois tal voz não é elas, não é delas, é por elas.

É a voz mais firme e concreta que nenhuma linha poderá descrever.

O mais profundo instante diante qualquer espetáculo imaginado no ser.

Uma voz soturna, esquiva, difícil de se ouvir pelos gritos inefáveis de nossa estúpida agitação.

Doce como a língua diz, quente como o corpo sente. A voz não é dada a quem não se dê pois vê tudo e além que se crê.

Não é simples sinapse que no auge de sua inatingível experiência engana, profanamente, incautos incrédulos.

Não é sonho acordado, dirigido ou surtado – mudo - discreto prazer.

É a voz da sua morte, sua sorte, sua escapada final do atômico levante chamado *você*. Este ente sem ente, esta mente que mente, este ter por não ter.

A voz do silêncio é aquela que desde infindas eras sou eu mesmo sem ser. É a

voz sem palavras, a voz tripartida, a voz do perder.

Perder os chiados, remendos farrapos, razão do perder.

O duplo

Entrando pela porta dos fundos ou

pela cúspide frontal do céu,

cada parte do meu ser contrapõe-se

ao eterno vai e vem das expectativas mais hostis.

Não é belo, não é atroz, nem ao menos pérfido ou feroz

apenas um desaguar nas vísceras do dia comum

aguardando as migalhas do paraíso.

Nunca fui um quadro exuberante ou uma canção bem composta;

mais um arremedo de qualidades furtivas, quiçá, fugitivas,

que esta vida dupla terá por fim.

Só restará um diante do princípio,

o outro, queimará lentamente no cenáculo dos atormentados.

Ninguém sentirá falta da metade negra do dia, mas

cantará odes ao escolhido

que subirá às nuvens sedento por luz

lançando olhares aos esquecidos.

Dia cinza

Onde o sol brilha escondido

se esconde o Deus dos olhos

e nada poderia ser sem sua atualidade.

Quando as massas tênues e úmidas trafegam frente sua majestade,

nossa percepção ainda se farta daquela beleza que faz de tudo um existir.

Talvez seja este que escreve tais linhas o verdadeiro cinza do dia,

o algoz solitário da alegria luminar.

Mesmo que seja, aquele que tudo vê ainda assiste, ainda existe, ainda insiste.

Só me resta agora reparar minha cizânia

frente aquele que nunca é escondido demais para se fazer presente,

enquanto sou cinza em vista de minha luz ausente.

O banquete

Chamados foram ao banquete aqueles que tinham sangue nobre e azul, doce e brilhante.

Porém, estavam eles sonhando manjares muito além do que mereciam.

Ainda assim, estes manjares imaginários, estavam muito aquém daquele que os convivas do anfitrião ofereciam.

Assim começou a desgraça dos primeiros convidados: o que desejavam comer, não estava disponível, e o que deveriam comer, lhes era desprezível.

Neste momento o olhar soberano se virou e encontrando esfomeados que buscavam entre areia e pedras sua refeição, eis que o banquete chegou a seus paupérrimos gostos.

Neste caso, não era também o que buscavam, mas era além do que imaginavam.

E tão grande surpresa não faltou, pois de todos seus anseios se fartou, tanto o gosto quanto a alma.

E naquela festa só um não fartou, justamente, aquele que não afastou - de si - um gosto particular da imaginação.

Maldito seja este que não se livrou de seus apetites fantasmagóricos.

E maldito é o fruto

Ela foi visitada.

Ela foi convidada.

E deu tudo o que tinha.

Dentre todas as possibilidades, só viu uma.

Nenhuma outra podia existir, embora pudesse.

Foi grata por tão grande bênção.

Foi serva! Nela tudo se operou.

Não hesitou frente a responsabilidade.

Em três meses seu tesouro já brilhava, minava alegria, consertava o próximo.

Daí para frente, tudo aconteceu.

Não só o que era seu, mas o que a possuía desde sempre.

Isto foi no centro do mundo, da história e do tempo.

O que acontece não desacontece, eis a regra dos primeiros princípios.

Seu fruto foi bendito.

E isto que sucedeu repercute por toda a eternidade na vida das pequenas criaturas que, tais quais ela, esperariam uma visita, um convite.

Porém, como as agruras do inferno insistem em imitar às avessas, como num espelho, a realidade puríssima, também as pobres criaturas se enganaram pelo falso ouro do intruso.

Não toleram mais a visita, não aceitam mais o convite.

Não se modelam mais à criatura por excelência.

Em três meses pode-se apagar o brilho sútil de uma pessoa imortal.

Em tão pouco tempo pode-se descartar um habitante do céu.

E, ao lado de tão tristes figuras, uma horda de demônios faz vigília, urrando e pulando, sedentos pela inversão!

Está consumado...

O templo se torna túmulo.

O túmulo se torna bandeira.

E maldito é o fruto.

Pedra e carne

Foram dados aos homens, formados de pedra e carne.

Estavam ali duas condições.

Na parte de baixo do tempo imperou um; na parte do alto se abriu outro.

Alguns trocaram a dureza pela sutileza.

Outros, rígidos pela força da gravidade, não previram a diferença de natureza.

Mas existem os que sequer são aptos a ter uma pedra em seu peito.

Vazios, não captam a lei escrita, tão pouco a não escrita.

Estes são o mar donde a grande fera se ergue.

O mar que se agita e não tolera a existência de pedra ou carne.

Sua lei é a desordem, a rebelião.

Sua ordem é o vazio, a multidão.

Seu coração não é de pedra, não é de carne.

É um gelo que arde, derrete o verão.

É de líquido salino, espesso, incapaz de forma e semelhança.

É o coração da fera, o coração do dragão.

Sem sangue e sem consistência.

O vislumbre da eterna decomposição.

Sem direção, sem saída.

Torre que se ergue em direção aos céus, enquanto a base esfarela sem cessar.

Ausente a rocha para firmar, e o sangue novo a vivificar, não tem a firmeza a que sustentar.

Eles não têm vinho

Para que um elemento se transfigure em outro é necessário a ação de um diverso.

Este diverso é o responsável pelo milagroso fundir que leva a marca de uma divina mão.

Temos a pedra, a água e uma possibilidade.

Mas a mão, que transforma tudo isto em alegria fulminante, não está em nossa posse.

Esta mão é o diverso, um verso que soa como canção.

É o que manda e diz.

É o que faz aprendiz os vasos de pedra.

Estes oferecem sedentos elementos.

Entregam a matéria pela qual poderão se tornar um outro.

Mas a mão do diverso exige que se entregue tudo, totalmente! para atingir sua máxima perfeição.

Por esse motivo, a pedra deve conter a água e a água conter a potência que, transfigurada pelo elemento divino, faz brotar o elixir bom que embriaga tudo.

Nós não temos vinho.

Somos águas virgens em seis dias de pedra.

O intruso

Ele vem disfarçado e até colorido com tons da verdade.

Ele entra e sai, levanta e cai, mas é certo o perigo.

Ele come e mata, reduz e achata, alturas infantis.

Ele é podre e forte, se veste de sorte, em torres senis.

Ó, intruso, por que és assim?

Por que não sai de mim?

Me deixe nadar pelo vale real!

Pois bem, perturbe - assuma enfim.

Seu desejo carnal se desfaz no sopro de um Serafim.

Este papel de olheiro, algoz zombeteiro, não merece meu sim.

O sinal de tua morte é consorte ao odor de um rico jardim.

Onde os pobres pais, cederam à língua, ardor do teu fim.

Debaixo da figueira

O mestre nos vê sempre que estamos debaixo da figueira, ou seja, à sombra do Espírito.

Sempre procurando em nosso mar turbulento uma estrela, figura do céu.

E se dedicarmos atenção ouviremos a suave voz nos dizer: eis aqui um homem sem tartufice.

Não podemos nos curvar a esta tendência inerme da negação.
Que nos induz ao erro e a danação.

Ao crepúsculo triste da bifurcação.

Repousemos, assim, sob a sombra da frondosa árvore.

Acolhedora e formosa.

Feliz e bondosa.

Que nos recolhe aos píncaros da luz que a cobre.

E ameniza a ânsia de quem a ti se dobre.

Letra morta

Os poetas morrem de fome, os filósofos morrem de sede.

Macacos versados que balbuciam sentenças ignóbeis se fartam do *odoiá* distribuído nas entranhas do inferno.

É estranha a nossa atual "casa comum", como gostam de dizer os prosélitos do *Scheol*.
Não há nada mais de verdade nos lábios desses homens de letras.

Subsistem apenas labaredas fétidas que anunciam a revirada final de toda e qualquer sanidade primordial.

Isto afeta toda a esfera humana enquanto tal.

Até mesmo aqueles que ignoram o mundo das letras recebem sua herdade pelo odor pútrido dos deuses escriturários.

Pois são estes deuses fajutos e famintos que disseminam o polem fecal que pervade a atmosfera habitual onde Deus colocou suas inteligências.
As palavras foram criadas, invariavelmente, para transladar através do mundo das intuições reais afim de facilitar e tornar possível, primeiramente, a existência concreta de tais entes divinamente pensados.

Porém, pelo traço malfadado dos antípodas do Senhor do universo, sua aldrabice se espalha como enxame de pragas mortais que devastam os campos e vegetações naturais.

Só a opulência nefasta e seu jogo de luzes virtuais subsistem num mundo como este.

É por isso que precisamos de bocas falantes que confiram com a Voz que veio do céu.
Foi através de sua palavra que todas as coisas ganharam vida.

Em contrapartida, foi pela boca de lobos saltimbancos em busca de sinecuras que sustentam galáxias de fantasias e masturbarias que todas as coisas ganharam morte, desde o jardim sem mal!

Levantai, ó homens verazes! e derribai os séquitos de ossos infantis daqueles que profanam a via pela qual a via se faz presente.

A bússola da felicidade

Bem disseram-me os grandes mestres sobre o ciúme de Deus para com nossas almas, pois o Senhor não tolera bigamias em relação a seu amor.

Não aceita ser enfeite em um coração estilhaçado e quer alargar por completo as estreitezas ridículas de nossos corações.

Nada podemos reter em nossos aposentos que não seja a presença do bom Deus, Ele que não cabe em lugar algum que não seja um coração generoso.

Nos limites da nossa vontade Ele se compraz em repousar com sua infinita bondade, alargando-a conforme assentimos, sujeitando-a na medida em que pedimos.

Contudo, é através da oração que Deus penetra nesta gruta escura.

Mas falar-lhe é exercício difícil se não soubermos ao certo quem Ele é.

Podemos dizer, Deus! Meu Deus! sem ao menos ter a certeza de que não estamos falando com um nome, um conceito abstrato, com nós mesmos ou com a parede...

O conceito pode ser real, mas não é ele o Deus.

O nome pode indicar, mas não nos escuta.

Nós somos suas criaturas, mas nada além disso, se não nos tornarmos suas deliberadamente.

Para saber quem é o Deus vivo que fala e faz, que escreveu pelas mãos humanas e desceu a nossa baixeza, precisamos de um exercício bastante singular.

Este exercício é o canal pelo qual nos preparamos para falar de fato com Ele e não apenas com seus simulacros.

O meio, que ao mesmo tempo é um fim, e pelo qual este exercício está proposto, é distribuído gratuitamente, semanalmente, quiçá! diariamente, mas ninguém o percebe...

Procure onde está essa bússola e sairá desta vida acompanhado da mais pura felicidade, a

única que há.

A bússola infalível, singela, pouco atrativa aos sentidos.

A bússola dos penitentes, desérticos, fiéis e pacientes!

A bússola dos mártires, ascetas, virgens e doutores.

A bússola do céu aberto no âmago de sua vontade, tão infinitamente grande quanto o mar que segura os pingentes da noite.

Procure esta bússola, só ela irá te ajudar a falar com o princípio de todas as coisas.

Não irei dizer onde ela se encontra, pois bem sei que tu sabes à grande monta.

O diabo protestante

É no introito da quaresma que o diabo vianda vielas procurando católicos para tentar.

Procura, escuta, agacha e torce o rabo, na sanha feroz de quedar.

Sonda, perscruta, remove e salta, o diabo é mestre em falar.

Está envolto em meio à multidão, soprando em ouvidos moucos um pouco de sofreguidão – "tu irás morrer, tu irás perder, tu irás tombar".

Mas o católico, com terço na mão, desvia as agruras no beiço do cão e se põe a rezar. Reza, ora, horas reza sem parar. Nos ônibus e nas ruas segue sua alma a clamar, enquanto o diabo desgraçado, insiste em pregar – "tu irás morrer, tu irás perder, tu irás tombar!".

Por onde passa, o católico assiste o espetáculo da morte que insiste em não olvidar - morte por todo lado! morte no ar, morte nos ouvidos, nos esquifes, morte no olhar. Mas a morte viva e feliz, divina imperatriz, insistem ocultar.

O diabo explode de suma alegria em ver suas crias a precipitar.

Caindo em seu conto, perdendo o juízo, em meio a bramidos se pondo a ralhar – "eis minhas tolas crianças, *diz o diabo*, esquecidas da vida na morte a pensar! Enquanto os dias de sua emenda, se vão a passar!".

O católico atento, seguindo o intento, não cai sem lutar.

Escuta as propostas, da besta amorfa e procura calar.

Mas velhas senhoras, atônitas e ansiosas, o diabo toma a usar.

Por suas bocas manhosas, delicadas propostas, expõe sem cessar – "o que é quaresma, não sei o que há? Nunca ninguém me explicou, o que é que será?".

A reposta não foi a que esperava, mas se pôs a escutar. O

católico, solícito, no zelo apostólico, tentou explicar.

Porém, o diabo, na figura da velha, tratou de as mãos esfregar.

E como num deslumbre, tendo em vista seu amante, a alma pôs-se a contemplar! O

diabo vociferante, que se fez protestante, para lhe queimar.

Protesta contra aqueles que pelo espírito de seu tempo não se deixam levar.

O tempo dos sinais

Na mão direita e na testa, no pensamento e na ação.

A marca que aglutinou toda a humanidade dentro da cerca de um novo reino está apenas no começo de sua grande função na tribulação.

Para quem acredita que estamos no fim dos tempos, um soar de sino – acorde! -, o fim dos tempos já passou.

Estamos agora no estômago dos tempos, em seu suco gástrico astral, digeridos, revolvidos, consumidos, assimilados pelo grande Cronos, deus dos homens de terra seca.

Seus espantalhos psicastênicos perderam a liberdade de ação e pensamento, vontade e entendimento, e nem perceberam que estas coisas existiam, pois o tolo quando é eximiamente tolo jamais percebe o que se perde pois já não percebia a própria existência do que se perdia.

Entregaram tudo as mãos dos sacerdotes do tempo e da história, incumbidos de arrastar as mentes ao torvelinho do grande demônio dos ares.

São estes que manejam a glosa do movimento, conduzem o fluxo das perspectivas.

Não conduzem os acontecimentos, mas sim, suas interpretações.

Nada se faz, nada se pensa fora do fétido hálito temporal que proclama: eis aqui, *ei-lo logo ali*!

Os sinais estão postos. Sua mente e seu poder de ação estão aguilhoados pelo grande demônio dos ares, chefe dos falsos profetas, príncipe dos espertos homens de terra que ainda procuram o Éden escondido entre as pernas da mãe Gaia.

Então, marcados e domesticados, regados e brevemente colhidos, seremos de fato conduzidos ao verdadeiro monte *Megido*, local da purificação final.

Neste momento seremos testados, colocados em frente à virtude para negá-la ou abraçá- la.

Ali lembraremos, naquele instante, das coisas perdidas e jamais sentidas, roubadas e jamais ressarcidas, amadas e jamais benditas.

O contexto presente é apenas um ensaio onde dormimos no tubo.

A caravana dos sábios sem joelhos passará em breve.

Quando vedes, não vades, *tampouco os sigais*.

O branquinho do quilombo

Lá vai o branquinho com a bolsa no lombo,

cruzando as ruas do novo quilombo;

as ovelhas são negras e o lobo incolor;

no subir da ladeira, sem medo e sem dor.

Ao redor muitos homens prementes no lar,

de vida abastada, com ranço no olhar;

a cor se fez borda em delírio senil,

mas a alma tão pura resiste ao ardil

Quem irá fazer frente ao império color?

Onde carcaças moribundas se prostam em louvor,

realizam desejos - tão negro torpor!

Se fartam felizes, felizes por pôr...

... suas línguas à mostra na regra infeliz

regurgitam a gíria de um velho aprendiz:

- *Sou coloreável - Meu mestre quem diz!*

Panacéia central, reboco cariz;

o ponto focal, o mal infeliz

Branquinho, o quilombo lhe torce o nariz

pois a pele é o que move os demônios servis.

Escuro frio que aclara a alma

Uma profunda tristeza abateu meu coração.

Entrego a Deus este momento...

Pois nada haverá de ser se não for do Teu sonho primaveral.

As águas correm pelos aquedutos frios e congelados de meu coração

em direção a solidão da noite que cai sobre nossas cabeças

enquanto a majestade assiste tudo com amor e compaixão.

Não tenho asas, tenho mãos,

e apenas a liberdade de muitos sins e muitos nãos.

E isto é tudo, meus caros, isto é tudo que podemos.

Andarilho da repetição reproduz a dor que um dia sentiram por nós,

mas a nossa parte é tão pequena... ínfima... vazia.

É só um duro golpe no amor que temos pela nossa própria desgraça.

Escuro frio que aclara a alma...

Sofrer é um privilégio, mas gozar é um sacrilégio

se não ordenamos estas cargas a Deus.

Um triste adeus

Um triste adeus: eis como iremos nos separar

dos sorrisos, dos olhares, do simples respirar;

perder o tempo em falar,

não mais ver aqueles que queríamos aqui.

É triste o adeus de quem algo tinha a falar;

mais triste o momento em que tudo há de calar

e o que ficou a ser dito, jamais dito será.

Os olhos se fecham na escuridão de uma soledade imposta;

os últimos dias são esperanças de lugares já conhecidos:

- *Onde estão aqueles pelos quais minha vida é vida?*
- *Por onde passam seus passos quando tudo me foi vedado?*

Não há maior crime do que tapar a fresta da vida aos agonizantes
separando-os das alegrias, dos amores, dos andantes;

do calor daqueles que podiam ainda os aquecer.

Mas, o mundo se tornou este cemitério onde jazem os corações defuntos,

e quem ainda ama, ama sem gozar,

onde somente o ódio insano se insinua sem cessar

tornando as tormentas da vida rios a banhar.

Lágrimas correm, mas disso o amor se alimentam

mesmo *escondido*, sabemos que está aí,

pois até na ausência tua lembrança nos acompanhará.

De graça, até injeção na testa

Será que nós brasileiros, tão espertos tão matreiros, aceitaríamos a vacina de bom grado se não fosse o fato de do bolso não sair dinheiro?

Será que a máxima "de graça até injeção na testa" já não atesta o profundo mal em entregar a certeza pela dúvida?

Vocês repararam quem faz, quem vende, quem induz à picada levar? Quem compra, quem obriga, quem cria slogans para aceitar? Não, provavelmente não.

Pois este é um teste, o maior de todos, do que está a te esperar. Pesquise sobre técnicas de implantação de dispositivos no corpo, como estão a prosperar.

Se é que você ainda consiga ler mais de três linhas sem se flagelar. Talvez entendamos juntos que, de graça, nem na testa nem no braço vale a pena levar.

O monólito de kubrick

Enquanto macacos aprendem a revolução com seus tacapes ossudos
e os astronautas revestidos em membranas de aço vasculham o vazio,
há um monólito que silenciosamente os induz e impulsiona.

Entre eles, estamos nós, em nossas gaiolas herméticas,
sondando o espaço às apalpadelas e
vidrando secos olhos na umidade de um sonho elúcido.

Os macacos encontraram;
os astronautas seguiram;
enquanto nós dormimos.

A pedra negra é uma marca em nossas mãos e testas que
guia nossa mente e conduz nossa ação;
ela nos impõe uma presença sem referência.

Kubrick não tinha razão:
Não é até ao espaço que os macacos seguiriam seu ídolo,

Mas aos ossos revolucionários que permitiram seu auxílio.

Doze vidas

Como iremos contar o tempo que passou
através dos dias, dos olhares,
dos anos ou dos manjares
que o mesmo nos reservou?

Não temos casa ou carruagem
sequer nome gravado ao relento,
qualquer sopro ou leve vento
nos move doutro teto à ancoragem.

Nos chamam *loucos!* os assoberbados imprevidentes;
torpes, mendigas lesmas de espíritos marginais;
pois não dobramos vilmente nossos pobres joelhos a seus cabedais.

Antes corremos infantes, banhados na luz que brilha do alto
sem duvidar da verdade que arde feliz num imenso farol;
e assim vivemos nossas doze vidas cientes felizes sob um ditoso sol.

Almas negras, ventres pálidos

Tornam a vida um tabuleiro de xadrez quando esquecem o sopro na busca da tez.

Por engano, relutam em não cair, pelo menos naquilo que digno seria.

A cor prevalece quando a quantidade pronuncia as altas baixezas, os xeques na mesa.

Os sentidos exortam, a mó descarrilha, um rei escondido nas coxas da rainha.

O torpor negro das almas está no pálido ventre.

O roer das togas, no mau presente.

Sendo o *Zug* dos fracos, mover crendo vantagem se torna pertinente aos obtusos pajens das massas.

Que descompasso! cospem os malditos.

No tablado ninguém se confunde! choram as vespas.

Mas o limite geométrico é indissolúvel: é sobre os dois que as cortes se movem.

Manjares acerbos

Servida num prato de prática adultera
direto à lustrosa garganta de Herodes, o fanfarrão,
uma santa cabeça que não resiste ao mal secular, antes o evita em sua vasta clareza.

Sorri calidamente aos convivas vespertinos da grotesca comédia,
aquela mesma, que nunca deixa de ser celebrada pelos Esaús ageusiados.

Não há mar que sustente o salgar deste ensejo

quando a sede remota pervade a saliva doente dos obstinados dançando ao rei

buscando com isso benefícios mordazes, assaz pertinentes, aos que se comprazem neste círculo de víboras sensualistas.

Há quem diga que é melhor comer a cabeça dos justos do que ter a sua injusta cabeleira deitada nos molhos picantes à mesa.

Estes são os pequenos piolhos do espírito,

rebocos esquálidos da maldição perene,

exaltados por seus corpos futuramente fumegantes, vulcânicos,

sombrios...

Ser santo em meio a estes é entregar seus sentidos ao sacrifício dos prevaricadores.

É, pela verdade, tornar-se voluntariamente banquete para ferozes beluínos,

manjares acerbos que separam, em sua infâmia, cordeiros e cabritos.

O sentido boreal do esquecimento

No coração do homem existe um sol que brilha anônimo.

Quando não ilumina, não é por imperfeição sua, mas pelos vícios da zona polar onde reside.

Esta zona é o próprio coração do homem, que se evade para longe e ignora a luz que o aquece dentro.

Nas regiões extremas deste abismo chamado homem, o sol interior, entre ventos cortantes, melodia.

Mas seu grito é abafado pelas máximas do mundo! pelas esferas informadas, tácitas carícias egofânicas.

Enquanto tão somente lhe resta a pintura colorida dos efeitos luminares no telhado da noite escura e fria da alma,

seu plasma, rebatido, faz lembra o fulgor altivo da glória intangível;

sua voz, sempiterna, ecoa discretamente entre os rasgos no céu

e só fazem ouvir ouvidos atentos.

O sol ainda brilha, mas a zona polar é gélida e soturna o suficiente para esquecer sua anuência inescapável.

As cores, como cortinas de seda, ilustram a presença de um ator genuinamente cálido,

mas as tundas brancas da água estática que cobrem o abismo cingem em terra úmida que espera o calor deste rei discreto.

Só nos restou, nesta angústia lapsa, um grito de efusão -

Brilhe!

Terebre nas alcovas glaciais deste ártico que sou eu mesmo!

O vazio e lento ruminar das vacas

Eis que um antigo poeta escrevia "*se as vacas fossem tolas demais saltariam as cercas e rumariam aos asfaltos*". Peculiar afirmação burlesca de destreza inviolável. Até seria válido averiguar as possíveis teias de aranha do pensamento que pervadem este trecho insuspeito e impensável da poética andrajosa. Afinal, o que o poeta queria transmitir em seu basófilo disparate? Eis as elucubrações do presente texto.

Esses animais de couro louvor denominados *vacas* escondem em sua bruteza servil traços de uma paz e recolhimento que poucas criaturas hão de possuir. Sagradas aos que as comem – e aos que vomitam ao pensar na possibilidade –, as vacas desfilam pelo cenário do mundo como rotundos seres ignóbeis de duras ancas rebolonas e macias faces sortidas, sem reclamar muita atenção em seu premente mistério. Não mordem mais que sua grama peluda, não correm mais que suas tetas permitem. Não choram, não reclamam, não gritam: as vacas mugem sem saber que a lua foi feita para os lobos. Truculentas no desfile, estas pródomas refeições glamourosas são festins em forma de bicho.

Elegância inata, seu dissabor requerido esconde um sabor intelectual que o poeta em questão quis exaltar: a mansidão; e esta virtude sutil e dócil do ser é buscada pelos mais santos sábios, pelos mais garbosos mestres, pelos mais doutos pedagogos – enquanto elas, a possuem em primazia! É quase como seu próprio leite manhoso que só os safos conseguem beber. Ser vaca é ser multíscio.

Groselhas à parte, observemos uma, mesmo que pelos olhos do espírito. Se fizeres um exercício imaginativo – agora mesmo ao ler estas linhas – poderás ver uma delas a pastar, frondosa, súpera, vitalícia, sem muito ralhar. Parada em meio ao verde campo, lateralmente disposta ao calor do sol, a vaca é um sinônimo vivo e exaustivo da leveza do não-pensar. Nisto elas são tão *Zenz* quanto os mais trítios gurus.

Acondicionadas ao seu *Dharma* peculiar, imóveis perante os turvos dilemas da vida, em seu *Sansara* bovídeo não há desilustre instante que as desliguem do supremo momento. Até mesmo os pássaros piolhentos que repousam sobre seus supedâneos montes não lhes causam pruridos onde são invioláveis. Para a vaca, nada é deletério, tudo é pervencido.

Autóctones de um paraíso silencioso, nossas queridas mimosas sabem como cumprir seu papel natural. Na verdade, elas nem sabem, e daí decorre sua graça. São o que são sem esforço, e mesmo assim, são como deveriam ser. Verdadeiras *lamas* estas damas de malhas amadas...

É admirável sua condescendência, sua abnegação e sua animosidade. Dificilmente encontramos temperamentos enervos entre essas monjas que *couriscas*. Quando sim, geralmente explodem se percebem em risco suas crias infantes, o que já nos conduz ao seguinte raciocínio: as vacas também tem a virtude das mães. Sim, jamais elucubrariam o pauperismo de capim como argumento para seu planejamento familiar. Aliás, entre elas, jamais se popularizaria o adágio "*meu corpo, minhas regras*" pelo simples fato de seu corpo lhe pertencer apenas na medida em que permanecem na existência, e não como um direito constitutivo e legal segundo uma ideologia infecta e fecal. Em suma, a sabedoria das vacas se esconde em seu vazio e lento ruminar.

Esta é a atividade filosófica destes seres incríveis, seu emblema. Criando um bolo, engolindo, subindo, mastigando, engolindo, subindo – não necessariamente nesta bendita ordem –, as leitosas praticam este exercício de meditação profunda, sim, cujo o tema é a única coisa que talvez compreendam diretamente: o comer. Se for genuíno dentre os filósofos a crença de que se de todos os esforços do pensamento uma só verdade for aprendida pela inteligência sua filosofia já estará dada, as vacas poderiam ser consideradas, sem dúvida alguma, *Bos taurus* socráticas.

Possuidoras de tais virtudes em pleno, as vacas jamais deixariam sua atmosfera de zênite para buscar nas trevas exteriores aventuras descampadas. Longe disso! Se ocorre um tal imprevisto, será sempre por consequência de uma ingênua confluência: cercas furadas; portões destruídos; moleques travessos; somente aí surgem as possibilidades de um não voluntário escapismo ao destino. Não há deliberação formal entre as vacas para romper o *metacerco*. É neste sentido que elas são símbolos fiéis de uma nova humanidade a ser formada lentamente.

Até então, discorremos tão somente sobre as graças e virtudes que fazem das vacas animais gregários de caráter exemplar – baseados sempre na antífona do citado poeta.

Porém, agora podemos construir, em rudes traços, algumas analogias elásticas entre essas graciosas criaturas e a nova humanidade parida do delírio elétrico em cercas virtualizadas.

Vacas não tem dilemas. Vacas apenas ruminam enquanto aguardam a culminação letal de sua existência – onde serão desmembradas e consumidas conforme o apreço. Sua existência é gregária e solitária ao mesmo tempo. São felizes, insossas, cruas. Sequer cogitam os limites intransponíveis dos arames. Aí está sua artimanha mais bovil: ser presa.

A prisão do existir é para as vacas sua suprema e dócil satisfação. Imaginem: um lastro esverdeado de regalo fácil e benfazejo banhado pelo mais cálido sol que anuncia a vida – e

tendo a prole garantida pelas farpas limítrofes do homem! Não há cenário mais concernente, pois, a garantia do comer; do crescer e do reproduzir, que é para as vacas a condição perene de sua segurança, está presente.

As vacas querem segurança. Não desejam o véu vermelho que atiça os olhos e provoca os chifres. Isto é para elas o suplício em forma de pano. Nada como uma vida mansa, sem lança de toureiro, sem feras saltando às moitas. A vida deve ser tal qual elas mesmas: sólidas e robustas. Precisa daquela garantia massiva de que, faça noite ou faça dia, se se gela se se frita, ali estará o recanto esmeralda das pontiagudas e saborosas farpas que ascendem na terra santa.

Segurança e ausência de dilemas, eis dois traços característicos daqueles que vivem cercados. Foi-se o tempo em que esta cerca era a doutrina sagrada de uma religião revelada; o domínio caloroso de uma comunidade natural; ou até mesmo a voz silenciosa de um Deus magnífico que lhe garantia a existência sussurrando em seus ouvidos: *creia*. Mas não, não é mais o caso. O ocaso da visão mística de existência, da natureza, da ciência e tudo o mais reduziu todos a um pragmatismo utilitarista nas variantes mais ignóbeis: carne de corte, consentes à sorte.

Portanto, das vacas podemos reter: mansas na medida em que encontram sua matéria de luxo; gregárias ao menos no sentido do fluxo; felizes sem medo do destino inferno - pois já não concebem o carvão incandescente como possibilidade.

Alacrán

Lá fora, a chuva pesada demonstra que um clima de morte assola nossas entranhas maléficas. É como aludir às hienas o frescor e doçura dos santos, numa invenção caduca de magos sem vara. Ainda assim, essa é a moção claudicante que assedia-nos a uma ação rápida e fatal, qual veneno que invade os vasos e revolve o sistema em colapso e dolo. Isso constitui um logro maravilhoso!

Espreito o estreito vão das cortinas, tão úmidas que cobrem o indecente corpo do mundo em prantos, lavado por uma torrente de pecados deliciosos, sofrendo calado sem muito alento. É ali que sinto uma vontade insana de submergir ante a falsa consciência e me elevar como falo ígneo em busca do virginal espaço etéreo! - mas tudo isso são bolhas, bolhas do pior sabão. A realidade de fato é que me acovardo ante a ideia de fazer aquilo que é necessário: a tencionada ação rápida e fatal.

Em *Mali*, sou considerado mal outonal e demoníaco. E nisto todos os compatriotas estão cobertos de razão, afinal, não se deve maltratar o mal pelo simples bem que nos vem ao encalço como faço aos borbotões. Por essas e outras recebi o cunhão de *Buril da vingança*!, codinome somente existente por trás do vão pelo qual meu olho toma a forma do universo. Que belo sinal de morte próxima…

Noturno ou diurno, o animal aqui presente é ausente de qualquer carícia tórrida dispensada aos anjos corpóreos, e talvez, seja essa a razão profunda de meu fracasso em vista da ação primordial que me espreita em seu frescor insuspeito. Sei que essa toca velada deve ser desinfetada - o mais antes possível - de minha tosca presença. Liberando-a posso partir, adiante, ao encontro da vida em pessoa.

Nesse sentido, não há escapatória! Não há comédia! A tragédia é a tônica deste tumor, deste frêmito tempo intersticial, pois, considero: meu pecado é meu veneno. Tão perigoso que todos temem pisar - coisa que configura estranha quando "pisar" é justamente o ato de imposição ante algo inofensivo. Mas nenhum calcanhar me tem por isso e muitos foram os que pelo calcanhar me encontraram na tumba - *Orião* que o diga! São lástimas, confesso, embora apenas em momento de gozo e fanfarronice, sem pesares e acusações, simplesmente movido pelo espírito bélico que me candeia.

São as favas do mal em se viver escondido entre escombros de almas antes riquíssimas de amor, agora, paupérrimas de anseios. Como matei belas paixões, augustas belezas,

verões emotivos… como sangrei quem devia curar e curar quem devia sofrer: eu mesmo, o *Alacrán*, tão abnegado, porém, custoso; protetor de gêmeos, porém, culposo; a penitência mais grave de um bálsamo que evidencia total ausência de súplica. Nisto existe um atenuante médico quase psicológico: supor que os males causados por um homem derivam de uma disposição além do próprio singular referido - *Paracelsus* regurgita! Claro está que não irei seguir por este caminho minóico já que prefiro sorver sua sentença retesando a minha em contraste.

Pecado: eis o que carrego nas minhas costas largas (como diria Zélia do cão) e acima da cabeça sôfrega. Na verdade todo homem é partícipe dessa herança fúnebre dos diabos. Mas há uma alegria envolta neste covil de cadáveres, uma que é tão discreta que o mais afinco observador deixa escapar se não reter seus olhos na história real - pois aderimos às fábulas do pensamento muito antes de aprender o que é um fato. Tomo por exemplo, a malfadada *psicologia moderna*. Esta não nasce a partir de novidades ou descobertas científicas, senão, de esquecimentos fundamentais acerca do patrimônio milenar que versa sobre a natureza e finalidade do homem. O próprio suicídio - encarado por tal ciência como uma românica tentativa de se livrar da vida - é deleitosamente mal compreendido por seus olhos experimentais. A sabedoria milenar, com toda certeza e agudeza, aludiria a uma explicação muito mais fina e elegante: uma tentativa de se extinguir a desgraça pessoal, o pecado enquanto tal, que ninguém pode vencer sozinho.

Tais bastiões do futuro se esqueceram completamente que a vida é dura pro destino leve, e que sofrer não é uma via de mão dupla: é a *dança das mil mãos* observando o mundo no som daqueles que sofrem. E é neste panorama que a sombra aqui falante espera o momento crucial para verter seu ódio em confissão, em sortilégio! Não pensem que demonstro ânimos resolutos quando a morte e a sorte caminham em direções enigmas. Elas me são versadas, venetas, mínimas mônadas amputadas de valor real. Somente um poeta pode descrever o olhar destes pensamentos tão dogmáticos.

Enfim, vamos dar azo às cobras (perdoe-me a insistência torpe em trocadilhos renitentes) e nos amparar numa amostra dum desses histriões da linguagem, os poetas,

que por acaso li junto ao forro de um casebre mofado num ensejo de amor sem raparigas:

"A reclamação é a trombeta que acorda os demônios da insatisfação".

Bela frase, quase epifânica. Mas o que guarda o âmago de tão vetusta estrofe? Aparentemente a trágica situação de quem com um grito tenta revolver no tempo, desde a fuga mais simplória frente à dor dilacerante e cega. Creio que o poeta buscou, sob o signo da *reclamação*, expor uma condição análoga ao efeito de meu instinto tão impessoal, mas fúnebre: a transmissão do pecado. E quem seriam esses *demônios da insatisfação* que estavam hibernando ante a ausência das vítimas? Tenho a resposta!

São os efeitos mórbidos deste mel acusador que envio aos trilhos plasmáticos dos corações inocentes.

Sinto que sou o perigo em forma de seta quando algo me diz que o aprendiz enxerga no mestre um teste final ante sua forte tendência à corrupção. E, por fim, acabei por abraçar a maçaneta que dá acesso ao mundo lá fora; girei-a, escutando o ranger das dobradiças infernais; olhei para baixo, vendo o lance de escadas que deságuam no mar de inculcação.

Eis-me aqui, mundo fiel!, atravessando-o sem opção senão me acusar frente a luz que expõe a verdade sobre meu *telson* e suas consequências mortais. Vou até ti, certeza inviolável! Me doo a ti, juiz incorrupto de amor sem receio!

Então, engulo a salvação após vencer meus crimes, ajoelhado, com olhos cerrados na escuridão sem fim, embora retorne regenerado à minha toca para o próximo ataque.

As bestas marcadas

No livro do Apocalipse está dito que a Besta "obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa". "Testa", num sentido simbólico, pode ser a capacidade de um homem em pensar e validar os conteúdos depositados em sua memória, ou seja, suas ideias acerca das coisas; "mão direita", seguindo a mesma linha, pode ser sua capacidade de agir deliberadamente de maneira livre, conforme seu próprio juízo e vontade.

Eis que nos dias atuais podemos notar que a "testa" e a "mão direita" do cidadão global médio é inteiramente marcada pela nova forma de viver imposta sorrateiramente pela civilização que se ergue como um grande monstro marinho em direção à terra. Não espere a "Marca da Besta" chegar, pois as bestas marcadas já estão em seu número.

Ele está no meio de nós

Na cama, no quarto, na sala, na cozinha ou no banheiro, nos lavabos e chuveiros, eis que está ali presente. Na rua, na praça, no mercado, nos escritórios, ônibus e igrejas, eis que está ali presente. Nas roupas, nas mãos, nos pelos nasais, adentrando frestas e vitrais, eis que está ali presente. Na boca, na língua, nos pensamentos, em perdigotos momentos! eis que está ali presente. Ninguém vive, apenas morre - *qual o defunto do momento?* Procuramos nosso unguento neste horror aqui premente. Vozes gritam, gritam vozes em ouvidos pestilentos, no ar tranquilo e sereno plana a verdadeira peste a nos falar: *ele está aqui presente, mesmo que na tua mente, não nos ouse refutar*.

Assim, a presença invisível Daquele que tudo É, é substituída lentamente pela ausência visível daquele que nunca foi. Somos feitos fiéis de uma nova espécie de anjo exterminador embora jamais o tenhamos visto, sentido ou experimentado – apenas ouvido falar. E por um ato de fé inabalável! todos empedernidamente creem: *ele está no meio de nós.*

Superstição e satisfação

É comum vermos entre as expressões da fé o uso de sinais exteriores como cruzes, imagens, inclusive palavras repetidas muitas vezes ao longo do dia no intuito de bendizer, como: *fica com deus*; *deus te abençoe* e etc. São, de fato, dignas maneiras de dar louvor ao Deus misericordioso e benigno que nos criou, mantém e cuida, porém, se conformadas a algo chamado *Igreja*. Nossas intenções particulares nem sempre são retas e puras – chego a acreditar, quase nunca! Por esta razão devemos ter um guia, uma bússola, um mapa seguro que nos indique exatamente cada ponto da "topografia" do real, segundo direções concretas e firmes. Depender somente de nossa boa vontade é como navegar no alto mar sobre uma tampinha de garrafa.

A maneira mais eficiente de não transformar a fé em superstição sedenta por satisfação, ou seja, em paganização cristianizada, é ser conduzido pela governança segura da Igreja. Somente ela pode dar-nos a noção correta de como inserir em nossa devoção estes objetos auxiliares ao exercício da fé de maneira que não se tornem amuletos supersticiosos na mera busca da satisfação pessoal, mas sim, canais sacramentais do sobrenatural escondido - como a alma oculta no corpo - à nossa disposição para satisfazermos não nossos gostos, mas as culpas pessoais adquiridas ao longo do tempo em que satisfizemos os próprios.

A segurança é a última que morre

Certa dose de segurança é um dos efeitos causados pela posse da esperança. Não há ninguém esperançoso que não seja também, pelo menos em algum grau, seguro daquilo que espera. Porém, esta segurança é sempre acidental em relação a esperança, nunca essencial. É um efeito que se pode perder sem afetar em nada o ato esperançoso, por isso o ditado diz: *a esperança é última que morre*. Que tudo vá! menos ela. Mas, como nem tudo que reluz é ouro o *tolo* chega para brilhar e, junto com ele, a inversão que há de aplicar. Pela intervenção do *tolo*, a segurança desbanca hierarquicamente a esperança e, sem meias palavras, rebaixa-a à condição de simples serva ou efeito de seu seguro estar. *Devemos nos assegurar*, dizem as más línguas, *só assim poderemos gerar colateralmente uma esperança*.

De um mundo *seguro* não há muito o que se esperar, pois a esperança se alimenta de uma margem de insegurança sem a qual não pode operar.

Um lôbrego genocídio

Estamos a um passo de presenciar a maior tragédia da história do homem - uma redução drástica e exponencial da população global por morte crônica acompanhada de uma incrível redução natalícia sem precedentes. Então, me pergunte: haverá uma guerra? Respondo: não como as anteriores. Desta vez a guerra não será fria nem quente, mas lôbrega. Lôbrega no sentido de seu aspecto soturno, funesto, capaz de sequer ser notada pelos sentidos ou pela inteligência. Não será sentida nem inteligida, mas sim, fingida – eu finjo que não vejo, você finge que eu não finjo. Todos irão cair neste laço do fingimento colocado bem à nossa frente, porém, na sombra total. Irão nos falar que a natureza expungiu as bactérias que causavam tanto mal; que a peste do ar evoluiu e tomou a forma de um poderoso demônio; mas nós sabemos, lá no fundo de nossa alma, a verdadeira versão dessa história. Lá na região onde reside a verdade que todos nós carregamos, saberemos: fomos abatidos, como porcos doentes, por agulhas e pistões de porcos iluminados. Nosso futuro será um paraíso que em suas instituições refletirá a soma total de todos os crimes cometidos contra a natureza do homem, e contra Deus.

Onde está o real, está o mistério.

O medo de não pensar

Sabemos muito mais coisas do que somos capazes de pensar. Pensamos muito mais coisas além daquelas que realmente sabemos. O medo da morte é a expressão de um destes pensamentos que oculta algo que sabemos sem muito esforço: nunca deixaremos de *saber*, só de *pensar*. É por esta razão que tantas pessoas fogem, como o diabo da cruz, de um certo estado de consciência chamado *contemplação*. Nela, o indivíduo após o auxílio preliminar do pensamento, adentra numa dimensão interior onde o saber se torna mais claro do que o próprio pensar; o pensar se torna tão pequeno quanto o próprio saber antes ocultado; e torna-se possível uma certa pureza de espírito necessária para não temer isto, o *não pensar*, mas sim, aquilo que sustenta o conteúdo e o ato de nosso *saber*: Deus.

O medo de não pensar é a raiz desta civilização mundana que vem sido construída ao longo dos últimos quatro séculos, pois, o *pensar*, é para ela aquilo que sustenta o conteúdo e o ato de nosso saber.

O novo Ídolo

Recorrer a Deus (ou aos deuses) sempre foi a forma ordinária utilizada pelos homens de todas as épocas para resolver aquilo que por eles mesmos não poderia ser resolvido. Mesmo que a deuses estranhos de pedra e de pau, eles nunca se furtaram a pedir auxílio ao invisível, ao extraordinário. Mesmo que a idolatria antiga, fruto da caducidade da religião natural, tenha perdido pouco a pouco sua eficácia real, ainda sim, apesar de todos os seus erros, reteve um traço de plausibilidade: a noção deste sobrenatural superior. Seus ídolos eram, na verdade, confusas expressões de experiências ancestrais que simplesmente se perverteram no tempo, mas não deixaram de ser manifestações da noção de um sobrenatural superior.

Comparar isto com o *novo ídolo* que se ergue frente a turba ignara deste século é cuspir no passado e ridicularizar estes homens que, embora enganados por demônios e forças sutis da natureza em suas ingênuas idolatrias, não eram tolos o suficiente para depositarem toda sua esperança em um artefato industrial (nada mágico!) composto de bico, canhão, embolo, cilindro, haste e bisel, comportando em seu interior uma substância totalmente duvidosa. Bem vindos à tão salubre autoimune Babilônia!

Auto-amnésia

Dizimar símbolos e memórias que evocam o passado, glorioso ou não, de um povo, é a forma mais eficaz de se extinguir o senso de pertença dos indivíduos à uma determinada cultura. Para diluir na alma individual, ou coletiva, este senso de pertença - que serve de norte à construção de sua personalidade - basta liquidar os sinais gravados no tempo de forma gradual e violenta ao passo que, neste mesmo movimento, remolde, conforme a violência das apelações revoltosas, as interpretações correntes sobre o sentido e os termos dos próprios vestígios pulverizados. Mais do que a depredação externa de um monumento memorativo, o vandalismo interno do sentido unificador e orientador das almas é o fator crucial para a destruição da própria memória coletiva, que vem a causar um efeito ainda mais nefasto: a explosão de baratas sem rumo e sem direção à procura de bueiros úmidos e grotas sujas para esconderem-se das enormes botinas promovedoras do caos que, vagantes e sem piedade, lhes hão de esmagar.

O Polvo contra o Povo

Existe na cidade dos homens uma vil criatura que com seus inúmeros braços, dotados de pegajosas ventosas cifradas, solapa intermitentemente século a século a seiva natural que nos dá vida. Esta seiva natural é um dom extraordinário dado por Deus que excede sobremaneira o próprio dom da vida, ou seja, é um dom por excelência que confere existência aos demais que lhe subordinam, ontologicamente falando. E este dom é o que chamamos: *liberdade*.

Levando em consideração que o termo "povo" designa abstratamente determinado conjunto de almas individuais dotadas de liberdade, podemos então, por analogia, considerar que um povo é livre na medida em que as almas individuais que o compõe são metafisicamente livres, ou seja, capazes de exercer sua liberdade de consciência plena e verazmente. Isto nos dá uma noção aferidora do grau de salubridade deste povo, o quanto de vitalidade lhe é presente e em que direção está se movendo.

O império global fundamentado no controle total a partir de um sistema financeiro com índole comunista é esta vil criatura que se alimenta de liberdade enquanto produz escravidão, camuflado em suas mil cores de todos os tons e velado soberbamente em sua própria existência. Este é o mendaz polvo que ataca o povo naufragado, fugido da grande barca inquebrantável, única capaz de lhes conferir a verdadeira liberdade.

Perder a saúde em nome da saúde

É indecoroso nadar contra a maré, ainda mais quando a maré é não ser indecoroso quando o assunto é *saúde*. Não existe tema mais pudico e delicado quanto este em nosso século. Buscar, manter e poder saúde é a ânsia número um do cidadão da nova era global. Ser displicente, desinteressado e desapegado à tal benefício, um crime assaz hediondo. Chegamos ao ponto de perder a saúde em nome dela mesma; tomamos medidas absurdas em busca da profilaxia enquanto morremos por nossos próprios métodos. É o que dizia o poeta: *a melhor maneira de se conservar a saúde é não se preocupar com ela*. Eis o elixir da imunidade.

Convenhamos. Por detrás do mito da saúde jaz o demônio do medo. De um medo específico, podemos dizer: o medo da *dor*. Temer a dor é temer a desagregação dos elementos estáveis de nosso ser; temer a decomposição daquilo que está posto em certa ordem; em suma, temer a perda da segurança habitual que nos conserva. Este é o medo da dor que prenuncia e sustenta o ardor pela saúde plena e perfeita. E é este medo do desconforto fisiológico que nos leva a cometer insídias e psitacismos em busca deste estado de ser tão vulnerável, e ao mesmo tempo, tão iludível - pois como um fator constituinte da vida o perderemos irreversivelmente.

Geralmente, em busca da saúde perfeita, seguimos os *Decretos de Saint German*: pulando do último andar para a gripe não nos pegar.

O novo panóptico

A penitenciária ideal não tem muros, mas olhos: olhos digitais, legais, sanitários, onde o vigilante observa prisioneiros covardes enquanto calcula cada mínimo movimento de seus pensamentos, não só dos corpos. O medo da vigilância voraz induz os cativos, sem pestanejar, ao comportamento desejado.

Quando *Jeremy Bentham* idealizou o ideal de prisão, não foi capaz de prever que, na verdade, seu tipo era bastante rudimentar e ingênuo. Não bastava ser calculada para infringir a total coerção física dos penitentes, mas sim, ser "metafisicamente operante" no que tange à manutenção do controle supremo através do pensamento (ou da falta dele). Muito além do vigiar e punir de *Foucault*, que mais contribuiu para a máquina de repressão panóptica do que para a emancipação dos indivíduos, este ultra sonho diabólico, que busca tomar o posto de olho de Deus, se vê prestes a tornar-se o divino na terra, o olho do faraó, o governante mundial das almas. Os *meios de confinamento* foulcautianos não são mais tão exteriores como a família, a escola, o exército, etc. mas internos, como sentimentos, emoções, valores morais e impulsos sexuais.

O novo panóptico é a planejada instrumentalização do vômito rebelde destes pútridos revolucionários falantes unida à máxima virtualização da realidade natural através do uso da técnica e avanços da ciência prometéica. Enfim, o diabo se esconde onde a virtude dorme, mas de seu olho, só a virtude heróica se torna invisível.

Os criadores de mundos

Deus criou e tirou todas as coisas do nada pela sua palavra, dizem as escrituras sagradas. Se observarmos os mitos originários de diversas culturas, notaremos que apenas o Deus judaico-cristão erigiu o mundo através de sua *palavra*. Posso estar enganado, mas não conheço algum que assim procedeu. Todos os outros, a princípio, parecem ter usado meios mais “tangíveis” que não o etéreo dizer de uma voz de comando, de uma ordem. Haja visto, a título de amostra: os deuses *maias* tentaram experimentos com matérias preexistentes; os deuses *gregos* copularam; o deus *iorubá* por intermédio de seus divinos pedacinhos; os deuses *hindus* mediante a oportunidade dada aos seres de se tornarem sencientes e por aí vai, cada qual conforme seu método peculiar.

O Deus judaico-cristão se diferencia destes supostos deuses por apenas falar, e tudo acontecer. Eis uma grande tentação para os homens, este poder fenomenal - falar e acontecer. Alguns de nosso tempo, em sua soberba e dura cerviz, creem poder o mesmo. Embora façam jus aos deuses supostos (que por intermédio de engenhos “criaram” todas as coisas) tentando à sua maneira criar um “novo mundo” através de uma fausta ciência, é através da palavra que de fato se arrogam deuses e criadores de mundos! numa tentativa clara e explícita de imitar e desbancar o verdadeiro Deus de todas as coisas.

É através da palavra que todas as coisas foram e são feitas e é através da palavra que tentarão desfazê-las.

Lupi Rapaces

Vivemos em um novo ambiente social onde todos os demônios que residem no mais obscuro porão das almas torpes emergem sedentos e raivosos em busca das vísceras dos homens livres. Este ambiente foi criado por mentalidades lupinas que nada buscam a não ser afirmarem suas doentias e distorcidas visões da realidade - ou seu contrário - para jantarem os cordeiros que desvestem no silêncio suas ilusões ensandecidas. Disfarçados de doces criaturas gentis, estes asseclas do diabo derramam seu ódio através de palavras e palavras através de cândidos discursos reprovativos que expõem os orifícios das mais profundas barafundas infernais: de lá, o enxofre exala, mas o perfume alivia...

“Eles querem enfiar a tampinha de batom onde não tem buraco a fim de sentirem o prazer que lhes falta na vida”, dizia uma sensata alma à debalde. Os homens livres são livres não porque seus corpos estão dispostos a tudo poder, são livres porque suas almas entregaram ao único Senhor tudo, inclusive, qualquer poder.

Um meio, diversas possibilidades

Da *roda* foram feitos diversos esquemas capazes das mais variadas possibilidades. Mas da simples idéia de *roda* jamais inferiríamos os inúmeros engenhos desenvolvidos e multiplicados que existem hoje e existirão no futuro. Da *roda*, o homem saltou de uma condição de esforço exaustivo para outra de suave empenho: cidades surgiram, veículos foram criados e o homem, assim, girou suavemente na linha do tempo colhendo frutos e desfrutes deste singelo achado de sua inteligência. Paralelamente, por intermédio da *roda*, surgiram grandes e monstruosos flagelos, guerras, armas poderosas e tecnologias incríveis que desmoronaram muitas vidas e mundos dos quais a própria roda ajudou erigir.

Se sabemos que tudo que há debaixo do sol é ambíguo e guarda um coeficiente maléfico misturado a uma fonte benigna, podemos dizer que, um *meio*, é um leque aberto para diversas possibilidades de ambos os aspectos pelo quais os homens (ou outras forças) podem exercer sua vontade. Sendo assim, como no caso da *roda*, podemos nos perguntar: onde chegaremos com estes meios de comunicação que nos fizeram suplantar o mero contato físico direto e nos jogaram numa relação quase telepática de intercâmbio de informações e idéias? Será uma nova *roda* capaz de gerar e dizimar civilizações? Ou apenas exageramos em previsões tolas incapazes de rolar aprazivelmente nas telas feitas para nos enrolar? Deixo no ar.

Resistência doméstica

Toda comunidade humana tem por origem uma *casa*. Sem esta primeira forma de comunidade não haveria seu desenvolvimento complexo em sociedades, cidades e civilizações. A casa é em si uma família, um organismo natural e espiritual. Ela é um agente que cresce e se reproduz gerando, consequentemente, novas casas. Podemos dizer que ela é a sociedade celular, ou a verdadeira sociedade que dá vida e razão às sociedades organizadas de grande porte. Na medida em que, a partir das diversas casas, foram constituídas ao longo dos séculos estas sociedades organizadas de maior porte, a *casa*, enquanto tal, passou a ser gradativamente assimilada e considerada como mera fração componente de um *todo* de importância maior e quase absoluta, enquanto ela, se tornava simplesmente relativa. Isto é tão flagrante que, segundo o pensamento corrente nos tempos modernos, chegamos a ponto de tomar as sociedades organizadas a partir das casas como a razão de ser delas mesmas!

Neste processo, a casa original se secundariza cada dia mais mediante a desenvoltura de uma nova casa - a “casa maior” - construída na sala de bilhar do diabo como a excelsa civilização global pretenciosa em unificar e engolir qualquer sociedade (e todas as casas!). Jamais na história encontraremos uma civilização que secundarizasse sobremaneira a casa celular, ou seja, a verdadeira casa, no sentido em que presenciamos agora. Assim, a título de urgência, admoestamos todos os chefes destas pequenas e humildes comunidades fundantes - as casas - que, na eminência de ter sua existência suprimida e açambarcada pela “casa comum” dos infernos, resistam heróicamente à invasão inimiga, à supressão doméstica, enfim, ao golpe contra a última zona de liberdade terrena: o lar.

Vedem todas as frestas! e façam de seu lar um santuário de Deus, único capaz de dizimar as peripécias do demônio.

Imunismo, a religião das bestas

Existem dois tipos básicos de religiões: as verdadeiras e as falsas. Por verdadeiras, entendemos aquelas que, por virtude do céu, vieram ao homem para assim fazer valer o plano excelso e majestoso do Deus uni trino. Por falsas, referimo-nos a aquelas que, embora fossem em priscas eras instrumentos da destra divina, já não exercem atualmente seu estatuto de *verdadeira religião* por simples caducidade temporal; também a aquelas que, inspiradas pelo diabo, seduziram e ainda seduzem obtusos lemingues; e, enfim, a aquelas que, como frutos da mera imaginação e deliberação do homem, são instituídas como fugas sazonais em certos momentos específicos da história - geralmente ante a aterradora visão da própria ideia de religião verdadeira.

O *imunismo*, a religião das bestas, condensa estas três esferas da falsificação religiosa: o retorno às crenças falsas de religiosidades cadavéricas; a inserção em fluidos imagéticos das expertises diabólicas; e a patética construção artificial humana que oculta a verdadeira devoção. Ele veio para coroar séculos de fugas espirituais confeccionadas no tempo, no espaço e nas almas, de forma a seduzir os últimos regatos de lucidez ainda incursa. Não é uma mera convenção social, ou um novo tipo passageiro de despotismo emergente, é a genuína paródia da salvação encravada nas entranhas da terra e espalhada pelos demônios dos ares.

A nova fé se faz presente onde a velha razão se liquefaz.

Pés descalços, faces cobertas

Os pés são símbolos da sensibilidade humana pois é sobre eles que o restante do aparato corpóreo, incluso a cabeça, símbolo das faculdades espirituais, se sustenta e move. São frágeis, proporcionados e simples, não brilham aos olhos conforme a importância devida. Quase sempre ocultos e cobertos por revestimentos ornamentais, em sua fina delicadeza precisam ser ao mesmo tempo elegantes, firmes e belos numa certa razão - pois um pé feio é aquele que não sustenta, enquanto um belo, o que sobrecarrega.

Símbolos da pureza e humildade, os pés são vistos (ou quase nunca) hodiernamente como atores coadjuvantes num teatro de faces. Estão humildemente solícitos em se imiscuir dos aplausos para o bem alheio. Os pés, assim, são servos inúteis.

Na representação dos santos são tão principais quantos os rostos dos mesmos, denotando a perfeita harmonia entre identidade e abnegação. Em suma, os pés são a vida sensível, enquanto a cabeça, personificada pela face, a vida inteligível, denotando já na patente constituição dos corpos uma hierarquia justaposta.

Quando Cristo enviou os discípulos de dois em dois para cumprirem seu desígnio, recomendou o uso de sandálias para justamente criar certa barreira entre a sensibilidade e as pedras de tropeço deste mundo na consecução da missão. Esta sandália é sua sã doutrina que, longe de debilitar a sensibilidade humana, antes a protege contra as obtusidades cortantes do caminho a ser trilhado. Mas há um detalhe: Cristo pediu que cobrissem os pés, mas não a face. Pela graciosidade de suas expressões os discípulos seriam reconhecidos como enviados deste sumo bem. Os pés não estavam descalços, os rostos não estavam cobertos.

Cobrir com a sã doutrina a sensibilidade tão frágil e exposta às agruras exteriores, ao mesmo tempo que se revela com a face límpida e reluzente a graça na qual nossa missão se sustenta e parte, é a marca de uma natureza humana sobrelevada pelo princípio de todas as coisas. Num mundo como o nosso onde os pés estão descalços, não por um martírio santo ou por uma grata humildade, mas pela imprudência devassa, vil e capciosa, será óbvio que as faces estarão cobertas - simplesmente por não revelarem mais a luz que outrora, pelos pés, foram solevadas.

Meu cachimbo cristão

Nós homens ao longo dos últimos séculos fomos tolhidos através da promulgação de numerosas leis positivas de diversos hábitos saudáveis que adquirimos, há muito custo, entre guerras, pestes e árduos trabalhos. O progresso dos direitos civis, que caminha de mãos dadas com o processo de supressão das liberdades individuais, contribuiu para tais perdas. De fato, não obtivemos um aumento de liberdade com a instituição de novos e numerosos direitos, antes, fomos privados, pelos punhos da lei, de muitos destes velhos hábitos que por conta de seu valor consuetudinário se chocaram, em certa medida, com estas delicadas e sagazes mãos de moça da moderna jurisprudência farisaica.

Um destes belos e saudáveis hábitos é o deleitoso tragar de um bom e perfumado tabaco. Com o avanço da ciência médica e sua peculiar sanha dogmática, este sublime hábito caiu nas raias do infame e do detestável, ao ponto de hoje ser raro ouvir alguém dizer "vamos dar uns tragos enquanto conversamos" ou "tem fogo aí?". Isto porque, pouco a pouco, a mesma insidiosa ciência médica, através de uma macabra simbiose burocrática, se mesclou ao arsenal de leis positivas enquanto sagrasse, cada dia mais, como a religião do futuro, a salvadora deusa do bem-estar.

De avanços em avanços, a sociedade civil perde a naturalidade dos ditosos hábitos que se esvaem no ralo das excrescências jurídicas; se pulverizam nas chamas dos opróbios cotidianos da política; e contraem-se na expansão asfixiante do controle sobre o comportamento individual. Contra todo este retrocesso progressista, munido de meu cachimbo cristão, digo:

Eis aqui o duto onde escoa os sonhos fumegantes das almas livres e visionárias que observam a fumaça formosa subir aos céus como o vôo dos rebentos ao paraíso.

Os repolhos pensantes da história

O que faríamos se não soubéssemos quem somos, o que fizemos e o que ouvimos ontem? Como agiríamos se esquecêssemos sutilmente os detalhes mais íntimos de nossas experiências fundantes, aquelas que dão substância a nossa personalidade? Onde estaríamos se não soubéssemos de onde viemos, de quem procedemos, qual passado nos modulou e moveu? Estas perguntas são por demais perniciosas à classe de repolhos pensantes que creem na futurologia da história - que nada mais é do que encarar o passado como ficção, e um futuro fictício como fato consumado.

Para essas hortaliças do saber, suprimir a história é simplesmente contá-la segundo o que ela será um dia, de frente para trás, sem ainda ter acontecido. Pura suposição e sonho. Tal inversão do pensamento exclui, *in limine*, a própria possibilidade do pensamento em relação a sua harmonia com a memória.

Nesta sanha inovadora, tal fenômeno tem como mote embrutecer a memória ativa das vítimas absorvendo seus últimos resquícios de coerência interna numa sucção quase intestinal e esvaecida que proclama uma escatológica bílis fatal do esquecimento. Inevitavelmente, prosperam a tirania do esquecimento junto a liberalidade da imaginação vadia. Eis a paródia reinante entre as sardinhas licenciadas que ministram o ensino de história nesta margem do rio caudaloso do tempo.

Nada restou das almas ensandecidas que crêem na descrença remota enquanto descrêem da própria capacidade de união entre consciência e verdade histórica. O mundo ginasiano jaz neste maligno, mas este maligno é um fruto que caiu das árvores já desnaturadas nas cabeças daqueles que principiam a vida do conhecimento, como *newtons* abobalhados. O desejo intenso de desligamento e a volúpia sádica do olhar para frente destes repolhos historicidas - como se a história fosse somente o belo dia do amanhã - precipita os infantes no abismo de uma amnésia imperativa.

As vacas mastigam enquanto há grama em seu rúmen e os repolhos pensantes privam seus pupilos enquanto não se tornam saladas. A história é perigosa e não se deve ensinar, cantarolam os currículos determinados por próceres do adultério temporal - isto porque sabem que um homem de livre consciência é perigoso por transluzir, em si, o além e o aquém. Quando conhecedor da história, este homem, além de perigoso é um devorador de repolhos.

O labirinto dos bruxos

A revolução socialista pela sua tradição tinha em seus primórdios como alvo, produto e matéria, a otimização de um extrato distinto da sociedade denominado genericamente como: *trabalhador*. Este signo constitutivo dos aglomerados humanos foi o núcleo agregador pelo qual todas as primevas revoluções sociais, iniciadas a partir do século XIX, se fundaram. Porém, a contribuição deste ator foi contextualmente localizada e temporalmente limitada. Em vista da pouca adesão do proletariado global ao interesse pela revolução - haja visto seu sucesso em obter as mercês de seus esforços laborais -, o clamor disruptivo da rebelião comunista descarta o então produtivo penhor de seus clames e passa a vista a outra figura, transubstanciada na própria pessoa do operário: o *recreador*.

O recreador é a evolução sequencial do sucesso material dos trabalhadores. Ele é a próprio fruto da arvore operaria, de seus esforços produtivos que mantem a sociedade econômica em movimento e ação. Este é o novo protótipo prometeico da revolução, aquele que não só trabalha, mas brinca e se diverte.

Encantar as massas e desvinculá-las de seu caráter não só produtivo, mas agregador, é a máxima da cultura de massas formada após as grandes guerras. Uma típica bruxaria tecnológica que se opera sem sentir. Sublevadas a status de libertárias em termos de consumo, a opção socialista seduz os escolhos das fabricas a uma vida de prazeres aquisitivos. É aí que sua mágica, seu embruxamento materialista tem início: nas delicías epicureas do jardim telúrio.

As sociedades culturalmente massificadas pela revolução colocaram no alto pináculo dos desejos humanos esta sede por recreação, diversão e entretenimento. Reconduziram o homem de seu estatuto de produtor estrutural de riquezas a uma condição de gozador caricatural de seus bens disponíveis nas alfétenas de mercado.

Um homem cuja a motivação primária seja recrear não irá fazer parte de nenhuma revolução, mas sua índole, sendo de tipo jubilosa, é apropriada a rebelião na medida em que se amotinará a qualquer tentativa de se lhe amputar o fruto de seu trabalho: o gozo pleno e voraz do lazer.

Eis o labirinto dos bruxos, uma brincadeira minoica onde se perde a pessoa que nele penetrou.

Monomanias

Vivemos em tempos estranhos. Frutos de lanhamos cadavéricos. À beira dum abismo de lágrimas, compartilhamos espaço com corjas salutares que guerreiam no ar; jogam pedras ao caminho enquanto expõem o ácido gorgolejar das antas sopegas e macumbeiras; derretem, às vesgas, sonhos reais que das crianças abismadas insurgem o admirar.

É negro e flácido o momento adormecido nas bocas mais desilustres. Como cônegos do inferno, recitam o canto das vespas espasmódicas fomentadoras do caos. Vendem o cadafalso que irá romper ante o peso de nossos pecados – criados por máquinas de ilusões elétricas – quando a tunda falsa dos intrujões caninos se instalar, aqui, no coração enrijecido.

Venderam-me a preço de lama e agora reclamam minha alma hostil aos demônios paradoxais. Eles, que navegam nas brumas da sonolência febril e caminham entre os joelhos macios do tempo, picaram nossa pele com alfinetes mágicos e percorreram mais veias com canalhas traquinagens. É sempre o mesmo ruminar: os loucos repetem azedos o larápio olor do movimento circular.

Na mesma batida, quem perdeu o juízo jamais perderá a empáfia. Crê - e como crê! – que é safo. Vê – e quando vê? – que é cego, jamais admite que sua luz é o apagar rotundo de uma vela sem fio. *Mirandum*? Não existe, jamais! Quiçá, falácia morta. Sua rota torta indica a trupe dos abobalhados: imunes à imunidade sã, expostos à debilidade vã. Alvíssaras torpes arrancaram-lhes sorrisos e pulos de alegria - uma verdadeira cornucópia de alienações taquicardíacas.

O Homem Cão está chegando, rangem as bestas. *O vento polui seus alvéolos íntimos*, choram os caiados. Eis um acinte a minha nobreza constituída em misérias. O que o poeta, o filósofo e o santo tentam supor, estes loucos prezam impor: a realidade. Pois o louco isto faz, empenha a dureza do discurso servil afim de demonstrar seu ranço imprecatório. Esta é a maneira mais daninha e deletéria de emancipação. O empedernido conhece bem a razão, mas a otimiza conforme seu prado. Filaucioso, corrompe até o mais justo na medida em que procura no labirinto, não a saída, mas a entrada.

Horrípilo és na procura das palavras. Elas, que desenrolam, enrolam ainda mais estes que as abominam em essência. Na excrecência dos que dominam o vento em formas, loquazes se mostram em tentativas absolutistas e verborrágicas. Como são modorrentos seus lampejos... envidam a luz do céu e deturpam o azul rebento!

Ósculos putrefatos de urdiduras assaz senis, se afastem do poeta! pois o filósofo o espera para almejarem juntos a santidade – contrariedade total. Neste lodo, a fórmula do sucesso é se banhar de aprovação, e a do infortúnio, morrer aos burburinhos. Ouço ainda os mantras sagrados dos asseclas do diabo em naus furadas que repetem, em ladainhas taciturnas, as letras sacras de um credo odiento. Não é a repetição que nos arrepia, mas quem a promove. É exatamente numa valsa sem acordes que bailam os filhos esquecidos.

Seus prolegômenos são cáusticos, suas discrepâncias, sórdidas. Tudo no mesmo tom de fumaça púdica. Em busca do fenecimento da visão interior, a doença dos repetecos aspira à dominação sublunar. Não me engana suas janotas. O ruar falante talvez seja sua veneta mais marcante. É na molície que o fenômeno prolifera. Ébrio catafalco...

Como deixaram de ser úberes, morreram à produção abundante do gênio. Isto fez com que o comando geral lhes atribuísse à classe dos desfavorecidos mentais. E, de fato, isto é verossímil. A angústia entranhada em suas falas pressupõe o êxito dos estarrecidos, quando só na parelha encontram força para suplantar sóbrios redarguidos.

O mundo falaz jaz à sombra do escudeiro real. A mente ignóbil dos mártires deste novo tempo remete ao templo corroído por larvas. Estas, que parecem mais elementos de uma retilínea usurpação cacofônica, fuçam no mais tênue véu epidérmico até os ossos das catacumbas. Suas vozes remetem a dor, o fel, o desespero, mas não aguardamos a visita de nenhum corvo nestas paragens.

O discurso é o terreno onde a terra morre e seca. Desde as origens do tempo, ele foi bem diferente e mais fértil. Porém, desde o ponto de vista da borda, da linha que divide o abismo, esta fala primordial arrepia até as limas roedoras de unhas; até as casas retumbantes e mudas; pelas ventas linguetes dos tímpanos! O homem perdeu esta comunicação oriental do espírito. Foi preciso a carne santa para retornar o vínculo entre o bom Deus e sua criação mais carinhosa. Pelas mãos Ele cunhou este ser compendioso, enquanto pela palavra fez surgir do nada aquilo que nos compõe.

Portanto, o discurso e a linguagem mágica são para nós uma salvação. A palavra não é morta, mas a letra é. O espírito que vive - e vive a todo custo! - da sua vida à letra morta para que ela viva na palavra. A multiplicidade irrompida de formas e sentidos daí deriva como miríades de canções divinas.

O homem nasceu para falar. O homem é falar. Até mesmo os mudos falam sem cessar. E a algazarra das vozes permanece enfática frente ao muro crasso dos grunhidos animais.

Retinir frente o ser procurando um vazio, ranhado e impertinente, eis a maneira dos monomaníacos deste século. No repetido sinete de seus trêmulos orbes virais, a veleidade que pervade a sementeira raiz de seus atos, enquanto perfura os trépidos halos de seus fatos, induz ao reino da volição amásia - o hilo desvalido do paraíso bestial.

Homunculus

É na baixeza que o homem se conhece, se reconhece e até desfalece se preciso for. Nela, o homem deve assumir-se e elevar-se perante as favas de sua insignificância, com prudente dignidade. De fato, parece estranho que muitos não saltem definitivamente desta lama da baixeza que pouco a pouco nos cobre, e como um banho de cobre, nos dá um tom de valor. Tal lama viçosa e insossa percorre tranquila nossas veias em cada lampejo desilustre. Em sua circunvolução, perdemos o desejo tênue pela liberdade refulgente em meio à uma espessa penumbra, no auge de uma lassidão desesperante. Acabamos por nos tornar baixos a ponto de odiarmos os grandes que deveríamos amar. Vislumbramos de soslaio os diversos personagens do mundo e suas portentosas instituições como teratológicas divas, enquanto os verdadeiros rebentos de virtude heróica, que chamamos “grandes homens”, passam a ser considerados por nós como subversivos e derrotados, quando muito, escandalosos. É o caso dos santos católicos, homens no sentido pleno da palavra, que hoje são tratados como lendas de uma humanidade tola e ingênua. São vistos pelos *homunculus* do dia como pequenos insetos, imagens defuntas e assustadoras, sinônimos de morte e fanatismo antiquado. Pois sim, os *homunculus*, estes deuses de casas de boneca, adoram julgar os grandes homens virtuosos do alto de sua sordidez olímpica.

Na completa escuridão do horizonte contemporâneo brilham os olhos dos mimados *homunculus*, estas criaturinhas assustadas reféns dos sons. Homens de seda com ossos de vidro, carcomidos pelos próprios desejos e desejosos de erigir suas vontades libertinas contra qualquer indício de virtude superior, adquirem o hábito de expressar às avessas a realidade. Esta geração hipocondríaca perdeu a virilidade diamantina e adquiriu uma fragilidade porcelanata conforme o aumento do número de bens consumíveis em suas feiras livres. A vontade de homens desta nata, minguados e embevecidos no conforto, essencialmente é como um pó que venta baixo nos rodapés das mesas modernas compostas de ferro e plástico industrial. Artificiais por natureza, rastejam esquálidos no caminho dos ratos que urinam e grunhem frente a imensidão humana dos grandes santos e homens piedosos! não de sua grandiosa facilidade em aviltar. Procuram a cada instante

roer os ossos dos próprios irmãos conforme sua profunda falta de convicção. Mudam de opinião como mudam roupa, ao soprar da moda! arrotando hálitos insólitos que só hão de afirmar o fragor profano de sua desatinada corrupção.

Estes *homunculus* sedentos por segurança e conforto não aceitam fiança. Se te prendem em suas teias, te assaltam ou te arrancam as vísceras, lhe cobram caro – e sem

prestações! pelos instrumentos utilizados e serviços prestados na incursão. Não creem na Verdade – esta é apenas simples validação convencional – nem mesmo no erro – um "estar de fora da roda" -, creem apenas em si mesmos como estátuas gregas sem braços, porém, de máscaras, produzindo impressões sólidas e angustiosas nos corações daqueles que os visitam em seus museológicos aposentos. Desmascará-los, eis nossa maçante, mas gratificante missão.

Nesta alegoria pitoresca, o simples fato de não terem braços - um modo de dizer a obtusidade e inabilidade acerca de sua ideia primitiva em relação à *Verdade* e o erro - nos indica um detalhe burlesco de seu caráter: os *homunculus* modernos simplesmente não agem por razão, mas sim, pela mera conveniência. Mesmo que uma determinada linha de ação não faça o menor sentido de razoabilidade, a adotam, se for conveniente. Isto porque confiam ritmicamente no som da flauta que toca a canção gloriosa dos lemingues que unifica as consciências na mesma frequência estática, no mesmo orbe nauseabundo, na mesma ilusão mentecapta. Democratizando a bestialidade, esta flauta traduz emoções em letras toscas, esperanças em sansões de graus sutis, lúmenes diapasões mumificantes. Esta portentosa flauta amorfa, mas saliente, reproduz no ar elementos hierofânicos que inspiram as moscas sentimentalóides e suas asas políticas a planarem sobre as tundas frescas feitas para nossa contemplação.

Sobre as colinas salivosas deste plásmico rincão, espera a musa dos *homunculus* em sua música tônica, o respeito humano, ode que toca mais na pele que na concha do mar! Não ouvem, sequer escutam!... respiram seu bálsamo amanteigado. Absorvem e coagulam essas notas pútridas nos átrios profundos de seus candeeiros até suas últimas consequências. O respeito humano é a canção de ninar dos *homunculus* embevecidos no mal, no mal estar. Isto indica que vivemos na era do bem, do bem estar, e a raiz da conveniência deste enredo musical que os atrai está no perigoso e sorrateiro respeito humano. Tal deslustre atitude tem como antípoda – e digno remédio - o amor ao próximo, tão empoeirado nos tempos de agora que acaba por nos impor a seguinte questão: como aplicar, remediar e sanar tal achaque em dias como estes que tudo se dissolve no ácido estomacal do igualitarismo rasteiro? Com certeza, de uma forma que irá soar aos olhos púbicos do público pudico como "afronta", "intolerância", "violência", em suma, na mais completa maquinação de um "fanatismo antiprogressista". Oh! como as almas de hoje são bisonhas e escurentas...

É triste ter de tratar com os *homunculus*, tão psiquicamente atados a diversos limites linguísticos. Sim, limites linguísticos impostos pelo som da musa - a nova

caçadora de lemingues que desbancou o flautista masculino de *Hamelim* - que fazem as mais óbvias verdades travestirem-se em ofensas partidárias.

A musa da ordem, da *nova ordem*, similar a deusa razão dos revolucionários franceses, porém, muito mais poderosa, pouco a pouco aumenta o cerco semântico e espalha seu pólem de respeito humano na atmosfera asfixiante do domo de Adão. Seduz com sua eufonia os pequenos anões supersticiosos que não creem mais em Deus, mas na palavra *Deus*! enquanto repetem a torto e a direito, a todo custo, em toda esquina, palavras divinas por sua língua em torpor: senhor, senhor... Pois bem, o *Senhor* mesmo nos disse em alto e bom som que não podemos servir a Deus e ao dinheiro. Usou o dinheiro como exemplo de uma poderosa força motriz para sinalizar: nada de dois senhores, esqueça. Ou Deus – princípio único, absoluto e imutável – ou o dinheiro – a musa e todas suas quinquilharias, inclusive, o respeito humano.

A musa, aqui para nós, é o espírito daquilo que *Santo Agostinho* denominou "cidade dos homens" em contraposto à "cidade de Deus". É um espírito no sentido de ser uma mentalidade, um modo possível da alma que se assemelha à uma mulher nua galopando num cavalo – sem sela - roubado da estrebaria dos deuses e que pode tomar variadas facetas dependendo das condições atmosféricas. Se reproduz socialmente e já se consolidou ao longo dos séculos sob a forma de diversos impérios. É uma espécie de praga germinal da história que, quando não é descoberta a tempo, acoberta toda a luz natural acostumando, em sua sensual penumbra, as retinas à chegada de uma noite sem fim. São os *homunculus* os lápis-lazúli desta positivista Babilônia.

Do céu para os pavimentos da civilização mundana, os *homunculus* servem de matéria metamorfa para a revolução final. Geralmente aceitam qualquer imposição irracional e até agradecem pelo sorvete pregado na testa. Lei natural é pieguice passada; tradição, um desgostoso ultimato; perversão, não verter no vazio. A cidade dos homens nunca foi tão expansiva quanto nos últimos séculos. Assim, a musa prepara seu trono nos lombos dos outeiros e estes remontam os caminhos. As praças públicas agora são luzes em telas de bolso; as ágoras, plataformas de opiniões coloridas; o mundo, este pecado de terno e gravata! Elegantes e tórridos, os *homunculus* colecionam prazeres e se comprazem na diversidade do mercado. Compram e vendem nas interfaces digitais, comem e bebem entre camaradas animais, se habilitam e empilham diplomas. Eles nasceram pra vencer!

Nesta Atlântida de *homunculus* tecnocratas, buscar a santidade é o mais grave atentado ao pudor, uma ofensa aos olhos pudicíssimos desses grandiloquentes homens

futuristas. Diante de tão calamitosa inversão, como resgatar os *homunculus* deste complexo de pequenez ensandecida? Torná-los grandes é tão remoto como engolir o sol sem queimar a língua; como surgir uma flor numa ferida; mas ainda assim, o miraculoso atesta aquela esperança jamais vencida: a esperança dos sábios. São eles os responsáveis pela recuperação dos vencidos, somente eles podem conduzir a caravana perdida de volta à senda frondosa da cidade de Deus, do reino da Verdade!

Conhecer a Verdade, ordenar todas as coisas, apontar os erros e julgar os princípios, eis o quadrante encontrado por *Aquino*, um destes grandes sábios que pode transfigurar *homunculus* em vasos virtuosos! Quantos deles se desbarataram dos laços do erro ao serem conduzidos pelo ensinamento de sábios como este! A sabedoria, sim, é o remédio para a *homunculação* assintomática do mundo, pois ela é a maior demonstração de amor ao próximo. Quem ensina a verdade, espalha esse amor. Quem a esconde, trancafia-o no horror.

Pois então, o que seria a verdadeira grandeza humana: a posse de um poder temporal? Da riqueza reluzente? Da beleza encantadora? Da eloquência sedutora? Dos títulos acadêmicos? Da força bruta? Da fama febril? Do reconhecimento público de alguma qualidade particular? Dos aplausos efusivos de uma platéia microcéfala? Do olhar cadente de uma admiração narcoléptica? Jamais! A grandeza humana é a admissão de uma pequenez constitutiva e irrevogável perante a realidade! Esta grandeza, evidentemente, existe em graus diversos segundo uma escala hierárquica e o único igualitarismo existente nela é o fato de estarem, aqueles que assim procedem, ou seja, os *magnus*, despidos das indumentárias ilusórias desta vida. Outrossim, isto não é grandeza aos olhos dos *homunculus* modernos, mas antes, sofreguidão. Não suportam o fato de que seus grandes ídolos jamais serão tão grandes quanto os sábios e santos! Acreditam que a grandeza é se render aos Golias do mundo, aos ricos antropófagos, aos masturbadores

opulentos e suas instituições civis ultrajantemente convencionais. Diria o poeta, a

grandeza de alma se esconde nos calcanhares da baixeza altiva.

O que realmente ignoram, os facínoras de si mesmos, é que através da percepção de nossa própria baixeza podemos alcançar este santo estado de sinceridade dos grandes homens que, cônscios de sua total irrisoriedade perante a realidade, cresceram virtuosamente na direção do céu abjurando, como condição primordial, suas escamas na poeira da terra. Basta esta noção admissional para começarmos o trajeto gracioso na

pequenez engrandecedora e sábia que é a dos virtuosos. Se no mundo há – sempre houve e sempre haverá - estes que como loucos raivosos; bestas amorfas; pomposos damas; crianças iluminadas por mimos medicinais caem nas armadilhas do cão, estará sempre ali por eles algum sal da terra sustentando, em sua confidência amorosa, a própria terra contra a ira justa de um Deus tão bom.

Não devemos nos sentir *grandes* se não percebermos primariamente esta nossa pequenez constitutiva. Sabedores da disparidade irreversível em relação à realidade, nos libertamos como os virtuosos, que a esta sabedoria assentiram por se admitirem tão pequenos. Claramente percebemos que pela declaração sincera de nossa própria baixeza e pequenez em relação à realidade podemos entrar no reto caminho da grandeza humana. Em contraposição ao orgulho seguro dos *homunculus*, este tipo de pequenez - a pequenez dos santos, sábios e pios homens – aparece como via perfeita, alternativa eficaz para a futura realização da bela natureza do homem. O exemplo dos bons é a cura para esta doença anônima que pervadiu o cenário global.

Sereis virtuosos ou *homunculus*? Devemos definitivamente escolher de que lado estaremos. Do lado dos que, por inflarem egóicamente, acabam encolhendo a ponto de verem tudo que há de efêmero se agigantar à sua frente; ou dos que, por admitirem heróicamente sua própria baixeza, se agigantam no amor à Verdade? Este é um dilema que somente os grandes homens virtuosos passam quando percebem os gigantes da terra como realmente são: pulgas ínfimas. Suscitar este dilema já é dar um passo na direção da grandeza. Uma decisão dura, talvez das maiores.

A vida mordida

Intermitentemente roído pelas mordidelas constantes de uma angústia apavorante, resolveu sair sem muitos cuidados indumentários pela rua molhada.

A noite era de chuva e chuva abafada, pouca, mas travessa o suficiente para inundar não só a palmilha de um sapato dilacerado mas a alma de um resvalo humano.

Um homem não pode aturar certas verdades, muito menos várias inversões delas. E quando seu coração se vê imerso em vozes que o calam e gritam histericamente, ele, como um gato, costuma pular a janela - embora este em particular tenha descido um lance de escadas.

Próximo dali, outros olhos silenciados pelas glosas expandidas de um cáustico interlúdio diziam mais com seu silêncio que todos os ditos dos sebosos sábios orientais. Não hão de ter culpa se um hermoso gato ralado é abocanhado pelo destino engraçado dos bobos.

Este homem - mais um gato surpreendido no furto - é o homem que vive em todos nós e que só aparece nas horas de alegria. Nessas benditas horas tal viés reaparece e cresce descomunalmente. É a sina dos santos, porque não a dos bestas?

O caminho era curto até a próxima estação. O vento cortante dilacerava as pálpebras nauseabundas de quem tem sono enquanto desperta ao simples tocar o leito. Os sinos de uma igreja próxima badalavam à hora das almas sôfregas, e o homem mordido os ouvia com sincera veneração.

O banco estava molhado. Isto não impediu que as calças esfarrapadas pousassem sobre seu madeiro. Ali seria um Gólgota particular. Sacou o terço do bolso velho. Rezou algumas dezenas em sinal de respeito a sua existência pueril, mas querida, selando assim a mordida da vida que não foi capaz de lhe amputar certo frêmito de fé.

Assim são os que na iminência de serem devorados escolhem o caminho das feras.

Ao fim ele voltou, voltou para casa, a casa que instantes atrás o havia deixado atônito frente os dilemas mais banais da vida.

Não há nada de especial nesse relato raso do submundo vocal. Apenas o venerável e duro peso do existir - apesar de tudo.

O deserto é certo

Nunca caímos mais baixo do que a baixeza que nos impele ao alto. Se pudéssemos, veríamos o bem tão logo os limites fossem quebrados.

Infelizmente esta não é uma opção plausível já que a areia do deserto está ligeiramente acima em sua camada mais fractal e bem abaixo em sua macilenta dureza.

O que nos resta são passos incertos e tropegos ante o calor e frio deste mar de secura movente. Vez em quando um oásis surge neste terror epidermico. É aquele momento do descanso que aponta o quão pavoroso será o outro em seguida - quando o deleitoso se for.

Por esta razão nós pousamos tão largados, quando tal interlúdio se sobrepõe à realidade, que ali ficarmos por toda a eternidade, como um fóssil petrificado no tempo e no espaço.

E lá vamos nós de novo, caminhar nesta ilha ininterrupta onde a saída é muito além do limite de terras. Nela, o homem é um centro que reduz tudo ao fardo, e nesse reduzir, amplia automaticamente cada parte ao infinito que os olhos não vêem e o coração contempla cego.

E duas vozes cercam o ator esfarrapado: uma, no horizonte querido; outra, nos confins traçados. Uma diz "venha", outra diz "volte". A grande questão gira em torno da distância envolvida no trajeto: uma é longa e incerta, enquanto a outra, curta e certeira.

O deserto também é certo. O esplendor, apenas uma esperança coberta de incertezas reluzentes.

O remorso e a degola

Decerto, a vida pode ser vivida como a procissão de um condenado que se dirige à lâmina de sua paixão mais intrusa. Sem expectativas outras que não a dor que lhe advirá, este se porá a passo de caranguejo na medida em que o carrasco lhe conduzir linearmente - sem muito forçar, pra não assustar - se valendo tão somente do peso de sua massa amorfa e vitupera.

Claro que isto é pessimista demais para os corpos sadios e esbeltos do verão iluminista. Estes, que não se preocupam severamente com o deslizar de um fio na garganta - porque tal imagem se compraz de um fascínio inócuo pela corrupção, enquanto a delícia do Éden ainda lhes causa orgiásticas lembranças de nascimento -, são como aves sem asas planando pelos bicos canoros.

Esta é a síndrome veraz do remorso, substituto tenaz do arrependimento. Em tal lamento, os curiais da vida boa se esquivam da acusação e, por tal razão, o remorso se torna um alvo espectral que anula e suprime a contrição pura e simples. Então, a degola é feita não como em carneiro, mas como em porco: os gritos são muitos, com trepidar violento, na lavagem que espirra como gotas de um bom *Crémant*.

É quando nos ocorre a sublime visão de que viver em remorso é ser degolado ao véu do vento, ao passo que viver arrependido é ser a degola de si mesmo.

Sendo a degola este fato crítico semelhante a morte - irreversível e inapelável - o remorso só pode ser o clarim final numa odisseia sem heróis, já que o arrependimento não passa de um silêncio homérico numa história calada.

O famoso "Quem é você?"

Muitos são os que esperneiam "*Quem é você pra me julgar*?", "*Quem é você pra dizer o que é melhor*?", "*Quem é você pra me inferir medidas*?", "*Quem é você pra me dizer quem é você*?". Vou te dizer.

Não há ninguém suficientemente capaz de responder a tais aflitos neste mundo de mutação. Não há sequer uma única alma isenta de falhas ou sortilégios para denunciar uma mácula alheia sem expor centenas de suas próprias. Porém, a questão não reside no *individual conflitante* do caso, mas no *universal resoluto* da coisa.

Quando uma alma denota um erro alheio, ou o faz sob circunstância verídica, ou sob clamor rotineiro. O que isso quer dizer: ou estamos assentes debaixo de uma aura de infinita anuência - a verdade - ou de uma penumbra falaz das mais variadas políticas rasteiras - o verossímil.

A segunda opção geralmente é mais frequente, e isso exclui a parcela de santidade contida na primeira - pois para ser reto é preciso uma nota santa, e para ser torto, apenas de um gracejo sem fundamento.

Acontece que a fobia por correção é a tônica final de um estado de coisas demoníaco que nos absorve há alguns poucos séculos, numa valsa arranhada em moda nova. É o medo da *crítica.* E como onde falta a santidade explode o engodo, a grande guerra pelas consciências começa na interrupção natural do corretivo básico da convivência social, o tal temor infundado dos livres pensantes.

Sendo o medo da crítica pessoal o ponto fulcral onde todas as cornucópias cotidianas encontram consolo, o valor corretivo só pode ser o elixir mediativo que encontra a morte na sugestão pertinente do momento presente - num simples lampejo! - que poderia unificar todas as dissociações elementares.

Onde o "*Quem é você*?" pode se tornar o "*Quem sou eu*?", há a supressão da verdade corretiva e salutar.

O Nadir da discórdia

Na base de qualquer conflito reside a dualidade. Esta não pode conceder, a princípio, a certeza aos dois lados. Não podem estar corretos ao mesmo tempo na mesma linha. Um deve ter a razão, ou nenhum dos dois a tem - jamais os dois simultaneamente. Este é o caráter simples de qualquer conflito - moral, intelectual, político ou o que seja: de duas opiniões opostas sobre o mesmo ponto não pode haver duplo acerto, apenas duplo erro.

A discórdia contém esta regra elementar e intransigente, mesmo que os oponentes que a componha sejam estultos o suficiente para desprezarem tal mecanismo. E é nesse ínterim, na insuficiência ôntica, que seu *Nadir* acontece.

O ponto mais baixo de uma discórdia é a ausência total de razão nos dois ou mais lados em conflito. Na reprodução desta ausência, ocorre pura e simplesmente o desalinhamento entre coração e intelecto, capaz de reduzir toda a batalha a uma pantomima de troças. E podemos afirmar que a tônica dos tempos modernos, ou pós modernos, ou até ultra modernos! reside nessa saliente disfunção entre o que é amado e o que é sabido.

Para que haja certeza absoluta sobre o que é verídico ou não numa opinião basta que nos coloquemos sob a tutela de uma autoridade legítima. Mas surgirá a questão: como saber se a legitimidade é legitimidade de fato e não uma autoridade qualquer auto legitimada pela força do pau, e não pela verdade? Digamos que a resposta correta não é nada teórica, não pelo menos aos moldes daquele oráculo que chamamos "ciência". A resposta é mais simples, patente, prática, prática no sentido da percepção direta de uma realidade compatível ao entendimento humano.

Cristo Jesus resumiu tudo isto numa sentença humilde e poderosa que pode substituir qualquer linha científica pós newtoniana de araque, dissolvendo resolutamente todo o *Nadir* das discórdias contemporâneas: "*pelos frutos vos conhecereis*".

Este é o *Zênite* da discórdia, onde a autoridade legítima da verdade se impõe sobre todos aqueles que a acolhem e, sobretudo, são acolhidos.

Pequenos tiranos

Os maiores déspotas da história sempre foram homens de índoles violentas, vis anseios e corações impetuosos, enfim, possuidores de virtudes bélicas acentuadas para serem capazes de encabeçar grandes processos revolucionários na fúria insana da tomada de poder.

Claro, no fundo de suas almas podres sempre vivia um covarde pífio e desconfiado, tremendo horrores ao pensar perder as armaduras externas que garantiam suas ações.

Acontece que com a democratização da opinião e a massificação das vozes anônimas a figura do déspota foi se modificando e também se tornando mais acessível a todo e qualquer maltrapilho marginal da sociedade global. Não é mais necessário obter o poder do estado ou o comando do *front* de guerra para com armas devastadoras em riste oprimir os mequetrefes indesejáveis em seu caminho. Basta subir no púlpito de si mesmo e - pelas garantias legais do mercado e do showbiz - arfar pulmões contra tudo e contra todos que exalem às suas narinas urubúdicas um sutil odor antagônico. Mas existe uma kriptonita amarga para estes mendazes homens de pixels: a humildade.

Esta é a peste negra e inimiga mortal de todos os pequenos tiranos gerados na civilização pós moderna: aquilo que está "abaixo", no chão de suas botas coloridas de asnos versos; aquilo que está pronto para ser pisoteado e raspado para trás num movimento de quem tenta se esquivar da gosma pútrida - agarrada ao solado fausto da egomania que constitui o algoz -, sua *Antígona* fantasmagórica mais febril.

Obviamente jamais se acusam de *tiranos* - menos ainda de *pequenos*! - pois sua grandeza está em se inflarem como sapos, para em seguida, gritarem como pererecas. Assim encontram platéia e urros; roncos e trombetas; gralhas e morcegos para os adorarem e temê-los.

A maior e mais perfeita forma de controle não está mais na ascensão de um grande tirano, mas na massificação dos pequenos. *Adam Weishaupt* que o diga. Este homem, há pouco mais de dois séculos, criou uma sistemática de controle draconiano através da massificação da tirania disfarçada que permitia cada membro de sua associação se comportar como um *condotiere* em relação a seus subordinados diretos - num misto de prática confessional cristã e estrita observância maçônica.

Esta sistemática, em pouco tempo, foi transferida para a malha social através da noção de liberdade individual iluminista - tanto pelo aspecto político-estatal como

pelo econômico-social - através da cultura, meios de educação e instrumental científico, assim, se tornando a matriz condutora da quase totalidade das relações humanas.

Para escaparmos de tal síndrome de *Nimrod* no umbral dos tempos só nos resta uma atitude: a manietação do orgulho besta.

O reino da farfalhada

Sondar os aspectos mais sutis da psicologia humana nos revela como o homem, na medida exata de seu assentimento redil, pode enveredar por caminhos assaz ecumênicos do trastejar rasteiro, principalmente quando encontra a alfafa gorda que seduz suas entranhas recônditas e seus pensamentos mais brutais. É triste constatar este fenômeno: como para alguns é fácil rastejar quando a esmola é farta e se pôr em riste quando a mesma é reles.

São ossos do ofício, ruminam tais vacas e jumentos escondidos no presépio onde nasceu a mentira mais atual, diretamente do ventre da prostituta mais espurca possível, mãe de peralvilhos que esperam - sedentos! - demônios trombeteiros anunciarem a *bossa nova*!

Tal é a marca do século: viver em semelhante teatro de mambas onde atores num palco xenômano e nóxio vomitam sobre a platéia embasbacada - aplaudindo de pé! - a gozar desta arte vã que os aguarda no inferno.

São os meios de comunicação explodindo ébrias chuvas fecais que, qual sereno lívido, permeiam a tez desta maracutaia mais empolada. Entretanto, é apenas um mero detalhe sem muito *trend*, já que em nosso cenário de ladrões que comandam cadeias e juízes que julgam com seus juízos sincréticos *a priori* - tudo é válido, menos a validade do real.

É como diria um grande amigo meu: *vivemos em um imenso deserto de fubá*. Concordo e reitero - no reino da farfalhada.

As palavras mordem

Sempre que desejamos algo que julgamos *bom* uma sentença se forma em nossa mente, seja ela exata ou inexata. Normalmente somos capazes de admitir a certeza de sua presença.

Acontece que esta sentença é tão somente um amálgama entre o próprio desejo e a imagem impressa da coisa desejada, não um fantasma vazio e separo da realidade. É aí que mora o perigo…

Nunca sabemos se sua presença é parte de nós ou coisa estranha, por isso, às vezes computamos erroneamente que não se trata de *presença*, mas de obscurantismo. Então, essa entidade interna e fulgurante acaba por mover o apetite a tal ponto de engendrar no campo fértil dos pensamentos outras tantas sentenças ainda mais impositivas - e sorrateiras.

O grande segredo da vida pensante é o grande segredo dos caçadores: o silêncio, que espreita o perfeito abate e a mira certeira sem muito alarde.

Se o tigre com uma bala não for abatido, com uma mordida irá ceifá-lo.

Boca variante

Boca, maldição premente, onde se fazem e se vendem todas as coisas que não possuem peso físico, mas moral. Nela o mau se torna mal e o bem se faz tão bem que, por tua língua, um império é desfeito e outro elevado.

Boca, mil bocas não bastam para uma se calar; bocas, mil bocas faltam para uma se emendar.

Tantas vezes te vi, ó boca, soprar um paraíso em ventos cortantes, para em seguida, serem varridos - por ti mesma! - em impropérios errantes, quão sutil é sua postura variante entre anjos e porcos moucos claudicantes…

É preciso ter medo da vossa senhoria, hercúleo órgão estranho, pois é canal do inferno tanto do céu.

Por uma boca tantos foram condenados e remidos; exaltados e esquecidos; melindrados e desvalidos. Esta é sua alcova de amores e desídices, boca inflama!, responsável incólume por tamanhas insânias úberes.

É como um portal aberto nos flancos obscuros dos templos gregos, com suas colunas brancas, ou desidratadas pelo tempo, testemunhas cúmplices das garras afiadas da volúpia.

Cala-te, boca, quando houver de dizer como demônio entorpecido! Abra-te, boca, quando, qual anjo, sussurrar as glórias infindas ao Senhor!O diabo só é mudo na medida em que a boca humana o desacredita.

PANDEMÊNCIA

Ao proferir a sentença suprema de que "na terra se encontra tão somente duas estirpes humanas: a dos virtuosos e a dos torpes", *Victor Frankl* apresentou-nos não só uma poderosa ferramenta analítica, mas um criterioso barômetro moral para sopesar a atual conjuntura que experimentamos neste primogênito quinquênio do XXI: uma dicotomia marcante entre a percepção do real e o domínio do imaginário, que flagrantemente arrebata-nos da compreensão sólida da lei natural.

Conforme os preceitos postulados por *Frankl*, e à luz da atual conjuntura, seríamos aptos a designar como "virtuoso" todo indivíduo que, encontrando-se em pleno domínio da faculdade natural de sua consciência - isto é, subordinando sua razão à compreensão da lei inata -, acolhe de modo prudente o esquema de ponderações e escolhas, ônus e ações que dela emanam: em suma, trata-se do agente cujo senso moral está em conformidade com sua própria natureza. Em contrapartida, por "torpe", designamos a figura cognitivamente diametral à anterior, como seu antípoda ontológico, ou simplesmente aquele que exibe flagrante falta de dependência consciente à ordem natural que a permeia; trata-se, assim, do sujeito de moralidade esquemática, volúvel: o ignóbil.

No entanto, devemos esclarecer que essa incapacidade em apreender suficientemente a ordenação intrínseca na qual estamos inseridos decorre não só das consequências herdadas geneticamente daquilo que chamamos *pecado original*, mas também da interferência de influências externas que se sobrepõem e se mostram desarmoniosas em relação à correspondência com o real, exacerbando ainda mais sua faculdade imaginativa afetada e direcionando rumo oposto à ação perceptiva ordinária.

A distinção entre essas duas formas de apreensão da realidade, que de certa forma caracterizam esses indivíduos, amplia-se à medida que ocorre uma disseminação exponencial de uma cultura linguística peculiar, que fomenta a criação de leis positivas em oposição direta à lei natural. Esse fenômeno não provoca, mas estimula o desequilíbrio original entre percepção e imaginação devido à ruptura que estabelece entre essas esferas, reproduzindo intencionalmente em nosso tecido social mentes fragilizadas, anestesiadas, psicologicamente excitadas e alienadas da própria realidade.

Inevitavelmente, tal perspectiva nos conduz por um caminho que culmina em uma brutalização generalizada da concepção teórico-normativa da lei natural e, inclusive, na própria manifestação prática dessa ordenação.

Vislumbra-se que a aceitação da lei natural como uma entidade intrinsecamente circunscrita à essência das coisas passou a assumir, por intermédio do avanço e da penetração desta perversa nau cultural de caráter semântico, uma condição meramente alegórica, de cunho ideológico, ao passo que a adesão a qualquer forma de lei positivada angaria, progressivamente, um status de pura natureza. Surge, então, a noção de que toda lei só se torna lei quando uma imposição do mundo imaginário a projeta sobre a realidade

- ainda que destituída de qualquer comunicação com a ordem natural - e não como produto feito a partir de algo inerente, manifesto e preexistente à estrutura da realidade, que é fundamentalmente independente do arbítrio humano. Este é o antigo e delirante sonho do ser humano decaído: erigir-se como legislador e juiz de todas as coisas, ser o senhor do bem e do mal.

Trata-se de um fenômeno intrincado, decorrente da existência de uma espécie de dissociação entre a apreensão da realidade e a consequente manifestação do arranjo imaginativo, expresso narrativamente. Instigada pela nefasta influência desta nova e sorrateira cultura, que sutilmente fragmenta e amplia o abismo cognitivo entre as duas "raças" humanas, a referida dissociação cresce exponencialmente e perturba ainda mais a tênue fronteira que outrora demarcava o limite entre a percepção da lei natural e o poder imaginativo capaz, por meio dela, de deduzir normas específicas que, em sua essência, nada mais são do que explicitações positivas derivadas dessas mesmas leis naturais.

Se esses dois tipos de indivíduos (os virtuosos e os torpes) não são distintos no sentido estrito de sua condição humana, eles certamente são e se destacam - dada a magnitude de seu antagonismo - por meio da observação de suas ações e discursos, a ponto de sugerir que pertencem a “raças” totalmente distintas. Daí surge a indagação: a existência dessas duas estirpes gerou essa cultura peculiar, ou foi o avanço e o progresso dessa cultura que exacerbou a dicotomia entre elas? Essa questão permanece suspensa no ar, aguardando reflexões mais aprofundadas.

Conforme as palavras de um poeta, *num mundo invertido, a realidade se reduz a uma mera verdade ideal*, e é nessa condição de verdade ideal que todo discurso emanado das leis positivadas em discordância com a lei natural adquire proeminência e

influência no tecido social contemporâneo. Cada vez mais, o âmbito territorial das leis positivadas se sobrepõe e se afasta da concepção de lei que transcende a esfera da produção humana, aquela que é, por si só, uma realidade objetiva, independentemente de qualquer construção imaginativa. Talvez nunca antes tenha ocorrido uma distensão tão marcante entre essas leis, o que nos leva a ponderar que, entre a ordem do mundo e a ordem da consciência individual, há um verme, uma enfermidade, que, provisoriamente, denominaremos *pandemência*.

Indaguemos, brevemente, acerca do motivo pelo qual atribuímos o termo *pandemência* a esse fenômeno em questão. Para tanto, necessário se faz imergimos na análise da combinação de palavras e significados contidos nessa expressão.

A palavra *pan*, de origem grega, carrega consigo a noção de totalidade, abarcando tudo o que existe de forma concreta e delimitada. Por sua vez, o termo *demência*, proveniente do latim *dementia*, possui etimologicamente a conotação de ausência ou perda progressiva e constante de memória, a qual compromete inclusive o pensamento e o senso comum. Além disso, é empregada para descrever qualquer transtorno mental que manifesta um comportamento insensato e desprovido de razão.

Por intermédio da união desses dois termos, insinuamos a tese de que a gradual, lenta e contínua depressão da noção de lei natural, insidiosamente substituída em todas as esferas por uma miríade de leis positivadas, sempre secundárias e antagônicas à mesma

- pela hostilidade de seus critérios e exercícios críticos -, está relacionada, em grande medida, a perda constante e progressiva da capacidade cognitiva, mnemônica e, inclusive, de apreensão simples do sentido comum. Tal fenômeno está conduzindo as consciências individuais a um estado de fragilidade tão exacerbada que se torna incapaz de discernir certas realidades em seu próprio contexto existencial.

Para a plena elucidação dessa tese, seria necessário não menos que um tratado abrangente, abordando as múltiplas vertentes que nos conduziram a tal sugestão sobre o tema. Entretanto, em virtude das limitações impostas pela brevidade deste texto, é impossível empreender tal trabalho. Contudo, isso não invalida a possibilidade de vislumbrarmos, ainda que de forma intuitiva, a plausibilidade de tal argumento. Cientes dessa restrição, devemos agora buscar compreender, ao menos de forma elementar, o conceito de lei natural.

A *Lei Natural* pode ser concebida como *o objeto captado pela razão na percepção da proporcionalidade existente entre os seres e a estrutura intrínseca do real*. Trata-se de um delicado e sólido equilíbrio, uma unidade fundante de ordem material e imaterial na qual o ser humano deve se orientar, uma vez que é dotado de capacidade intelectual para apreendê-la. Ela representa uma ordenação estabelecida por uma razão transcendente, a *Razão Divina*, na qual o ser humano participa - e é convocado a participar ativamente - à medida que age em consonância com a causa última de sua natureza racional.

A *Lei Natural* está presente no ser humano de forma passiva e ativa, conforme suas inclinações inatas, e se completa quando este, por meio do exercício da razão, deduz e faz escolhas que o conduzem a alcançar essa direção natural. Trata-se de uma ordenação que é imposta à razão humana, sendo indispensável para preservarmos nossa verdadeira natureza e integridade como seres dotados de espírito. Abandonar essa lei é como sofrer uma amputação parcial de nossa essência e condição como seres racionais e espirituais.

A função primordial dos apetites superiores presentes no homem - suas faculdades intelectuais e volitivas - é incliná-lo ao *verdadeiro* e ao *bem*, afastando-o do *falso* e do *mal*, direcionando-o assim para a consumação da perfeição inata de seu ser e protegendo-o contra a possível desintegração contranatural de sua pessoa. Esse impulso é denominado por *São Tomás de Aquino* como *sindérese*, uma tendência inata ao bem. No entanto, é exatamente essa propensão que a cultura contemporânea, por meio de uma linguagem insidiosa, busca extinguir e mitigar, buscando assim estabelecer um "novo homem" e uma nova civilização em flagrante oposição à própria natureza humana.

É sabido que a *Lei Natural*, que precede e fundamenta todas as leis positivadas, configura-se como um instrumento propício para a plenitude natural não apenas dos indivíduos, mas também da sociedade como um todo, por ser intrinsecamente vinculada à natureza humana. Considerando que a sociedade é uma entidade fundamentada na realidade da natureza humana, fruto da união racional e ordenada de múltiplos indivíduos, será por meio das ações individuais que se imporá a desintegração coletiva, em um jogo calculado de desordem. Tal estratégia tem como objetivo a normatização de um caos moral perene e reprodutivo, que inevitavelmente recairá sobre as gerações futuras. Trata-se de um engenhoso e sinistro método de estabelecer o reinado da antinatureza, propiciando a ascensão de uma república universal positivista, que se revelará como um verdadeiro reino das trevas.

Os movimentos sociais contemporâneos, impregnados por uma pluralidade ideológica abrangente - que engloba reivindicações relacionadas aos direitos reprodutivos, raciais, sexuais e, mais recentemente, sanitários -, manifestam-se como moldes psíquicos para a formação de enfermidades ansiosas que abalam a função pontifícia do ser humano. Tal função exige que o homem aja em consonância com sua natureza, a fim de concretizar o propósito para o qual é convocado a participar. A ânsia humana deve ser toda direcionada a esta correspondência, e é justamente contra isso que tais forças trabalham.

A maioria dos movimentos sociais contemporâneos são mecanismos engenhosamente criados para subsistirem como forças motoras e reprodutoras do caos, no intuito de conferirem validade à elaboração incessante de leis positivadas que se distanciam cada vez mais de uma razão natural. Eles instauram um processo acelerado e exponencial que engendra outros movimentos cada vez mais absurdos, assemelhando-se à imagem de uma serpente devorando a própria cauda. Consequentemente, o homem, a cada progresso efetivado por essa cultura nefasta, metamorfoseia-se em uma criatura meramente passiva, destituída do vigor de suas propriedades intelectuais e voluntárias, cuja relação com a lei natural ocorre de maneira incompleta, em contraposição ao que sua própria natureza preconiza, submetendo-se, em vez disso, a uma doméstica "irracionalidade" em geral atribuída às criaturas inferiores.

É imperativo enfatizar a meticulosa natureza desse processo, cuidadosamente urdido, engenhosamente planejado com o intuito voluntário de alcançar um resultado específico: a desconexão antinatural entre o homem e sua razão última, entre o homem e sua relação salutar com a origem primordial.

A *pandemência* revela-se, pois, como o resultado patológico de uma engenharia social sofisticada empeendida através da linguagem, capaz de penetrar os recônditos mais íntimos da alma e transformar vidas inteiras; é um meticuloso processo implementado pela cultura judiciosa do caos, com o propósito de instaurar uma nova ordem civilizatória. Nesse ínterim, observa-se a interrupção progressiva da participação racional do homem na *Lei Natural* que o envolve e clama por sua contribuição ativa. À medida que o estado de bestialidade se acentua, isto é, à medida que o homem gradativamente se afasta da norma formal de engajamento a essa lei - a qual espelha a intrincada analogia existente entre ele e a sublime sabedoria divina que o concebeu -, o mesmo deixa de ser sua causa

secundária, integrando-se a ela apenas sob o prisma de uma inclinação meramente material e determinística.

A partir desse ponto, estabelecer-se-á a supremacia do reino da necessidade, em flagrante desarmonia com o reino da razão e da vontade. O homem, gradativamente, converter-se-á em mero animal confinado, destinado a servir de base fértil para a futura escravidão secular imposta por uma sociedade tirânica e antinatural, engendrada meticulosamente pelos mesmos poderes que hoje se insurgem contra o que é intrinsecamente humano e natural.

A perfeita concordância entre os apetites variados que permeiam a experiência humana é excluída, desde o seu limiar, por essa onda avassaladora que denominamos *pandemência*. A desconexão entre os ímpetos naturais e sua função originária corresponde à desarticulação dos elementos basilares que são responsáveis pela plena realização da finalidade suprema do ser humano. O seu desígnio unificado, almejado pelo domínio da razão, é frustrado pelo vírus mental que se insinua em sua imaginação cativa, através da superexcitação imposta pelo meio cultural de herança e evolução avessas aos valores inatos. Assim, a estirpe dos torpes cresce e se prolifera inexoravelmente...

Quando nos deparamos com uma configuração antitética à plenitude intrínseca da condição humana, propendemos a desconectar-nos da extensão que nos liga ao divino. Eis a verdadeira tragédia, uma fatídica tragédia. Ao perdermos o senso teórico e prático da razão natural, abdicamos também da possibilidade de empreender a ação condizente: a "malfadada" *ação moral*, tão difamada em nossos tempos. Eis o intento daqueles que detêm o controle do aparato jurídico, com suas penas e tinteiros em mãos.

A transmutação social perpassa pela perversão da natureza, e visto que o homem é definido pela capacidade de ser um ser falante, alguém que habita o universo das palavras e conceitos, é por meio desse domínio lexical que o vírus irá transitar e ceifar vidas. O que constitui uma lei positiva senão um conjunto de termos que invocam um significado? A questão intrincada emerge quando tal significado se refere, ou não, a uma realidade objetiva.

Reconfigurar o imaginário coletivo com o intuito de subjugar a razão, eis o desiderato dos maestros do processo que, conforme as proféticas palavras de *Aldous Huxley*, alcançariam sua apoteose no século XXI, destinado a ser eternamente bem-sucedido. Essa metamorfose tem seu início na subversão do domínio linguístico;

fundamenta-se na edificação de leis grotescas a partir de um universo verbal específico; e culmina em um "novo mundo" destituído de sentido humano, hostil à presença de almas íntegras. Para tanto, o estado de demência coletiva - por conseguinte, individual - deve ser profundo, abrangente e onipresente, não deixando qualquer recanto do globo fora dos limites da "normatividade" que se deseja inculcar.

Infelizmente, uma nova civilização de indivíduos vis e desprezíveis é erigida sobre os alicerces da antiga, valendo-se de suas estruturas e adornando-se com fachadas enganosamente atraentes. Assemelhando-se a uma residência que, tendo perdido seu apelo estético, está sendo reformada por bufões zombeteiros de uma forma de arte vanguardista e putrefata, essa insidiosa revolução distingue-se das revoluções políticas perpetradas nos últimos séculos por uma razão fundamental: sua natureza é mais visceral, profundamente arraigada na inteligência e acentuada na vontade. Aliás, as revoluções antigas são parte intrínseca dela em certo sentido, portanto, seria injusto dissociá-las quando carregam em si os germes corrosivos de um mesmo organismo enfermo.

A *pandemência*, em toda a sua nefasta envergadura, representa uma insurgência subversiva que transcende os limites da mera transgressão social. Trata-se de uma verdadeira revolta contra a própria ordem da criação, um movimento blasfemo e desafiador que se ergue impiedosamente contra a natureza inerente ao ser humano. Ao confrontar os pilares mais sagrados da existência, essa força perniciosa ousa desafiar até mesmo a própria designada.

Nesse contexto, não há praga mais insidiosa e destrutiva do que aquela que, sorrateiramente, devasta não apenas os corpos, mas também as almas, deixando-os aparentemente ilesos, mas profundamente vencidos em sua essência. A saúde física, muitas vezes, é preservada, ocultando as chagas da imoralidade e da degeneração espiritual que se instalam como uma espécie de maldição silenciosa.

Essa doença nefasta, qual um espectro implacável, dissemina-se pelos recantos mais obscuros da consciência humana, minando as virtudes que conferem sentido e nobreza à existência. A *pandemência*, ao dilacerar os laços que unem o homem à sua própria humanidade e à sua conexão com o divino, semeia a discórdia, a desordem e a disfunção das mais altas aspirações do espírito.

Assim, ergue-se como um flagelo avassalador – quiçá, o maior de todos! -, uma frente ampla ao plano divino que nos foi confiado. Diante dessa calamidade, urge

reconhecer a gravidade do embate em que estamos inseridos e resistir com vigor a essa investida perversa. Somente por meio da união de mentes lúcidas, da preservação dos valores essenciais e da firmeza inabalável em nossa fé, podemos confrontar e superar essa ameaça que nos rodeia.

Que a nossa força seja inquebrantável, que nossa busca pela verdade e pela justiça seja incansável. Pois somente assim poderemos restabelecer a ordem, a harmonia e a integridade que nos são tolhidas diariamente. A *pandemência* é um desafio que exige de nós uma resposta à altura, um chamado para resgatarmos o melhor de nós mesmos e protegermos a chama divina que habita em cada ser humano.

Máximas maximamente mínimas

O homem moderno não deseja descer aos infernos, tampouco subir ao paraíso. Prefere repousar na terra que o come e regurgita.

~

A questão cristã não é a fuga do pecado, mas a redenção do perdão concedido.

~

A verdadeira escravidão é aquela que, proporcionando a ilusão da liberdade, impõe a realidade da servidão.

~

Quando lhe disserem "as máscaras cairão", lembre-se: em nosso tempo reverso caem os dedos, ficam-se os anéis.Existe uma certa pujança nos homens que adquirem uma certa eloquência, tanto quanto existe uma certa eloquência na pujança que adquire certos homens.

~

Os verdadeiros homens são santos, os verdadeiros santos excedem a medida humana.

~

Sabes o que é um sonhador? Estar desperto, enquanto todos, adormecidos.

~

O mal do católico não é a rigidez de seus costumes, mas o costume de não ser rígido com os demônios à sua volta.

~

O drama do homem moderno é não ter um drama maior que o bem-estar que o apropria.

~

Prever o óbvio só é espantoso para quem o óbvio é miraculoso.

~

Muitas vezes desanimamos ao acreditar que rezamos pouco ou mal e que nossos lábios não expressam bem o que Deus merece. Mas, sinceramente... temos de rezar com os olhos!

~

A ansiedade é uma sede que só se mata com a água da paciência.

~

O dinheiro é a via mais fácil para se adquirir dívidas.

~

O medo da morte é a mais pura invenção do mal; o prazer pela vida, a mais genuína ilusão do bem; a solução destes problemas é simples: morrer para esta vida.

A burocracia é uma lupa que transforma formigas em gárgulas, homúnculos em deuses gregos.

~

Todo homem honesto deve aceitar o fato de que a honestidade, sem uma insígnia pública que a sustenha, é um sinal de enorme alicantina.

~

Nos coetâneos dias, a corrupção não é um modelo de política; é uma política modelo.

~

A rebeldia se volta contra os esplendores do céu quando deveria se voltar contra os limites da terra.

~

Nunca tente fazer amizades; deixe elas virem até você.

~

A alma solitária é o alvo salutar das turbas ignaras.

~

A loucura dos sábios é a sanidade dos loucos.

~

A reclamação é uma trombeta que acorda e atrai os demônios da insatisfação.

~

As mulheres modernas não envelhecem, apodrecem na moda.

~

A música clássica, ao contrário do que acusam seus surdos detratores, não é elitista no sentido social, mas no sentido da alma.

~

A melhor morte é aquela em que Deus nos vê desprovidos das indumentárias ilusórias utilizadas ao longo desta vida.

~

A transparência dos maus é como um espelho que reflete o nada.

~

Procurando a verdade, descobri Deus; descobrindo Deus, encontrei a verdade.

~

A moral da história profana é uma corrida de bigas pelo trono do rei.

~

Não há nada na sociedade que não haja antes nos elementos que a constitui: as pessoas.

~

Quando a tribo crê no cacique e o cacique, em sortilégio, renega a fé da tribo, índio sem flecha leva mandioca.

Tudo é possível. É possível o impossível.

~

Calados dizemos aquilo que, dizendo, escondemos.

~

O mistério não é algo que está escondido, mas algo que está presente.

A estalagem do amor

Aquela noite transpirava bócio, ódio, fervor e conversão. Não imaginávamos ser surpreendidos pela mais caustica fúria dos embevecidos de fel, aqueles cobradores de notas que mais fazem ver a viscosidade preciosa do liquido que a mortalidade insidiosa do réu. Em tempos destes, uma família é menos presada que um emaranhado de fios sem conjunção.

Estávamos ali, mais perdidos que uma multidão de Judas sem Evangelho, e como tais, esperávamos uma solução perene para o mal sereno que o destino, zombeteiramente, nos pregou. Ao relento. Muitas pessoas não dispõem de uma sensação tão livre e desesperadora quanto esta, mas quando almas infantes despertam a lívida aparência da vida desordenada em motor, a dor, o relento moral, a vista de uma cadavérica manhã seguinte, nos impele ao desleixo de poucas e boas cagadas.

Já diria um amigo infortúnio – *o inferno não é nada, o pior é a ausência do céu*. Isto foi o suficiente para me lançar como cão à ossada, um abutre à melada, às fontes de meus cândidos pesadelos. Foi um olhar para cima, como quem deve e não dispõe de meios, que nos levou à mais tenra febre de hospedagem.

Isto ocorreu no verão de algum ano que nem lembro mais. O vento quente das usinas maltratava nossos olhos tamanha a feiura da situação, embora a vida ali resistisse. Éramos cinco, cinco frangalhos em sobras muito lucidas, pouco salutares. O vendaval nos logrou, como a muitos, a solução do despejo, e esta recaiu como um espelho trincado sobre os ombros desnudos. A cotação da moeda era de se imaginar..., mas este não foi o pior dos enredos.

Logo após perdermos tudo e nos vermos assoalhados pelo caos das incertezas mais vãs, só nos restou a sarjeta – e um pouco do nada ainda resquício. Me lembro da menor me perguntar, sem muito zelo – *Papai, para onde vamos?* e eu responder, *aos céus, se for preciso*. Ter fé é um perigo em tempos de nódoa, e aquele tempo era um tempo invertido.

Muitos dizem que a arte imita a vida. Que arte? Que vida? Só restou os trapos de uma imitação em vácuo pecaminoso e timidamente insano que, assaz, inflamos ao infinito! Esta é a sensação cabal dos desafortunados: perder tudo mesmo quando nunca

se teve nada. Aí que percebemos a sensação como um programa de Estado, fonte de todas as afluências tíbias e mina irritante de todos os desejos carnais. Quem domina a paixão é senhor do desejo, já que ninguém vê amor onde sobra suspeição.

Os mortos se aglutinavam em espaços ínfimos o suficiente para jamais serem notados; as crianças tinham sede, mas a água estava a ponto de bala para a disfunção total; o cenário de caos foi perfeito, embora a confluência me induzisse ao descaso. O olhar para cima... este canalha me levou a ver o baixo de trás pra frente, como agente intente do futuro sal. Hoje, a pergunta que me faço – *Teria sido melhor chafurdar na lama de mim mesmo a aceitar o apelo lúgubre dos diplomatas famintos?* Sim, aceitei. Como um bom menino que nunca fui, e que quando fui, descobri que era o pior.

Existem tapas que não nos acordam, mas antes nos amolecem, a ponto de afogarem o coma mais profundo na insônia plena o suficiente. As lacraias rastejam onde o esgoto explode, e se você como um pai, um esposo, um filho prodígio, não for capaz de macetá-las com a planta pesada dos pés descalços, a dura servis provavelmente se tornará refeição dos micróbios elementares na cadeia rudimentar dos abobalhados.

Foi isso, isso que aconteceu. Joguei no covil os meus, lancei ao mar minhas ovas em troca de uma boa base de segurança. Encontrei, na lamúria, a náusea festa dos ímpios. Limpei os calçados no tapete de álcool, inundei meus lençóis em versos repetidos. Ah, rígido vicio dos magos! Repetir o erro como maior virtude!

Levantamos acampamento e nos metemos na mealhada. Ineptos, divertidos, em risos na fronte de alegria primaveril, como quando um esquálido obtém um vintém de verdade. Gargalhadas jamais serão sinal de felicidade se não forem acompanhadas de profundos zelos de gravidade. A estalagem oferecia um bom catálogo de viragens, porém - o *porém* é bravo! - por detrás da lumine alforria se escondia um decurso em debalde.

O estalajadeiro e sua patroa se empenharam herculeamente em remover os poucos dejetos de nossos pertences da antiga moradia em carquejo. Carrinhos-de-mão, caixas empapadas, pedaços de móveis ainda tremidos. Qualquer um se encaixa *em nosso bordéu assimétrico*, onde tudo se alinha, basta querer.

O querer é, deveras, o que move os incautos. A vontade se expande quando as pequenas saliências da atração vil se esgalfinham. A nossa nova morada impressiona por

sua democrática cosmovisão da vida: onde um come, dez são bem vindos. Este foi o pano de fundo da caridade metódica que nos surrupiou propagandísticamente do frio e da ruína.

Ouvimos dizer que a liberdade era apenas uma palavra que delineava um horizonte impedido. Que as azaléias do vizinho cheiravam mais por sua conta bancária excedida. A natureza nunca foi tão afeita aos disseres dos chauvinistas, convenhamos. Mesmo assim, aparentemente, no curto espaço quadrado disponível à prole seca e desamparada, algo de *lar* ainda era possível.

O homem não para de trabalhar desde a queda no paraíso. E como tal, o penhor do seu lustre suor também deveria caiar as rubras veias do préstimo comunismo. Ali reinava a ambição, embora com cara de despego. Surdo devaneio. Eis o acometido.

Inundados e ilhados como focas num rodeio de tubarões, não gozávamos mais da tal liberdade de ir e vir, pois o ir e vir se tornara uma etapa do movimento perambular dos astros *mainstream*. Girávamos desagravatados, sem o mínimo estilo, sem um pingo de sobra. As semanas corriam até que semblantes murchos se afeiçoavam a nossa chapa. A náusea subia, pois o desdém dos anjos é a face final do remédio.

A estalagem não cobrava pela estadia. Bastava cumprir os ditames do comum e tudo estaria findado. O bunker que chamamos de lar continha sinais de uma divina esperança: nosso altar dos santos, os livros sagrados, as devoções diárias. Mas isto era palha. Palha para a chacota e a presunção. Era como um canto distante de uma sereia à procura dos marinheiros em deriva - *Isto não enche barriga, lhe dá mais fome. Venham! Refastele junto a nós, víboras de terra e corpo!*

Não caímos na pasmódia. Mantivemos o passo até o pedido de ascensão. E qual foi ele? A murmuração e o descaso. Ambos funcionam como um ácido quando nada mais serve de pretexto à excomunhão. Deus me perdoe, mas quando testemunhamos nossas crianças servirem de contrapesos úteis para a exploração fiscal, um tiro de trevas foi acendido.

Esta é a maldição dos comuns. Nivelam por baixo as altas referências. Martelam o céu em busca de favos. Sub utilizam o fervor beatífico como fonte de renda e calorias. Isto é feio, mas poderia ser mais se não fosse o amor beduíno. O amor beduíno é aquele que vaga comendo areia quando poderia sedentarizar o proibido. Neste caso, o tabu era fazer vista grossa à natureza torpe do empreendimento.

Quase todas as noites o estalajadeiro e sua patroa saltitavam em bruscos espasmos um *foxtrot* comunitário junto às mais lisonjeiras visitas. Era primo, tio, filho, cunhado, desquitado, alvéolo, micróbio, papagaio, parideiras e vendilhões, putas e desmembrados, agregados e aderentes, mentes estúpidas e postes do pensamento noticiário. Todos juntos, no manjar e na folia, ao som das mais escalafobéticas canções, nas luzes, nos piscas, na fumaça assada dos porcos e mexilhões, em fogo, em turba, tudo à mercê da cortesia - enquanto os hóspedes abaixo, simplificavam e comiam os últimos tutanos encontrados.

Porém, em meio a tudo isso, existia uma velha e carcomida senhora, uma anciã discretíssima, que passava a maior parte do tempo mastigando as mandíbulas como uma goma imprópria diante de um aparelho de tv mal acabado. Era a antiga mãe da patroa, sim, da mulher do estalajadeiro. Poucos tiveram o privilégio de se ater à presença de tão apagada figura, e quando descobrimos que quase toda a renda daquela pensão dos infernos se concentrava na aposentadoria tacanha de tão pobre diabo, e claro, na alfafa gorda de minhas míseras moedas, um salto no escuro nos iluminou o brejo.

Decidimos confiscar o último resquício de sanidade da tão dócil velhinha, pondo-a a par de tão indócil pecado. A estalagem do amor não havia feito apenas uma vítima em seu regime de satisfação e privilégio, havia raptado do mundo dos mortos, também, alguém que mantinha tudo à monta. Mas eis, que nada se deu. A senhora, de tão torta, não compreendeu os felizes ditames da razão, e pôs-se em marcha ao canhão de suas mais íntimas memórias: o aparelho de tv.

Enfim, o plano era alertar, alertar para o estado de usurpação fecal de nossos rendimentos em troca de seu apoio moral para o golpe. Claro que não estamos falando de um golpe meramente político - embora haja aí uma analogia fatal - mas antes, de um plano refrigério de fuga. A ideia era levantar o leito e desmembrar a basófia necromante daquele barraco. Após uma tragédia que atinge e fustiga tremendamente um núcleo familiar, não é bom se julgar ferreiro do demônio e sapateiro dos sucubus. A estalagem do amor não acolhe e cuida - engole e rapa!

Pela culatra. Ficamos a pé num campo minado. Sentíamos a inundação do fingimento afogar o último rincão que salvaguardava a modéstia. O horror nos sucumbe. Não é útil evanescer perante o atraso. Era necessário acalmar, não lamuriar, orar aos céus. O pior estava por vir. Soubemos que uma figura muito ilustre surgiria em breve. Alguém

que obtinha uma lisonja prometéica perante o estalajadeiro e sua patroa: seu filho - uma afrodite - Efebias.

Tal rupião valoroso obteve o malho devido à sua ímpia fragilidade em relação aos sentimentos, aos glutens do coitadismo absorto. Sujeito melo e suporoso, Efebias recebia fino trato, mesa farta, como o próprio núncio do amor. A mãe, quando ele passava, lambia, tanto a cara quanto a via, sem desvio nem pudor. Era um guloso, meio donzela meio mancebo, no fundo, lastimoso, mas de glossa grossa, falando e mijando com autoridade.

Foi difícil, confesso, ver minhas crianças chuparem sopa enquanto tal gênero devorava mesocarpos. Tapete vermelho - de língua - se estendia como um véu até seus mimos aposentos. Uma coisa indecente ver tal gente rebimbocando a parafuzeta! Era o Delfim da estalagem do amor, a nobreza em pessoa, o maior bibelô.

Mas tal não foi meu sacrilégio ao acender um charuto e ver nauseante seu amante despacho! O bofe, que formava dupla com ele, tinha horror a tabaco, e, como um bafo aspergido após um súbito espirrar de um anti hálito, correu de ceroulas até o táxi mais próximo, chorando misérias em micro bramidos. Até meu filho mais velho gozou - *É, pai, o sopro divino procura as narinas do homem…*

Após tal incidente, a patroa não aquiesceu. Se encheu de fúria menopausica e decidiu aferroar qualquer glúteo - *Como ousa pasmar as rendas finas dos pequenos afeiçoados??* Ah, vá! Antes fossem remendos. Tais cupidos frágeis são a foz de todas os privilégios de classe. Onde há volúpia, deve haver martírio!

E isto foi. A partir de então, nem a sopa era bem vinda. Notamos que o sal se desfez em meio ao reprobo caldo, e nenhuma oblação contumaz se voltou aos nossos víndimos. Ó céus, embruteça! Não se faz mais amantes como antigamente…

Quando a coisa está ruim, saiba: o pior não passou - passará! Após o desastre que nos impeliu à sarjeta; a litigiosa morada na estalagem do amor; a expropriação indébita e indefinida de bens; e as talhas devidas a um rei *frufru,* havia mais por vir, a última e derradeira comédia: a visita da mandingueira do caos.

Mormente sua falta de amor cretino, a patroa abria as saias da exceção à vigarista de salto alto que, pinduricada de apetrechos e guias falsas de barraquinha, brandia suas proselitudes de cupim claustrofóbico aos cantos e barrancos da audiometria alheia. E mais

uma vez, eis que vinha - perfumada e indistinta - dando glórias ao diabo e praguejadas ao destino, nos acabar com a paz soluta e o aprazível lazer doméstico - uma rotunda quimera.

Sua caquética voz de gralha foi ouvida lá em cima, sobre o bunker que nos retinha. As salvas, as clamas, inclusive o estalar dos beijos falsos em cada bochecha, podiam ser ouvidos como ruídos do inferno revelados aos santos contemplativos imbuídos de missão. Cá estava, novamente, para banquetear do manjar barato e costumeiro dos contribuintes, enquanto expunha sua lascívia de velha carcomida aos corvos, ratos e lacraias de verão.

- *Onde se encontram os coitadinhos*?

vomitou a donzela prestes a rodar baiana sobre suas oferendas de *Ogum*. - *Ah,...* disse a patroa, *como sempre, amofinados à rabeira*. - *Chame-os, pois,* retesou mofina, *ei de abençoar sua miséria.* Imediatamente a patroa desceu a galope, em trotes de égua maldiva, entoando abutres calções belicosas. - *A titia vos espera, subam, por gentileza.* Artimanha rasa de quem detém o monopólio da falcatrua. Com sua voz meiga de querubim cocainômano, sambou pelas escadas como quem deseja beber o querosene ardiloso dos deuses para cuspi-los em Vesúvios irriquietos. Entreolhando-nos, subimos.

Um dos grandes sinais desses tempos, que indica nossa total adesão ao mal substantivo, é a incapacidade fulminante de distinção: entretenimento e rito satânico; boa conversa e colóquio com o diabo; religião e macumba! tantos são os exemplos que um mero exame enoja e subtrai. E este encontro basófilo com a mandingueira só nos expôs aos prolegômenos da boa conduta disfarçada.

Mas a providência nos impõe surpresas que nem mesmo os grandes gênios das letras podem sondar, já que algumas circunstâncias só podem ser vividas e jamais ditas, como esta. A empáfia canastra daquela senhora prenhe em sucumbir à artrite, perante o bom senso e à modéstia dos usos e costumes, foi de aberrar. Nenhuma linha de discernimento, nem azo de comunhão, - *Oh, glória!* foi sua saudação.

Dispomo-nos à mesa onde os manjares estavam expostos. As crianças roncavam em pança vendo a pujança daquele malheiro concupiscível. O esquife verrolho, como matraca, pôs-se a gralhar. - *Boas vibrações, augustos sentimentos, vívidas preces! Qual de vocês conhece a gratidão genuína e veraz? Não é sempre que encontramos benfeitores nas esquinas desta vida, bambinos. Há de se fazer lustre aos bons. Nunca se queixe do*

amor verdadeiro, a não ser que esteja de posse de algo melhor. Isto é o que fazem os anjinhos no céu, quando não inflamados pela ingratidão.

Um pequeno momento de silêncio, como quem vela por uma alma passageira e estouvada incorreu no cenáculo. Silêncio tão grande que nem o talento incorrupto de Shakespeare teria a capacidade descritiva em ato. Então, eis que como uma trombeta esguia descida do paraíso; um coro vetusto irrompido de arcaicas fontes; o próprio lampejo venoso vindo direto das câmaras do inferno dantesco! - manifesta-se um bufo… (práaah!) um flato… uma marofa matreira - e certeira! - não se sabe de onde! bem no meio da elocução ranheta da mocoronga implácida prestes a gorgolejar um segundo ato.

E foi assim que esparramamos o recinto, aliviamos a paródia e nos despedimos inermes ao clamor das rechaças. Findo o banquete, caímos na estrada, suplicantes a Deus e à sua infinita misericórdia - pois nada há de tão grave que não possa ser resolvido pelo garrido de um belo deboche. Adeus, estalagem do amor. O próximo céu é sempre o mais querido.

Náuseas petúnias

Transformação e sabedoria, dois emblemas pelos quais os homens se lambem e se esbordoam. Não é dúbio ressaltar que são duas fivelas apertando o ventre de um desvalido. Diante delas, mais vale reter o penhor de um pródigo e envelhecido conceito de pradaria do que recatar as máximas frouxas do dia a dia em poucas favas embotadas. Um homem sábio é aquele que sabe sofrer sem acreditar que o sofrimento passará, embora todos passem - exceto o do *Xeol*. Mas isto exige uma transformação muito além das forças impostas a este primata espiritual retrasado. É preciso fúria, terror, ácida volúpia contra o prazer e a satisfação - indignos moinhos de vento que aplacam a dor por emulação.

Aquele que é mole diante da dor é bruto diante da beleza e da harmonia. Por isso os homens de dura cerviz não se contentam em curvarem-se diante dos ídolos imaginários, das roucas ladainhas púberes ou dos asnos alados de plantão. Eles até se contentam, se você quer saber, mas não se aguentam. Das alegrias, as mais lúgubres são aquelas que se encontram em qualquer esquina. A maior das felicidades, quem sabe, é uma esquina etérea e perene demais para caber no soslaio do paraíso. Não vemos o que está para além dos olhos, mas sentimos o que está para além da insensibilidade. Isto nos torna aldeões de um reino vencido onde crivos ordinários da cordilheira dos biltres retesam flores infames deste malfadado sonho - o sonho do *simples*. As vezes nos contentamos com o simples como se este fosse algo sem ramificações nervosas. Mas não. Há no simples algo de extraordinariamente complexo, insólito, múltiplo. Essa qualidade é que torna o *simples* algo rechaçado pela maioria dos estetas. O sofrimento ignóbil frequentemente é simples.

Geralmente a virtuosidade das formas, dos tons, das camadas de significado em vórtice explode de uma variedade louca e surta. Isto nos remete aos olhos que vagam pelo universo bebericando suas ravinas, comendo seus anseios, sugando suas feridas à procura dum veneno rasteiro para afogar o demônio do ocorrido - pois são os olhos da memória que nos metem à boca do nauseante em sua simplicidade mais radical. No fundo, a poesia é a imensidão do dizer essas *"coisas perdidas no espaço sem medidas e no tempo sem duração"*. E sem dizer, somos menos que um espasmo heurístico de mudos imbeles. A poesia é a melhor forma tanto de insulto quanto de glória, nada mais que a imitação pronúncia do Divino imerso em lúrido ar de churdo, que é a vida sem vates. Vil é aquele que, acintoso ao gozo infante de tal musa, excusa, abúlico, sua saia de

amor efeito; já próspero, o que a obtém de arraso em traços extasiados de horror perfeito, nada mais indigna, porém, invicta, em parcos laços de candor verboso. Esta é a flor que nasce no charco insólito de um coração varrido.

Ouso dizer que, sem a cadeia da escravidão poética, um indivíduo marcado pela angústia da irreversibilidade dos acontecimentos se jogaria da torre de seus mais baixos assaltos direto à boca dos crocodilos amigos de sua perdição. Isto é fato. Não há como lidar com a memória acusadora sem a pena curadora de uma boa versa. E é disso que se trata aqui, meus amigos! Da cura opressora pela expressão de impressões! Pois é de pecado em pecado que se esvai o amor - e só nos resta as impressões de seu cadáver perfumado para salvaguadar a alma do vitupério banal. Olho para as cicatrizes distantes - sentindo seu olor agridoce e emulsivo - na lua fina que se deita ao colo de um monte, onde em montes foram absudidas as paixões de outrora. Ali desce a lua, carregando consigo as dores do *parto e jamais voltarei!* Isto é a languides feita carne. Ela jamais irá se importar com os olhos que a fitam no escuro, já que sua luminosidade advém completamente da impassível passividade com que se entrega à luz que nos engana - e não profana.

Aquele que é independente de qualquer dor histórica continua sua marcha até o destino, sorrindo, mesmo que babélico. Ainda vejo entre os cálcios de sua áurea beleza a rudez infrene. Causas atribuídas a este maltrapilho pacóvio que ousou brincar com a sorte na morte versuta de invernos atrás. Ainda sim, sei que estás sob a proteção de deuses estranhos, como *Sabus*, o monstro indiscutível! E esta é sua vantagem, tíbia cornucópia! vantagem ultrajante somente para quem tem vísceras de um esfaimado. Léria contenda. Discuti com o vento e acabei me tornando nauseabundo hálito. Nos deslizes das comborças que não valiam um vintém, mordi adereços de um paraíso imaginário impossível de se apresentar como coisa sólida, perceptível, viva. Foi ali, no antro impávido de tais estultos pensamentos, o glaucoma onde erigi monumentos contra nossa parrana vidinha querida.

A teimosia era a ironia daquele momento. Não pude saber de antemão, pois era tolo em pele de sábio - o que denota peremptóriamente a falésia de minha transformação em parlapatão dos sete mares! Tinhas razão quando cortastes a fundo os pigmentos em papiro

que nos conectavam ao sonho mais embuste… sendo que a conseguinidade era

lenda, folclore, desbriosa fábula. Foi então que minhas petúnias deixaram de ser expostas ao sol para produzirem fragrâncias puras, passando à retidão das sombras enebriantes criadoras de brisas fétidas e repulsivas. O que restou daquela antiga paródia foi a tentação abelhuda, a mais mirone vergonha. Ainda sabendo que tudo continuou produzindo, nos jardins das paixões selvagens, belas flores primaverais, perseverou no esfume. Mas isto não é nada para você, ó crápula desapiedado! Continua seu jogo de morcego fastiento, longe da alcova fúnebre e noitibó! Toma jeito, ordinário! e levanta acampamento desta sádica aversão ao real. Seria mister recolher os cacos e limpar o vidro que o separa do ar, afinal, nenhum passadeiro irá lançar um sinal de afeição ou piedade ao ver este teatro de candor bolorento. Sempre será um *quê* de erro e insuspeição, caso não escolha jogar as escolhas inadvertidas do túnel raso onde bebe suas angústias na cortina de fogo e enxofre abaixo do solo que o alimenta.

Verdes e flamejantes vitórias, róseas e claudicantes suturas. Triste quando a flor é escolhida para o próximo enterro. Triste não para ela, que é indiferente quando ainda perfuma e goza. Triste para o empacotado, que terá de conhecer sua aversiva versão futura jamais anunciada de antemão. Quem sofre é quem receberá seu ocre sortilégio por toda a eternidade. Este foi o que se entregou à mórbida feição de sua bruxuleante nódoa expectante! Enquanto a ciranda pequena, prossegue seu ritmo - mesmo que fraturada em seu íntimo. Saberete, saberete… aonde vai dar essa sua insuspeita vezeira? Eras um galanteador surdino, agora, um agremiador acapachado. Isto lhe cai bem. Nada que sobe pode reter sua massa por completo até o completo aniquilamento. E é isso que deveis buscar ao invés do morto, do acárpico. Vede e retumbe novamente seu odor glorioso diante das sementes que de ti brotaram a tão pouco tempo que nem história ainda tens pra contar. Aí está, à tua frente, nada retardo. Lembra-te que a maior derrota é observar possibilidades jamais atualizadas cridas como corpo em ressurreição absurdamente indevida. O ócio desnutrido é um templo de baratas.

Este é um folhetim sobre ilusões indevidas. E neste espírito deve ser lido. Assim o requer. Uma carta poema fora de qualquer categoria fixa da ralha literária. Um excremento botânico inserido no ecossistema de um caos absorvido em mealhas psíquicas. Não recomendado aos lógicos, aos tinos, aos censos de mil razões. Recomendado aos néscios, aos párias, aos trépidos ermitões. O modelo de uma litania oriunda das noites mal dormidas, que durante um tempo, concatenaram seu sonâmbulo na esfera do idílico à procura de incautos hospedeiros para esta rés vestal. Não se iludam

com o acaso, quando a deliberação é o segredo do desconhecido.

Adultério umbilical

Minhas memórias são como aldeias de um paraíso
quiliástico, em sonho arrependido,
onde onduras de louvor perfazem remidos.

As próteses de meu amor ainda sentem o gemido
da flácida vontade aborrecida,
do préstimo penhor arraigado.

Porque, Senhor, sou voz do abismo?..
Quando nada mais é, eis que tudo é pecado.

Malditas fostes, ó cadeias de meu suplício,
quando movestes montanhas em pensamentos
fugindo às quimeras - quaisquer mosquitos!

Nada mais arde como na arte dos púberes momentos,
já que tudo é unguento, nada mais é martírio.

Então porque, Senhor, sou tão bom?
Inventador de hóstias, comendador de pão!

Em verdade vos digo:
antes me confundir com cizânia do que servir de trigo insandecido.

Enigma da compaixão

Há poucas razões para o homem esquecer-se de si mesmo e passar a enternecer-se pelos maltrapilhos em torno. Uma delas é o auto arrefecimento.

Afinal, quem mais o pode interessar? Talvez um filho, rebento áureo de sua comédia; talvez um pai, lamento ao vento de seu ódio envelhecido. Talvez…, mas nenhum deles é capaz de superar seu grande amor pelo próprio ventre - de tudo, um “entre”.

Possa o naturalista me julgar, o calvinista me fugar, o vaticinio contra a barbárie é o prejuízo de toda razão. Ela não é uma aposta - sequer uma proposta! - para os dentes que mordem o impedimento.

Pois a razão é aquela vidente das coisas que estão supostas, dentre todas, a compaixão. Musa do incomestível, virgem vestal dos Santos anjos! Esta é o grande enigma do querigma de nossa paixão, a imaculada moça que os brutos sonham corromper.

Já que a verdadeira mácula se esconde onde a compaixão enternece…

O fruto permitido

Ócio, terror do mendaz.
Que lhe precipita o bócio,
que lhe apraz a garganta,
que lhe invita o zelo e o desfaz na pujança.

O crime de Adão não foi matar a fome, mas dar vida à gula,
chula irmã da luxúria,
vã partícipe do nada.

O fruto permitido era tudo que não fosse um mero vácuo,
e ele pecou por ser furtivo
às delícias de um Deus tão permissivo.

Assim sendo - *Morra, Adão!* Já que o tédio se tornou proibição em paraíso arrefecido,
como a morte se ligou a sujeição do desfrute original.

Adão foi salvo - eu, ainda insisto.

Barbarismo e idéia

O barbarismo deixou de ser um dispositivo normativo de distinção imperial e passou a ser uma ideologia reformática de implosão civilizacional - em outras palavras, de palavra, se tornou um método.

Os antigos bárbaros foram homens que se chocaram com a fronteira limítrofe de seus entendimentos. Não compreendiam *o que estava lá*, irrompendo na outra margem. Isto fez com que as rusgas de sua situação presente se tornassem as sementes de todo futuro subsequente - pois no embate, se tornaram o outro.

Isto significa que: é típico do *bárbaro* desconhecer sua situação concreta. Ser bárbaro significa: não conhecer a sua situação identitária dentro de um contexto específico amplo. Portanto, o barbarismo pode ser considerado uma questão de consciência, não de etnicidade.

Esta é a tentação, que os *civilizados* depõem contra os *bárbaros* - sua inconsciência em relação ao dado. Não a qualquer dado, mas ao dado de identidade, de relação com o todo, de pertencimento ao mundo.

Acontece que, na medida em que o mundo civilizado se tornou sinônimo de mundo cristianizado, formou-se - no interior do próprio império da fé - ilhas de barbarismo ideológico, um novo barbarismo que se formou como ideal de reversão ante a força sobrenatural da conversão.

Em certa medida, o novo empreendimento bárbaro se tornou uma caricatura satânica do *ser civilizado*. O velho hábito da rapina impôs-se como condição supérflua da rebelião e as excelsas instituições milenares foram, por suas hordas, reduzidas a objetos dourados potencialmente derretíveis no cadinho de suas ásperas objeções.

É neste ínterim que o conceito *bárbaro* deixou de ser uma distinção e passou a ser um mecanismo independente. Agindo sobre a massa homogênea da consciência predominante e suspendendo os limites territoriais do justo olhar, o mecanismo funciona como um vírus ideal que se reproduz na medida em que morre seu hospedeiro.

Hoje, barbarismo e ideia se mesclam como norma universal de subversão. E quem não está ciente disso, se tornou bárbaro por habituação.

Trovas e troças

A divina Comédia deixou de ser icônica,
passou a ser cômica,
sinal de senelidade.

A antropo Tragédia real é a falta de humor crônico,
infinito binômio
de infelicidade.

Se não há maldade na comédia não haverá bondade no trágico
- eis aí a quintessência da melancolia.

Toda malícia se esconde no rancor ao réu felício,
no candor de um interstício
da inglória afasia.

Ânsia dos cônegos,
empatia dos ímpios
- aí subjaz a grotesca predileção ao inerme.

Nossa maior troça é se desfazer da trova
e aplacar a inércia! da gáudia ledice.

Antigos monumentos, modernas ruínas

Nossa civilização atual é a somatória de todos os acertos passados e de todos os erros futuros - um monumento falaz das ruínas a muito desejadas.

Lance um olhar sobre a esperança: antiga lembrança de algo nunca visto. Ela sobrevive incauta entre as sórdidas aparências de progresso. Sim, o mesmo progresso que hoje é apenas um assalto do pensamento comum foi, a pouco tempo, um poder de congregação universal. Sua transformação se deu na medida em que transformaram o futuro em uma realização presente.

Ninguém mais pressente uma *ausência vindoura*, mas tão somente, uma *presença enaltecida* da vitória sobre o pretérito. Esta convicção nos arrasta à decadência da esperança, que anda de mãos dadas com a falência do objetivo. Enquanto nos ocupamos com a vanglória no pináculo das realizações humanas, perdemos o interesse pelo desígnio máximo de nossas existências: o fim de tudo.

O *fim de tudo* - fim de qualquer referência segura no devir - traz a esperança do início de alguma coisa extra experimental. Não há fim que não comporte este desejo de continuidade, pois toda a própria noção terminal carrega a fé na próxima estação. Ou alguém neste mundo opera cognitivamente segundo a experiência do vazio posterior?

O caráter expectante é o verdadeiro plano de referência no qual toda a inteligência se estabelece. A remoção desta referência no horizonte de pensamento reinante indica não sua ausência, mas a nossa! diante de sua presença virtual permanente.

As modernas ruínas se referem a este horizonte perdido e mumificado por efêmeros monumentos de atualidades subversivas.

O símbolo insosso

Procurava eu, em minha austera ignorância, encontrar um símbolo que verificasse a presença de alguém descomunal. Entre as muitas artes - águas dos gênios e inspiradores celestiais - fingi demência, por pura ausência de senso espiritual.

Encontrei na simplicidade a forma perfeita, o sinal insosso, de áurea formosura, capaz de incutir na maior das bestas o píncaro sal da ternura. Esta era a fonte de todos os mistérios: abrandar o mal com o mal deferido, para assim, entregando os restos de um morto valido, incoerentemente sortudo, plácidamente vencido, poder rever o que nunca tinha visto - embora visível: a morte que esconde a vida a ser vivida postumamente. Uma voz sempre dizia…

“não te deixes levar pelo desânimo!”

O símbolo insosso é a fuga da tendência bárbara de nossa imaginação.

Jovens, lindos e mortos

O culto à juventude é o sinal marcante do novo bárbaro. Sua mansidão em relação ao lustre devaneio - de uma beleza sem forma ou razão - é o conteúdo que faz deste sinal algo tangível, e terrível. Isto porque a morte, como fenômeno degradante e assíntoto, passou a ser um desfecho intolerante frente a maximilitude da vida, do gozo e do prazer - que, hoje, só os corpos podem render.

A concessão ao infortúnio se cristalizou, e suas oferendas languidas tornar-se-ão, um dia, vitupérios de uma manhã que nunca brilhará, desconhecida que é desde priscas eras. Este será o fim dos poemas e o início dos calhamaços técnicos.

Ninguém deseja a morte como um corte transversal que divide sem exceder. Todos clamam pela luz do fim do túnel que se apaga para a visualização da entrada. E nesse passo, a locomotiva do homem mais e mais consome o carvão de sua própria aquiescência.

Não sou jovem, não sou lindo, mas espero ainda estar vivo e assunto de toda moleza dos vermes que só verão túnel no fim da luz.

O totem da miséria

Todo totem é uma tentativa de reconstrução maldita de algum bem discreto. Não trata de um mero levantamento austero acerca dos espíritos ou bruxos animalescos em voga, mas, de uma rarefação, uma coisificação das forças imateriais impregnadas no homem. Afinal, ele é o portador do próprio espírito totêmico.

Seguindo esta linha, se fosse possível erigir um totem realmente significativo, mágico e revelador de todas as silhuetas amargas de nossos tempos, este seria composto não de bichos, e sim, de fetos. Fetos humanos recém desditos pela aurora boreal dos faustos velhos - pois o que há de mais miserável no homem não é sua indolência em direção ao virtuoso, antes, sua tendência a não o ser.

Este é o *numen* apropriado para nossa adoração pacífica: aquela em que cada cadafalso está disposto conforme o apreço assíntoto do mercado.

O totem da miséria é nossa síndrome teriomórfica reprimida.

Oficina vazia

Não se esqueça de sintonizar o noticiário e ver de longe as máximas do vitupério. Afinal, nunca é demais ser informado como um tijolo pré-cozido. É assim que nos sujeitamos *lolitamente* ao imenso prostíbulo da atualidade.

Produto barato pago por assinantes convictos, convicções inauditas vendidas por intrujões zombeteiros - círculo está fechado e as velas pretas da conjuração foram acesas em nossas guisas.

Para se manter alheio a aleatoriedade metódica dos gigas feiticeiros é preciso decisão. Fechar os olhos não é opção, bem como tapar os ouvidos com baratas. O melhor é se acomodar no sofá enquanto se coça por inteiro em enxofre.

O necessário seria forçar uma distinção, uma elegância epiderme, subsidiar o apreço ao silêncio e à rítmica evasão dos espaços públicos de opinião. Estas nos clamam pornograficamente ao bolero de suas paixões, esperam maquinalmente o despejo verborrágico de qualquer vendeiro - na ânsia supurosa de lhe alçar ao panteão ilustre dos bêbados.

Chacota, eis o mistério. Um cidadão comum não é tão comum a ponto de se iludir consigo mesmo, existem especialistas pagos para isso. Em tal panorama, a vitória dos santos se confunde com a alegria dos mudos, surdos e cegos de informação, e o homem da rabeira, pode enfim se tornar o próximo monstro do mercado, somente deslizando seus polegares

num sonho lúdico de verão.

A derradeira transmutação alquímica é operada não por magos pestilentos, ou bruxas medievais, mas por exércitos de algoritmos ultra monetizados. São eles a foz de todo nosso privilégio…

Um poder foi-nos dado pelo príncipe deste mundo: saber o que só ouvimos, dizer o que nunca vimos.

O nexo

Reviveram o acaso, mas a morte ainda é destino
- ao certo, ao menos - ressinto,
resistente aos salmos do egolatrismo.

Raízes me foram postas como formas de destruição,
no perigo de ir às forras entre os cálamos do abismo
que compõem o descaso, o remorso, os trópicos deste alívio.

Um mar se abriu entre dois desejos,
levando o nexo de qualquer desídia.

Rezo para que Deus perdoe minhas virtudes…

Mandrágoras de presbitério

Não é de ontem que os santos invejam o sortilégio dos ímpios, como fossem sinais de discórdia disfarçados de comiseração. Neste passo, alado de alijadas forras, dentre uníssonos pasmos de belvederes embevecidos, o fastio de parcas auroras se traveste em renhidos, súpuras, rosáceas pestilentas, paroxismos de loucura prenha e veraz capazes de rodopiar num torvelinho de eudes até mesmo os escolhidos.

Contente-se com o que não tem, diz o ditado nunca dito, pois o que ainda pode ser perdido é muito mais turvo que os poucos cêntimos guardados na barafunda rabeira de sua alma. Já que jaz em bonomia sua forquilha particular, onde ventres secos eclodem cloacas umedecidas de porca, não é digno se matar de borra obsessão, já que, cravado na cruz da bossa maldita dos berdamerdas, o fulcro irrevogável se esvai sob os caminhos que regem os desgraçados.

Tóxico douto de um destino requintado, como a mesa carmesim de um reles desforrado, dorme entregue no albergue de todos os delitos disfarçados de malsã alegria. O fausto se implode com folhas ovais em meio a cabedais de crenças reptícias, regado à feitiçaria tuberosa de antigas e pífias musas, infundindo espanto, ranho, desditos aos filhos de Deus - misere do paraíso que é!

Então, ó cobra insalubre, cubra de vergonha o pecado e terás a beatitude dos velhos desconhecidos.

Contra os bárbaros

Aludimos o termo aos rufiões dispostos a nobre disposição de profanar áditos e bedelhos. E parece ser esta a marca da civilização em dias que correm, invertida e estrebuchada vergonhosamente a ponto de se aviltar ante a alcunha funesta da mais odienta barbárie.

Não são mais identificados pela matança e hábitos de abutre - isto é relicário do bem árduo do passado. Agora, no eixo findo deste ar, a máxima positiva para tais prosélitos da morte é a aljava de módicos receptores plenos das correntes de seu tempo.

Adoradores de *novos princípios,* sua epopeia tônica se traduz pela chafurdação precípua com o que impelem, aos demais confluentes de um mundo de hóspedes pagos, os lingotes austeros de suas brandas glossas expedidas por máquinas estamentais e acadêmicas que *nidam* tais filactérios.

Ao fim de seus mistérios esta nova cepa de bárbaros, no dizer de *Chesterton,* "*tenta cortar a corda da qual pendem os fios da honestidade e do registro claro de tudo o que o homem fez*", enfim, aventa garantir o monopólio do suicídio alheio sem revisitar a pauta delicada que desnorteia a amalgama ressequida de cada trépida afirmação, moção ou defeito,

a respeito das causticas ideias que lhe servem de espadas.

Me pergunto se isto é um barbarismo intelectual ou espiritual, mas me convenço cada dia mais que não - é um barbarismo genital. O frêmito sexual de seu calhau é o que arrasta as ideias ao submundo dos continentes púberes, requisitando os trajetos em vias sacras de horrores e meios parcos de fé, com a seriedade mesquinha de um ciclope glaucômico!

É a isto que nos referíamos vistas passadas. Nada mais nada menos que a pandéia dos esquisitos, rejeitados, foscos fúnebres de bojo ocre – tarados de viga na mão! Tal procissão de crápulas e devassos detratores do bem, revolvidos pelo teor laborfóbico das bruxas, se move surribando lacaios ladinos de qualquer tartufo abonado junto a representantes do êxodo e fim de toda sã doutrina.

Amocambados estamos, ó filhos e filhas da realidade! Pois os bárbaros do novo milênio procuram modorros quelônios de pensamento e tolazes quadrúpedes do espírito.

Soledade

Eis um dos grandes medos do homem deste século: encontrar-se consigo mesmo a cada instante fulminante da existência. Talvez por conta desse medíocre receio, desse tremelique estranho que nos empurra em direção as criaturas materiais e imaginárias, a pessoa que habita sobre e sob nós acaba por tornar-se ausente, transparente, mesmo presente constantemente. Encontrá-la é nossa grande riqueza. Fundir-se a ela, a maior glória. Mas observo ao longo dos anos o quanto fugimos e o quanto nos escondemos desta presença. É como que estar nú, exposto, vendido perante olhos poderosos demais para contermos. Procuramos um arbusto qualquer para fingirmos não ser a criança assustada que somos. Corremos para não sermos vistos, cobrimo-nos para não sermos reconhecidos. Somos seres pequenos, mas dotados de identidade. Esta é algo que nos constitui, é nosso ponto de partida. Ela é essencialmente aquilo que ousamos chamar eu. Não é uma mera qualidade, mas a própria condição de possuirmos alguma qualidade. A identidade é a substância real da qual somos feitos – uma pessoa real. No ventre de nossas mães, como identidades plenas, recebemos um nome e através dele puderam nos pensar: pensados a partir de algo real e

concreto, não apenas de uma elaboração ficcional da mente; pensados como seríamos; pensados como faríamos; pensados por aqueles que aguardavam esta identidade brotar para o mundo extra uterino, o mundo do ar. Ela que não foi criada senão pelo próprio Deus que tudo mantém no existir. Alguns sustentam a tese deslustre que esta identidade é criada pela sociedade, pela cultura, pela normatividade comportamental e tutto il resto. Na batalha semântica de cada dia, loucos varridos confundem completamente os termos. Isto que equivocamente chamam identidade, na verdade, é mais corretamente designado por personalidade. Esta sim pode e deve ser moldada, desenvolvida e, de certa maneira, "criada" por elementos externos em estrita relação com nosso pecúlio, nosso lastro interior. A personalidade é fruto de uma construção, sim, sem dúvida. Mas a identidade é fruto de uma vontade livre, divina e pessoal. É esta identidade que nos mete medo, esta que a vontade livre e divina criou, pois em seu núcleo, está a vida da própria vontade livre e divina, invisível e absoluta, enquanto tudo o mais, são afrescos meramente ilustrativos e relativos que a circulam. Talvez por este motivo o termo solidão transformou-se em sinônimo de tristeza, derrota e morte. O medo da solidão seria o medo do encontro com este Deus pessoal que te fez pessoa?

A soledade é como uma dama à espera do noivo. Ela está no aguardo deste amante pelo qual irá se unir e desposar felizmente até notar que são um só, enquanto ela mesma, realmente não existe - ao menos como o mundo lhe apresentou. Por este motivo procuramos em meio ao ruído do mundo a fração de divindade que habita em nós, sempre no silêncio ensurdecedor. Só podemos construir uma personalidade adequada a partir do momento em que descobrirmos esta verdadeira partícula do amor divino, esta verdadeira pessoa que não somos nós. Não há personalidade limpa sem este reconhecimento. Não há salvação sem esta entrega. Portanto, antes de qualquer projeto pessoal voltado para a satisfação de uma necessidade qualquer, que é a formação de um personagem perante a história, a vida, Deus, etc. é preciso uma admissão inicial muito custosa. Esta admissão passa pela abstenção daquilo que sempre acreditamos ser o nosso eu, que geralmente é somente uma parcela do eu histórico real e completo. Negação esta que dói magnificamente e consome cada centímetro de uma alma repleta de pó e fuligem negra. É preciso apartar-nos de nós mesmos para encontrarmos a genuína identidade; desfazer todos os delírios egóicos que até então desfilaram pelo cenário dos anos e marcaram, como cicatrizes, o tecido tênue de nossa identidade cativa. Temo que as garantias para isto não possam ser formuladas por pequenos esforços humanos, já que a causa eficiente do processo está fora do cosmos tão amado pelas pequenas e virtuais formigas orgulhosas. Precisamos apenas cooperar neste grande serviço

de encontro. Antes de tudo, é preciso a destruição. Sim, não se assuste, a destruição. Esta é uma palavra forte e pesada, negativa, eu sei, mas contém uma realidade nada falseada. Esta destruição significa a retomada de uma situação outrora perdida a troco de outra a ser obtida. Ela se dirige a este construto falso que a mancha negra do mal causou em nossa lamparina celeste. Não é uma malignidade qualquer pois visa o encontro com a verdadeira soledade, aquela que te revela a sempiterna e suma companhia. É um ato de abandono, abandono à divina providência, abandono do personagem fracionado e criado pelas inúmeras manipulações imaginárias. Claro que grande parte deste material a ser destruído é o que compõe nossa personalidade vigente montada sobre a genuína identidade. Porém, muito pouco há de realidade nesses tijolos se a substância que os ligam não for de ordem superior. É preciso diluir este abantesma que insiste em ocultar a pedra preciosa que está encravada em nosso campo da identidade.

A dificuldade na tomada de decisão em se admitir só está, sem dúvida, no fato de acreditarmos estarmos com nós mesmos o tempo todo. Esta é maior pilhéria de todas. Quase nunca estamos de posse integral de nós mesmos o tempo todo - pelo menos cônscios desta posse no decurso dos eventos cotidianos. Observe: em todos os momentos temos a companhia de tudo e todos menos de nós mesmos, no entanto, cremos piamente que estamos de posse consciente deste eu integral que, através de uma parcela diminuta e tirana, procura invariavelmente a companhia de tudo que não é ele. Na realidade este eu profundo está imperturbavelmente oculto, e ao mesmo tempo, extremamente evidente. Só conhecemos conscientemente seu nome, seu signo, seus sinais mais distantes. Não temos uma experiência real deste eu pois possuirmos a crença maluca de que estamos cônscios dele o tempo todo, cônscios do que somos, cônscios do porque somos. Até então, pura fuligem e constructo falso. Um boneco de terra e água sem penetração do ar. Desfazer este minúsculo espantalho, eis o que nos aproxima da sublime visão daquilo que somos. Aliás, veja bem... o que somos? Vou dizer-lhes sumariamente, sem bulir: basicamente somos um núcleo receptivo, que é mais um nada do que um alguma coisa. Estranho demais dizer-lhes isto, porém, creio que para todos esta seja uma percepção muito íntima e lisonjeira. Longe de mim proclamar o credo niilista ou relativista, não, oh raios! Quero apenas virar-lhes o pescoço, como uma coruja nas trevas da noite rotunda seus grandes faróis a procura de um objeto excepcionalmente vivo. De nós mesmos, até o momento, só conhecemos os tijolos de uma barreira meramente convencional.

Quem perder sua vida1 - esta sentença fulminante provavelmente nos adverte deste ser caricatural que criamos através dos inúmeros erros e inúmeras enganações abadônicas,

onde ao longo de nossa crua existência humana nos aguilhoamos. Um certo ar de bicho percorre nossas veias em busca dos órgãos mais vitais ao escutar este preceito. Uma peste negra, sanguinolenta, pérfida e voraz avança quando o navegante transpõe estas águas proibidas da alma humana. Este é um verdadeiro estranho em nós, medular a tudo! menos ao sol que aquece e fornece vida. Um preparar o morrer, eis a vida! – dizem os filósofos. Que coisa há de mais solitária que a morte? Ninguém poderá acompanhá-lo neste momento solene e único, somente as pessoas divinas e divinizadas na eternidade. Então, não configurará mais solidão ter tão nobres amigos a seu lado na passagem pela porta 1 Mateus 16:25. 7 estreita da vida. É por este motivo que disse momentos atrás que a real solidão é uma companhia sublime e perfeita, uma dama esperando seu par e vendo claramente que há entre eles uma unidade indissolúvel, embora distinta.

Ouso dizer que esta confusão generalizada entre identidade e personalidade está de alguma maneira mesclada com o medo profundo de buscar a soledade. Ainda assim acredito que no fundo das almas mais agitadas existe algum suspiro que aponte para aquela realidade invisível que é a fonte de todas as positividades. Vejo isto em mim mesmo, embora haja momentos em que ficar solitário é um convite a abertura de uma geladeira. Pois sim, sempre estamos à procura desta companhia agradável que preenche um espaço, mesmo que jamais ousamos rastrear, como diria Santa Teresa, os aposentos interiores que revelam o grande rei. Não, absolutamente. No mundo de hoje o castelo interior se transformou numa espécie de porão de quinquilharias e antigos fantasmas sobejados que as almas jamais devem chamar à luz. Não há nada lá que desejemos fuçar – dizem as más línguas... Prontos para tudo e para todos, fugimos da soledade como o diabo foge da cruz. Foi para isto que inventaram a maior das chupetas disponíveis no mercado de escambo fútil: a internet móvel. Nem sei se merece mais a alcunha de sistema de comunicação este artefato auxiliador de nossa fuga insana. Um verdadeiro canal telepático sob medida para o encaixe de nossas personalidades salteadoras. O sistema de comunicação à distância da internet é uma matriz superficial onde podemos exercer nossa misantropia nauseabunda sem ao menos estarmos sós. Esta é a última ferramenta do intruso em busca de trancar a porta e engolir a chave. Desde a disseminação massiva desse sistema, que nos traz o mundo às mãos (inclusive pessoas), as identidades passaram a se confundir cada vez mais com as personalidades, exatamente por que ali, naquele mundo comprimido, tudo o que somos torna-se construto meramente falso, incrivelmente superficial, fazendo com que nossa identidade concreta fique ainda mais perdida entre miragens e sonhos holográficos. De sonho em sonho, a realidade se confunde em seu contrário e, por esta razão, devemos destruir em nós o que há de contrário à suprema

realidade.

Longe dos acréscimos insanos da sociedade cada vez mais ilustrada pela antinaturalidade galopante, como um infante, bato a porta à minhas costas e saio das raias do conforto. É estranho sentir o som das buzinas e sirenes, das bocas e aparelhos do mundo elétrico que do lado de fora nos espera. As pessoas estão cada vez mais cheias de si e não mais suportam suas próprias faces ressequidas. Procuram reformar sua aparência dentro do elétrico vai e vem do sonho portátil. O silêncio evaporou – estou novamente na confusão do dia a dia. Alguns degraus e já estarei como o homem que saiu da caverna de Platão: na luz do sol, diante objetos reais. Neste caso, o simbolismo é inverso, e toda a significância se dissolve na insignificância regurgitante da diuturnidade. Malditas aranhas que nos prendem em suas teias invisíveis! Saindo de meu buraco luminoso, de minha caverna platônica invertida, caio na atmosfera de um sol negro, títere de figuras distorcidas e mórbidas em contraste estranho. A vida doméstica é a única coisa que nos restou de sadio. As ruas, mercados e praças públicas se tornaram cemitérios de almas nauseabundas e floridas imbuídas em encontrar elogios narcolépticos. Sair de casa num ambiente tão avesso ao silêncio de uma solidão pessoal é um exercício de guerra, uma contenda homérica. É como nadar num rio de piranhas famintas onde a paz só é encontrada quando uma delas se torna vegetariana. Óbvio que isto é um delírio poético de minha parte, pois, não há paz, somente piranhas vegetarianas... A paz verdadeira foi anunciada na hora zero da humanidade, mas esqueceram completamente... O que impera nos tempos deste que vos fala é a pax econômicas. Estar em paz é estar com dinheiro. O dinheiro permite e catapulta ainda mais nossa sede por companhia reles. É um facilitador na fuga da soledade. Um permutador absurdo de consciências e um redutor vazio de esperanças. Isto é deveras estranho. Sempre tive a impressão de que riqueza implica responsabilidade, e pobreza, liberdade. Ser rico implica para mim algum dever, ser pobre, algum querer. Não um querer de dinheiro, propriamente dito, mas um querer de responsabilidade. Sim, o pobre material requer algum tipo de responsabilidade que lhe falta, lhe escapa. Esta responsabilidade é o que se confunde, geralmente, com a ganância e o estado intermitente de desanimo e inveja. O que o pobre material deseja não é, ao contrário do que muitas vezes se pensa, a riqueza do vizinho, mas sim, o peso de sua responsabilidade. Isso está no fundo de sua motivação primária. Em contrapartida o rico se percebe livre por ter acesso a bens que ele mesmo não compreende como são, mas goza sereno. Ele não suspeita da perene liberdade de não ter que se responsabilizar pelo acúmulo destes mesmos bens. Se me perguntarem o que é melhor, ser o rico ou ser o pobre, deixarei a questão em branco. Eu, como um bom pobre, agradeço a

liberdade mendiga e assumo a responsabilidade servida. † Hoje, ao fim do dia, depois de horas e horas na linha tênue da vida e da morte - pois esta é a condição dos vivos em ato e mortos em potência -, li a seguinte passagem do santo Evangelho de São Marcos: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura!”. Palavras simples e misteriosas, um licor para a inteligência e um perfume para a vontade. Lembrei-me logo desta questão da riqueza como responsabilidade cabal e da pobreza como liberdade sempiterna. O que há nestas palavras para me remeter a esta questão? Acredito que o mundo criado é uma espécie de riqueza dada por Deus, e toda criatura, uma mera pobreza que o compõe. O Evangelho a ser anunciado é esta pessoa divina que habita em nós, ou melhor dizendo, três pessoas divinas. Elas devem ser anunciadas através do mundo inteiro, através da riqueza da obra de Deus a cada criatura que, de tão miserável e pobre, dependente e ínfima, fugaz e contingente, requer desta união tríplice e benfazeja a única coisa realmente mágica e substancial que podemos sonhar: sua companhia. Por este motivo, é melhor escutar o chamado e me ausentar por instantes. Esta passagem me convida a soledade, única plataforma segura onde poderei mergulhar no mistério de palavras tão simples.

A figura mais extraordinariamente digna de menção e louvores por tão majestosa afinidade à soledade, sem dúvida, é a Virgem Maria. Jamais existiu alguém neste mundo que esteve tão imerso na verdadeira soledade quanto tal bem aventurada mulher. Muito embora estivesse acompanhada de figuras do mais alto quilate, como por exemplo seu esposo humano José e seu filho divino Jesus, Maria encarnou maximamente o ideal de uma alma acompanhada no mais elevado silêncio e na mais fecunda solidão. Não existe quem a supere neste ponto. Maria desde sua infância foi fadada a grande contemplação da verdade, do princípio e do fim. Mulher de infinda estatura, ela foi criada unicamente para ser a pessoa humana mais perfeita possível, perfeita o suficiente para receber Deus em sua carne, seu sangue, sua alma. Para isto, ela mesma deveria ser o modelo de perfeição desta união íntima com Deus, deste casamento indissolúvel entre uma alma humana e o Senhor do universo; dentro das delícias de uma soledade mais bem acompanhada do que qualquer companhia - mesmo a dos mais belos anjos e mais santos homens. Maria é esta alma matter, alma feminina, alma por excelência, alma passiva que está em cada ser humano. Enquanto não formos tão silenciosos e solitários como o coração desta Senhora, jamais sairemos da agonia insossa que nos atrai ao abismo da distração. É nela que me espelho quando saio de casa e rumo ao trabalho diário. Maria está como selo em meu coração. Pretendo ser reconhecido por Deus colando-a neste meu coração homicida afim de Deus “confundi-la” comigo. Ah, se Deus não me visse e visse somente a Maria! Esta é minha esperança, pois conheço bem

que desconheço completamente meu próprio coração. Principalmente em tempos tão obscurantistas como os nossos, onde se quer conseguimos distinguir identidade e personalidade. Como mencionado antes, precisamos da destruição deste constructo falso que nos permeia. Não é uma questão de dualismo redundante, é uma necessidade primária. Sem esta decisão pessoal dificilmente nos esquivaremos das fuligens que sobrepõem nossa lamparina.

Somente o retorno a Deus. Não existe o eterno retorno, pois a ideia de retorno pressupõe a ideia de movimento que não é atribuível a eternidade. Não pode ser eterno de maneira alguma, haja visto que eterno é um só. Como tudo neste universo vasto e finito terá um fim, um termo, um ocaso, o movimento é mais uma destas coisas perecíveis. Somente o absoluto princípio que a nós baixou no culminar da desordem humana - por demais insistente - é digno de se afirmar eterno. E este absoluto não é um retorno, é um imóvel que move. Portanto, quando andamos dias e dias retornando quase que às mesmas vias e coisas e hábitos e ações, não creiamos que estamos num torvelinho de eterno retorno nietzschiano louco e desvairado. Estamos na representação límpida de uma biografia imortal, jamais esquecida pela mente de Deus. Este retornar, na verdade, é um retornar a si mesmo através das coisas, sugerindo que o bom Deus quer de nós uma maior afinidade com sua lei inexorável que nos dá ao longo do tempo as condições repetíveis para esta união querida. Não sair da rota, não pular fora do barco – eis o mistério desta limpidez. Todos os dias o sol surge para nos dizer que é vivo e mantido vivo por um espírito perfeito que o mantém na rota. Só assim se explica a magnificência de seu movimento tão simples e ao mesmo tempo tão terrível! O círculo é o símbolo desta totalidade real que dá forma ao sol, totalidade esta que não se pode confundir com o atributo que só a Deus pertence – o ser absoluto. Dizer que algo se representa por um círculo é uma maneira de colocar em evidência um certo conjunto, um certo limite, jamais o absoluto. Um limite, não uma infinitude, mas multitude pressuposta na unidade do próprio círculo. É por isso que podemos relacioná-lo, por exemplo, à nossa alma, a alma do homem, esta alma que é algo limitado, porém, repleto de qualidades múltiplas e variadas. Astrologicamente o sol é representado por um círculo que contém um ponto central. Este ponto seria o princípio daquilo que faz do próprio círculo algo real, mas limitado; um ponto de partida deste conjunto real que é o ser de alguma coisa. Eis ali o sol representado: um ser limitado, sustentado por um centro intangível. Este símbolo pode ser conversível a alma do homem que também é algo limitado e sustentado por um centro criador. Mas muitos representam com este círculo o próprio mundo que contém todas as almas viventes - sem perceber que a alma está no mundo, mas não é do

mundo, está apenas circunscrita nele como um ponto onde o centro é ela mesma. Esta perspectiva é completamente errada. Segundo consto, a alma não poderia ser algo contido no mundo já que não faz parte dele - apenas trafega em seu terreno. O mundo não limita a alma dentro de um círculo. Ao contrário! A alma contém e limita o mundo - kantismos à parte - pois é de natureza superior por ser imortal, enquanto o mundo, perecível. O mundo, aqui entendido como mundo cósmico, é apenas um ponto em relação a alma, um elemento feito para ela. Não como no exemplo do ponto que representa o princípio em relação ao sol, mas o ponto que simboliza uma pequenez comparativa em relação a alma. Nossa alma é de ordem superior e abarca o mundo se o mundo não a abarca-la antes. É por isto que espiritualmente devemos fazer algo, tomar partido, agir. A atividade espiritual é uma passividade interior que rompe um limite que nos é circunscrito. A soledade é um instrumento a mais para que esta membrana seja rasgada como o véu do templo, para submergirmos na verdadeira vida que está escondida no braço de Deus.

Esse “estar só” não significa a separação radical de tudo o que nos envolve, mas a mais perfeita união. É neste mistério invertido, estranho e pouco afeito aos discursos que estamos e devemos procurar estar mais e mais. O mundo da roda cósmica, o mundo do mundo, nos impele a fuga de tão deleitante momento, nos agita em movimentos. As parafernálias eletrônicas, febris e elétricas nos enrolam em uma corrente de danos invisíveis e insanos. A natureza morta, amorfa e celebrada se esconde entre o mar de artifícios humanos construídos para o novo deus do novo mundo: o bem estar. Este deus minúsculo e sedutor é inimigo mortal da soledade; algoz supremo do encontro com o princípio interior; feroz herdeiro da humanidade decaída no gênesis e das revoluções humanistas. Sub produto de uma marca fatal no homem, o bem estar, deus falso de deus falso, é a insídia mais sedutora do intruso que pervade os templos do único Deus. É na tentativa de subverter o verdadeiro conceito deste Deus escondido que todo o tecido da estrutura social e civilizacional se molda ao bem estar; por uma reivindicação do homem a um direito que nunca teve e a um dever por ele não mais cumprido que toda a alma é educada a se sentir acompanhada pelas diversas manifestações do mundo artificial enquanto se congela, solitária, em relação à verdadeira e salutar companhia. Por este motivo a oração cristã é o modelo máximo da soledade acompanhada. Quando Cristo nos recomenda entrar em nosso quarto, fechar as portas e orar em segredo para nosso Pai que está escondido, na verdade está nos apresentando uma realidade: que nós só encontraremos a verdadeira e majestosa companhia num ato de perfeito recolhimento dentro deste círculo inquebrável onde todas as coisas são deleitosas e ricas. Por isto o mundo regido pelo intruso e seus embrolhos nos quer tão longe de nós

mesmos e próximos de todas as coisas. Fiquemos com a recomendação do Cristo que nos diz para entrar no quarto – nossa alma – e como Marta – na soledade - contemplar sua face.

Fulgor e glória

Sempre pensei na vida como uma ode aos deuses. Mas, ao mesmo tempo, rejeitava toda a divindade latente que não fosse o simples existir ou o mero degustar de todas as peculiaridades desta vida. Olhando agora para esta minha pálida visão do passado, creio que sempre fui um sujeito bufão e refém de todas as animosidades expostas ao tempo, porém, convicto de uma suposta liberdade. Em poucas palavras: era um escravo sujeito a tudo e a todos; títere do poder dos mesmos deuses que rejeitava - com ênfase hercúlea - enquanto entes metafísicos desprovidos de verificação sensível. Sempre fui incrédulo demais para não acreditar em nada. Foi por este motivo, talvez, que caí nas garras do hedonismo sem medidas, das noites e cantinas enfumaçadas, entre ogros e cadáveres vivos, como hei de contar-lhes.

Passei longos anos de minha porca vida buscando a greta obscura por onde, provavelmente, nos escondiam um tal segredo, ah! aquele belo segredo que só os astutos destruidores alcançavam. Mentiras... meras mentiras. Tão logo ali, onde pensava atravessar

um limite, estava realmente o que nunca foi segredo: o mistério! e eu olhando para o outro lado... Foi por este mistério que desfiz minhas próprias ilusões. O segredo, na verdade, não existia, ou se, era apenas um artifício dos pequenos asseclas demoníacos por detrás das cortinas a assustar criancinhas tolas e sem imaginação. O mistério é realmente o que nos constitui, e é por este mistério, por amor a ele, que me desprendi de uma zona de escuridão jamais observada pela minha (nada) santa ignorância.

Foi numa daquelas noites normais, quentes e banais de segunda-feira que fui convidado pela primeira vez por um amigo a atravessar um limite realmente perigoso. Afinal, “não podíamos continuar aceitando passivamente o estabelecido”, como havia dito este que me convidou, ansioso por uma noite de núpcias ao estilo Blake. Ele havia fundado um pequeno clube informal de pessoas que desafiavam a razão e buscavam, pela rejeição profunda a ela, encontrar um outro reino, um reino escondido e sem limites, um reino velado pelo tal segredo. Era como se o véu do templo, rasgado, tivesse sido costurado por mãos burocratas, mãos de moeda, mãos de padre, e agora, pela distinta ação destes argutos aventureiros, rasgado novamente. Esta era a idéia: fugir dos limites impostos pela razão, que segundo este amigo e seus cupinchas, era a principal carrasca de nossa vontade livre.

Encostamos, ele e eu, na esquina ao lado de um bar onde ouvíamos o constante praguejar de homens que, enquanto tomavam um trago, assistiam ao noticiário nacional. Era a mesma pauta de sempre: política, futebol e uma dose de tragédias. O suficiente para “prender a atenção de quem já não estava de posse dela há muito tempo”. Isto foi o mote pelo qual me foi feito o convite para participar de um dos encontros do seleto grupo de pseudo iluminados, que aconteceria a instantes, tão logo chegassem os outros três encarregados de trazer aquilo que chamavam alimento de libertação - “Em breve estarão aqui”, disse-me sorridente e cheio da mais alta ansiedade. Não me relatara, até então, os detalhes deste segredo tão bem guardado. “Em breve, em breve”, não parava de repetir até olhar um dos homens que estava no bar sair tropicando pelas calçadas, resmungando algo sobre a classe política deste país. “Veja”, disse-me em tom de asco, “eis aí um destes que se entregaram completamente ao sistema. Um tolo, seguidor profundo de sua razão prática. Não é capaz de enxergar o que se esconde profundamente em seu âmago, o segredo dos segredos! Sua vida nada tem de valoroso, pelo contrário, é o que há de mais odioso e infame. Quem me dera adiantar o processo de sua decomposição chutando-lhe a bunda suja em direção a cova mais rasa”. Apesar de ter rido de suas palavras, senti um incomodo estranho que não advinha de nenhum senso moral que, absolutamente, naquele tempo não tinha. “É um pobre diabo”, comentei mais por adequação ao cenário do que por convicção pessoal.

“Antes fosse, meu nobre, antes fosse”, redarguiu meu obscuro amigo com as antenas ligadas em direção a praça defronte, donde deveriam surgir os que esperávamos.

Alguns minutos se passaram antes de chegarem. Tempo o suficiente para abrasar um cigarro e perguntar qual a natureza do encontro daquela noite. Com um olhar cínico e altivo, ele fez uma leve pausa enternecedora que preparou um verdadeiro discurso alusivo à natureza da reunião que viria a seguir:

“Meu chapa, você está prestes a romper com os limites da sua própria imaginação. Está na eminência de distanciar-se completamente de tudo quanto lhe foi dito e imposto até então. Veja este mundo, que sentido vês neste mundo doente e mecânico? Já se perguntou o porquê disto tudo? O porquê de sua existência, de suas expectativas, de seus deveres? O porquê de termos de corresponder diariamente a um destino que nos foi imposto por mãos de porcos? Não, meu nobre, não creio que tu chegaste a este limite. Mas sei que procuras romper com esta sua inquieta dúvida, que mais poderia chamar de dívida. Se não, estaria aqui em plena segunda ouvindo este pobre diabo? Jamais. A pergunta é: para quem tu deves? A Deus? A sociedade? A tua família? Tu não deves a ninguém, meu chapa, a não ser a esta senhora que te escraviza desde o momento em que fostes emancipado de sua infância! Quando perdeu para ela sua inocência, não mais se lembrou de quem o assaltou, não recordou mais quem dirige sua vida concreta. É a esta maldita que iremos sacrificar na noite de hoje, em plena segunda-feira, dia ideal, dia em que todos estão reiniciando um processo sazonal de martírio cego. É toda a segunda-feira que nos sujeitamos a ela, a razão! esta meretriz encarniçada que nos reduz a meros objetos nas mãos uns dos outros. Monstros coletivos sem sede de poder, sede de vontade de poder! Sede de vida...”.

Neste momento, no auge de sua explanação, ao mesmo tempo louca ao mesmo tempo circense, foi interrompido pela visão dos três elementos aguardados com atroz desejo. Com acenos cômicos e exagerados, sorrindo e soltando grunhidos glossolálicos, buscou chamar a atenção dos três rapazes que vinham cruzando a praça, um deles segurando uma sacola. Eram os tais que deveriam estar trazendo o dito alimento. Ao se aproximarem nos cumprimentaram discretamente, um tanto quanto apressados. Se apresentaram de maneira eufórica, porém, disfarçada. Era óbvio, para mim, que se tratava de alguma atividade ilegal o que estávamos prestes a fazer, o que muito me agradou, já que queria entrar naquele clima de rompimento descrito anteriormente pelo amigo facínora. Por este motivo, atiramos os cigarros ao longe e subimos a rua ao lado de uma Igreja em direção a casa onde as reuniões eram feitas. A casa ficava nos fundos desta Igreja, lugar bastante vulnerável aos olhos alheios, mas, ao mesmo tempo, escondido por uma fileira de casebres bem constituídos que

davam a impressão de uma coleção de quartos para velhos em um asilo. Ao chegarmos no portão, percebi que alguém nos esperava em seu interior. Era a mãe, senhora de idade, boa saúde, simpática e acolhedora, típica mamãe que faz tudo pelo filho. Me lembro de cumprimentá-la pedindo-lhe licença e limpando os pés no capacho de entrada. Dava-me a impressão de que estava a nossa espera, não por que se inteirava da natureza do encontro, mas por ter-nos preparado um frugal lanche de entrada - uma maneira solícita de acolher os amigos de seu venerável menininho. "Não se preocupe, não se preocupe, ainda posso varrer a casa", exclamou ela ao perceber que um dos rapazes, alto e desengonçado, pés enormes e tênis exageradamente sujos de barro, havia deixado um rastro marrom pelo corredor. Estava tão ocupado pela visão das guloseimas que simplesmente perdeu o juízo e disparou em direção à mesa. "É assim mesmo, os meninos sempre chegam aqui com o apetite a toda", sorriu dizendo e pegando a vassoura.

Sentei-me a mesa e logo pensei estar começando o tal encontro. Mas não. Estávamos apenas lanchando e nos preparando. Precisávamos, segundo o anfitrião, "estar de bucho cheio para aguentarmos as atividades correspondentes". Que atividades seriam estas? passei a me perguntar. A atmosfera de segredo prévio me agradava, conforme minha própria natureza inclinava, porém, algo já me incomodava em relação ao que viria. Começou a correr pela pele uma sensação insalubre de angústia conforme via os colegas a mesa entupirem a boca de biscoitos, bolos e café. Eu, como sempre, apenas belisquei. O café, praticamente exterminei da garrafa.

Após alguns instantes, percebi que a senhora estava já ausente da cozinha. Havia sumido como um espectro. Notei que, numa porta que ficava no corredor que levava à cozinha, uma luz fraca vazava por debaixo. Imaginei ser ali os aposentos da velhota. *"Tudo tranquilo, a velharia pôs-se a dormir"*, deduziu um dos à mesa, justamente o que menos chamava a atenção pelas aparências. *"Vamos aos finalmentes"*, redarguiu contente o líder do bando acendendo um cigarro ao recostar à cadeira. *"O negócio é o seguinte"*, continuou ele se dirigindo aos demais, *"como sabem, convidei um novo membro para nosso grupo e apresento-lhes devidamente convicto. Vejo um potencial imenso neste nobre rapaz. Percebo nele o quanto há de revolta por não conseguir se adequar a aquilo que tanto buscamos destruir: a razão e sua consequência direta, a falsa consciência!"*.

Neste momento saltou em mim uma sensação súbita que me fez não querer mais estar ali. De fato, eu tinha lá minhas dúvidas e meus questionamentos em relação a vida, a existência, ao mundo e a tudo que me cercava desde que me fiz gente. Mas não a ponto de lançar para a razão a alcunha de inimigo mais vertiginoso da face da terra. Mesmo assim,

quis ver onde tudo daria. *"Destruindo a razão, meus camaradas, estaremos acima de toda e qualquer subtração da nossa natureza de homens! Nos tornaremos, assim, super-homens, criadores de mundos e destruidores das doenças do espírito! Pois, o espírito, nada é de imaterial ou metafisico, e sim, de sensível, corpóreo e sadio por excelência! Não podemos nos curvar a dois milênios de invencionices humanas degeneradas que buscam aplacar nossas reais potencialidades minando aquilo que há de mais fenomenal em nossas existências: a vontade livre e soberana! A razão é o câncer pelo qual o homem passou a se tornar escravo de si e do outro, enfraquecendo sua vontade e atrofiando seu 17 próprio espírito. Apenas abolindo-a, constantemente, poderemos retornar a este estado primaveril de delícia e gozo, como os antigos gregos falavam"*.

A esta altura, toda a impressão anterior cessou. Passei a navegar dentro deste discurso que, sem dúvida alguma, chamava minha atenção. Chamava minha atenção como uma musa nua e aromática, prestes a derreter no calor escaldante, chama um mancebo para uma cama coberta de lençóis da mais fina seda e com as mais belas flores frescas do campo. Aquilo me atiçou os neurônios. Continuei atento. *"Então, queridos amigos, mais um se faz presente em nossa mesa. Mais um irá tomar o alimento sagrado pelo qual a mãe natureza nos designou para reestabelecer o equilíbrio perdido. Será iniciado desde já no profundo segredo que inspirará a humanidade vindoura a uma rebelião contra o vírus da razão que nos despoja da força! Suprimindo esta falsa consciência comum, alcançaremos o resultado esperado"*. E depois, tudo começou.

Após o fatídico dia em que me aventurei na esteira de conjuração contra a malfadada razão, passei a frequentar ambientes que, outrora, me pareciam impossíveis. Bares obscuros, tabernas noturnas, cemitérios e estradas remotas. Estes eram nossos lugares, principalmente, nas madrugadas de segunda-feira. Tínhamos uma predileção por este dia. Profaná-lo era como profanar o mundo a nossa volta e suas leis aparentemente inexoráveis. Numa dessas noites, deitados no meio de uma rodovia sem iluminação que não a dos múltiplos astros no céu, passei a me perguntar o porquê da existência. Como era possível estarmos ali, embriagados, vagabundos, errantes, enquanto todo aquele sistema acima, no céu, se mantinha imóvel, rígido, impenetrável. Num relance percebi que na verdade não era tão imóvel, rígido, muito menos impenetrável. O universo tem um movimento que empurra as coisas aqui embaixo. De certa forma ele é as coisas aqui de baixo, mas numa outra escala, numa escala mais monótona e fixa. Não é rígido, mas totalmente maleável, pois só assim o movimento total coincidiria com os pequenos movimentos parciais. Não podia ser impenetrável, pois, naquele momento, ele estava em mim e eu nele, portanto, possuidores

um do outro. Me fiz a pergunta: existe um deus que coordenaria todas estas coisas? A resposta durante toda minha vida foi negativa. Mas naquele momento, com aqueles parceiros ao lado, cantando e blasfemando contra tudo e contra todos, senti uma voz sussurrar em meus ouvidos. Era ela, ela que tanto buscávamos destruir com besteiras a mil: a razão. Me pediu que confiasse nela por um instante. Sugeriu-me que buscasse na própria percepção do real a confirmação de que nada pode existir ordenadamente sem ser por meio de uma inteligência racional. Imediatamente saltei daquele asfalto! Olhei para as mais longínquas estrelas e todo o rastro luminoso que por elas pintavam a negrura total daquele céu, e disse: há um deus, com razão!

As quatro cabeças que estavam ali comigo, caladas, me olharam com incredulidade. Que raios este cara está falando? - percebi em seus semblantes. Dois deles, após este momento inicial de espanto, aproveitaram para encher seus copos vazios e voltaram a posição anterior. Os outros dois, sendo um deles o meu amigo menestrel, continuaram a me fitar aguardando o momento em que conseguiriam pronunciar alguma sentença acusatória. Enfim, uma risada aguda e ridícula foi ouvida vinda das entranhas destes dois delinquentes. Não se aguentaram e, ao invés de repreensões a minha epifania pessoal, gargalhadas foram o suficiente.

Após um breve momento, enquanto a lua sorria para mim e derramava seu leite cósmico de uma luz emprestada, fui interrogado com gravidade pela chefia. *"Pois bem, camarada, pois bem. Vejo que teve uma recaída. A expressão que usastes para definir esta sua impressão está totalmente formatada pelo império racional. Sócrates era um moribundo, já dizia Nietzsche! Simplesmente por deitar no colo desta grande prostituta. Venha cá"*, me chamou de lado colocando o braço sobre meus ombros e caminhando sofregamente devido aos efeitos do álcool, *"ela te pegou por um breve instante, esta matrona. Não a deixe seduzir. Olhe para a natureza, nela nada há desta maldita razão, apenas vontade de poder. Não há sentido a não ser a falta de sentido. Não há deus senão os deuses humanos, as formas humanas inspiradoras e concretas. Não antropomorfize este mundo, o único que há! Delicie-se pelo fulgor maravilhoso da vida! Esqueça o amanhã, apague o ontem, viva plenamente o momento!"*

Fulgor, fulgor maravilhoso da vida... Como um fósforo que acende e apaga após breves instantes? Não era isso que a voz maravilhosa, a voz sem som que cantou em meus ouvidos através da inteligência dizia. A voz doce e suave que não impingia nenhuma determinação, mas tão somente, incitava minha verdadeira liberdade. Imediatamente detive-me neste pensamento, e vendo como a barbárie tomava conta daqueles corações revoltados,

buscando mais do que tudo suprimir sua própria liberdade em nome de uma liberalidade cega, parei de cabeça baixa a fitar o chão, o chão que parecia naquele momento um reflexo do céu estrelado e longínquo. O asfalto brilhava, mas não era ele, era minha própria inteligência que percebia o distanciamento infinito entre o brilho momentâneo de uma existência cintilante, porém, perecível, e a glória de sua culminação robusta e eterna no ser inteligente que nos sustem. A glória! era isto que procurei a vida toda sem saber. A glória, aquela que por uma promessa feita nunca acabaria. Neste instante pude ver claramente o absurdo daqueles a quem acompanhava pelas cantinas enfumaçadas, pelas noites sem fim. Eram eles os ogros e cadáveres vivos, buscando, como fósforos, o fulgor de uma existência assaz servil. Servil, pois se emaranhavam cada vez mais na destruição de si mesmos e daquilo que constituía suas naturezas: a razão, que não era sua inimiga mortal, era sim, sua raiz primordial sem a qual perderiam seu talento. Eles próprios eram seus algozes! Eles próprios desejavam a destruição de si mesmos enquanto intitulavam esta vítima de *razão*!

Levantei a cabeça e vi, três homens que rejeitavam o convite do céu. Três almas que repudiavam a si mesmos fingindo amores. Três condenados representando o papel de verdugos. Não pude conter a onda de piedade que me tomou. Neste momento, olhei nos olhos deste meu amigo que mais parecia um espantalho decorado de açúcar. Toquei seu ombro com a mão direita e lhe disse, *"Meu caro, agradeço os momentos em que me proporcionastes a ilogicidade total, a irracionalidade animal e a ebriedade dionisíaca, mas, devo ser sincero, daqui irei retornar para aquilo que tu chamas sistema racional. Irei procurar uma boa esposa, um emprego digno, constituir família e morrer nos braços de quem carreguei nos braços. Irei viver e morrer por aquele que vive e morre por mim: a razão de tudo. Não irei jogar na lata de lixo do Scheol a única oportunidade que me foi dada desde a origem dos tempos. Se fores safo, siga-me, como eu te segui desde o convite para a reunião de meses atrás. Mas se não, Deus lhe cuide, para não cair nas garras de si mesmo. Passar bem."*

Segui estrada à fora, caminho contrário, convicto de que seis olhos me olhavam estranhos, gargalhando e cuspindo à minhas costas. Deixei lá o homem que fui por fagulhas de fulgurantes momentos, o homem que não foi. Rumei em direção ao oriente, onde o sol se levanta e a aclara, com sua glória misteriosa, a terra seca e refém da noite escura.